

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

Érika Cristina Castro de Oliveira

**THOMAS MERTON E O SALTO DA FÉ**

Juiz de Fora

2016

Érika Cristina Castro de Oliveira

**THOMAS MERTON E O SALTO DA FÉ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião. Área de concentração: Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo.  
Orientador: Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira

Juiz de Fora

2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de  
geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Castro de Oliveira, Érika Cristina.

Thomas Merton e o salto da fé / Érika Cristina Castro de Oliveira.  
– 2016.  
153 p.

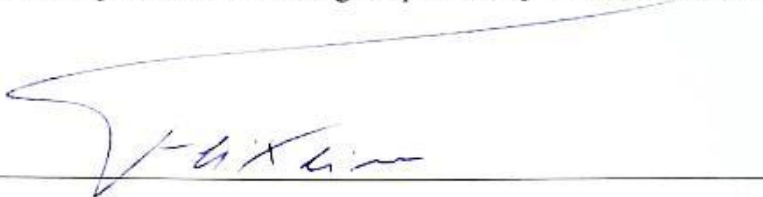
Orientador: Faustino Luiz Couto Teixeira  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz  
de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de  
Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2016.

1. Conversão. 2. Crise. 3. Literatura. 4. Amizade. 5. Graça. I.  
Couto Teixeira, Faustino Luiz , orient. II. Título.

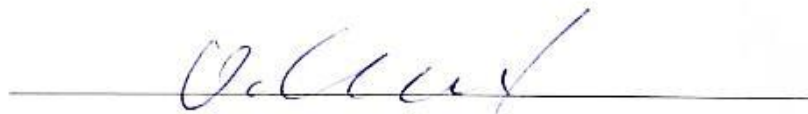
## THOMAS MERTON E O SALTO DA FÉ

Èrika Cristina Castro de Oliveira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião. Área de concentração: Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo, aprovada pela seguinte Banca Examinadora:



Orientador: Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira  
Universidade Federal de Juiz de Fora/MG.



Prof. Dr. Volney José Berkenbrock  
Universidade Federal de Juiz de Fora/MG



Prof. Dr. Marcelo da Silva Timotheo da Costa  
Universidade Salgado de Oliveira/RJ

Conceito:     " A "    

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

À minha filha, Isabella.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo e pelo todo.

Ao meu orientador, Professor Doutor Faustino Luiz Couto Teixeira, por ter me dado a honra de conhecer os Buscadores do Diálogo, pelo apoio e por acreditar em meu trabalho.

Aos professores participantes da banca, pelo desvelo ao texto e por suas profícuas observações.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação de Ciência da Religião, especialmente Prof. Dr. Clodomir Andrade e Prof. Dr. Jonas Ross, aos quais tenho alta estima e reconhecimento. Ao Secretário Antônio, sempre solícito.

Às colegas do grupo de estudo, Adriana, Carolina, Deborah, Luciana, Norma e Suzana, pela acolhida.

À Ana Maia, Elainy e à Mônica, companheiras no inglês.

Aos colegas Álvaro, Gilciana e Elisângela, pelas trocas de ideias e risos. Ao Sibélius, que sempre esteve presente com suas dicas e apoio.

À Rozzires, minha tia, pelas longas e emocionantes conversas e por toda a contribuição presente em cada página desta pesquisa.

À minha filha, Isabella, por sua compreensão quanto aos momentos de ausência. Aos meus irmãos, Rodrigo e Guilherme, pelas vibrações positivas.

Ao meu pai, Wanderley, por sua leitura e comentários enriquecedores.

À Universidade Federal de Juiz de Fora e ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião.

À CAPES, Instituição financiadora da Pesquisa, pelo apoio dedicado a tantos pesquisadores.

Gratidão!

“Deus, tem compaixão de mim na cegueira na qual espero estar buscando a Ti”.

Thomas Merton

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo elencar, de forma panorâmica, as motivações pelas quais Thomas Merton se viu envolvido a ponto de realizar seu salto da fé. Sua conversão à Igreja Católica-Romana foi edificada através de um processo complexo, de idas e vindas, no âmbito da fé. Prefigurada pela arte, foi sendo tecida pela literatura, pela amizade, pela crise e, antes de tudo, pela graça. O presente trabalho visou traçar os caminhos trilhados por Merton desde sua infância, abordando características relativas ao seu temperamento, às suas relações familiares, à sua religiosidade, à sua juventude e às suas experiências acadêmicas e intelectuais. Foram incluídos na análise aspectos morais e afetivos, sua abertura para o transcendente e as reverberações de tais vivências, atingindo sua primeira fase como monge trapista. Sua *metanoia* não se reduziu a apenas um instante. Difundiu-se por toda sua existência, embora este texto tenha se limitado ao período de seu noviciado e à época de seus primeiros votos. A metodologia utilizada fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica, com relevo na perspectiva histórica, tendo por obra norteadora sua própria autobiografia, intitulada *A montanha dos sete patamares* (1948).

Palavras-chave: Conversão. Crise. Literatura. Amizade. Graça.



## ABSTRACT

This research aims to list, so panoramic, the motivations for which Thomas Merton was involved to the point of performing his leap of faith. His conversion to the Roman Catholic Church was built through a complex process of comings and goings concerning the faith. Prefigured by the art, it was being weaved by literature, friendship, by the crisis and, above all, by grace. The present work aimed to trace the paths Merton travelled by from his childhood, approaching features in his temperament, to his family relationship, his religiosity, his youth and his academic and intellectual experiences. Also was included affective and moral aspects and his openness to the transcendent, and the reverberations of such experiences as he reached his first phase as a Trappist monk. His *metanoia* was not reduced to only an instant. It was spread throughout his whole existence, although this text has been limited to the period of his novitiate and at the time of his first vows. The methodology is based on a bibliographical research, with emphasis on historical perspective and guided by his own autobiography *the mountain of the seven levels* (1948).

Keywords: Conversion. Crisis. Literature. Friendship. Grace.

## LISTA DE ABREVIATURAS DAS OBRAS DE THOMAS MERTON

AS	Águas de Siloé
AsV	Ascensão para a verdade
AV	Amor e vida
DSTM	Diário secular de Thomas Merton
ES	Entering the silence: becoming a monk and writer
HI	Homem algum é uma ilha
LS	Na liberdade da solidão
MSP	A montanha dos sete patamares
MI	Merton na intimidade: sua vida em seus diários
QA	Questões abertas
REC	Reflexões de um espectador culpado
RJ	The road to joy: letters to new and old friends
RM	Run to the mountain: the story of a vocation
SeD	Sementes de destruição
HN	O homem novo
SJ	O signo de Jonas
MAG	My argument with Gestapo: a macaronic Journal
VS	A vida silenciosa

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 O HOMEM THOMAS MERTON</b> .....	19
2.1 FAMÍLIA E INFÂNCIA .....	19
2.1.1 Temperamento e aspirações.....	19
2.1.2 Influências religiosas.....	23
2.1.3 Vivência amarga no Liceu de Mountauban.....	25
2.2 A ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: RELIGIOSIDADE E CONFLITOS .....	28
2.2.1 Ripley Court e a fé natural.....	28
2.2.2 Oakham e as revoltas intelectuais .....	31
2.2.3 Viagem a Roma de Deus.....	35
2.3 NO LIMIAR DO ABISMO .....	41
2.3.1 O labirinto.....	41
2.3.2 Conflitos morais .....	44
2.3.3 Inferno e Purgatório de Dante Alighieri.....	49
<b>3 DA VANIDADE AO AMOR DE CRISTO</b> .....	52
3.1 PRIMEIROS PASSOS NA AMÉRICA .....	52
3.1.1 Elucidações sobre o universo de Columbia .....	52
3.1.2 Reverberações comunistas: uma conversão moral.....	54
3.1.3 Efervescência Intelectual: pensamento e ação .....	58
3.2 INFLUXOS LITERÁRIOS .....	62
3.2.1 A leitura de Étienne Gilson e o novo conceito de Deus.....	62
3.2.2 Aldous Huxley e o despertar para o misticismo.....	67
3.2.3 A influência de William Blake e Jacques Maritain: amor e virtude.....	69
3.2.4 As influências de Gerard Hopkins e James Joyce.....	72
3.3 PHILIA COMO MOVIMENTO DA GRAÇA.....	76
3.3.1 A amizade como fio condutor .....	76
3.3.2 A hospitalidade dos mestres.....	79
3.4 METANOIA .....	83
3.4.1 A graça da conversão.....	83
3.4.2 Batismo .....	90

<b>4 DEPOIS DO SALTO DA FÉ</b> .....	95
4.1 CONSCIÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO .....	95
4.1.1 A conversão no âmbito das ideias.....	95
4.1.2 Efeitos morais e espirituais da guerra.....	99
4.1.3 Influências franciscanas .....	105
4.2 ESPAÇOS PARA A TRANSCENDÊNCIA .....	111
4.2.1 Revelações nas igrejas de Cuba e o contato com o mistério de Deus .....	111
4.2.2 Novas vivências em São Boaventura .....	116
4.2.2.1 Retiro em Getsêmani.....	120
4.2.3 A Casa da Amizade”.....	123
4.3 REFLEXÕES DE UM FUTURO CONTEMPLADOR ATIVO.....	126
4.3.1 Ordem dos Cistercienses da Estrita Observância.....	126
4.3.2 Vida de monge.....	130
4.3.3 No ventre do paradoxo .....	137
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	144
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	148

## 1 INTRODUÇÃO

Não sei como resumir aquele homem [...]. Salvo para dizer que ele era uma contradição. Viveu no centro da cruz, onde os dois braços se encontram. Talvez, poderíamos dizer, no coração da vida. Imagino que em nenhum outro lugar a contradição é reconciliada<sup>1</sup>.

O Cristianismo, em termos de conversões e conjuntos de valores, destaca-se em sua importância, no cenário das religiões, desde seus primórdios. Foram as conversões, aliás, as principais responsáveis pelo seu célere crescimento nestes primeiros séculos. Numa concepção teológica clássica, embasada no pensamento de Agostinho e São Tomás de Aquino, é a conversão um processo no qual o ser responde positivamente ao chamado de Deus. Comumente, ela ocorre de forma gradual; outras vezes, realiza-se através de vivências intensas, originando uma radical transformação no âmbito intelectual-emocional do converso<sup>2</sup>.

O termo latino *conversio* possui correspondência com dois termos gregos de significados diferentes. Um sentido seria a *epistrophè* ou “mudança de orientação”, denotando um retorno a si e à origem. Outra forma seria a *metanoia* ou “mudança de pensamento”, “arrependimento”, implicando mutação e renascimento. Na conversão, a ideia de “retorno à origem” se opõe à ideia de “renascimento”, concepção presente no mundo ocidental desde a origem do Cristianismo. É importante ressaltar que o fenômeno da conversão sofreu certa evolução histórica, podendo apresentar-se sob várias nuances: histórica, teológica, filosófica, sociológica, psicofisiológica.

A conversão cristã é, no entanto, *epistrophè* e *metanoia*, ou seja, é retorno e renascimento. Sob um ponto de vista, vislumbra-se o homem em sua liberdade com sua capacidade de se “transformar totalmente reinterpretando seu passado e seu futuro; por outro lado, ele revela que essa transformação da realidade humana resulta de uma invasão de forças exteriores ao eu, quer se trate da graça divina ou de um constrangimento psicossocial”<sup>3</sup>.

A história do Cristianismo traz na bagagem inúmeros relatos de conversões veneráveis,

---

<sup>1</sup> KELTY, Pe. Mathew. **Uma carta sobre a morte de Thomas Merton**. Disponível em: <<http://reflexoes-merton.blogspot.com.br/2008/12/uma-carta-sobre-morte-de-thomas-merton.html>>. Acesso em: 24 out. 2014. Trecho da carta escrita pelo **Pe. Mathew Kelty (da Ordem de Cistercienses da Estrita Observância)**, monge do **Mosteiro Trapista de Nossa Senhora de Getsêmani**, por ocasião da morte de **Thomas Merton**, em 10 de dezembro de 1968.

<sup>2</sup> LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. **Dicionário de teologia fundamental**. Petrópolis, Aparecida: Vozes, Santuário, 1994, p. 144.

<sup>3</sup> HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e Filosofia Antiga**. Coleção Filosofia Atual. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 204.

e a conversão de Thomas Merton não seria uma exceção, pois, segundo Walter E. Conn<sup>4</sup>, ela está talvez entre as mais bem documentadas, uma vez que “a história de Merton fornece um exemplo impressionantemente vívido e perfeitamente focado nas complexas dimensões da conversão cristã”<sup>5</sup>.

Thomas Merton veio à luz recepcionado pelos frios abraços da guerra. Experimentou o sabor amargo de seu século, mas acabou por reconciliar-se consigo próprio e com o mundo. Recebeu sua formação na França, passando por Cambridge, Inglaterra, conseguindo sua graduação em Nova York, na Universidade de Columbia. Após um breve contato com o Comunismo, ingressou na Igreja Católica, no ano de 1938. Apenas três anos depois, no ano de 1941, Merton tornou-se monge trapista<sup>6</sup> da Ordem Cisterciense da Estrita Observância (OCSO), comunidade monástica na Abadia de Nossa Senhora de Getsêmani, em Kentuck, EUA, onde permaneceu até 1968, ano de sua morte.

Merton foi um escritor religioso muito lido nos Estados Unidos. Padre Horrigan, um dos observadores do Vaticano II, percebeu o prestígio de Merton na Europa apontando que naquele continente todos sabem onde fica Kentucky e que Merton lá viveu<sup>7</sup>. Dedicando também sua vida à escrita, Merton abordou temas como a vocação monástica, seus conflitos enquanto monge, o papel das orações e da fé no caminhar humano, a questão da guerra. Suas obras foram traduzidas para outros idiomas, ultrapassando o número de quarenta em língua portuguesa. Entretanto, quando o assunto é diretamente sua conversão de 1938, tem-se um número reduzido de obras, cabendo à sua autobiografia, *A montanha dos sete patamares* (MSP), a obra de destaque quanto ao tema.

Em outubro de 1946, Merton enviou o manuscrito da referida obra à sua agente literária, Naomi Burton. Em 11 de julho de 1948, recebeu seu primeiro exemplar, que se transformou num *Best-seller*, traduzido para mais quinze idiomas. Vale ressaltar que a escrita de tal obra foi realizada sem que Merton se atentasse para o público que desejaria atingir, afirmando ainda ser

---

<sup>4</sup> Walter E. Conn é professor de Teologia e Estudos Religiosos da Universidade de Villanova, Estados Unidos. É também o editor de *Horizons*, revista da Faculdade de Teologia. Em sua obra **Christian conversion: a developmental interpretation of autonomy and surrender**, o autor realiza um trabalho detalhado sobre a conversão de Thomas Merton abarcando concepções de áreas como a psicologia e a teologia.

<sup>5</sup> CONN, Water E. **Christian conversion: a developmental interpretation of autonomy and surrender**. Eugene, Oregon: Wipf and stock Publishers, 1986, p. 159.

<sup>6</sup> Expressão utilizada para designar a “Ordem Religiosa monacal conhecida por Cistercienses Reformados” (SCHLESINGER; PORTO, 1995, p. 2548). O assunto será desenvolvido no item 4.3.1 *Ordem dos Cistercienses da Estrita Observância*.

<sup>7</sup> SILVA, Ir. Maria Emmanuel de Souza e. **Thomas Merton: um homem feliz**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p.45-46.

esse o único livro merecedor de respeito que até então havia escrito. A venda de quatorze mil cópias já estava garantida por dois clubes do livro e pela *Catholic Literary Foundation*, em Milwaukee. Em 1959, MSP atingiu mais de 600 mil exemplares, chegando a ser comparado às *Confissões* de Santo Agostinho<sup>8</sup>.

Ao escolher o título ao qual Merton dedicou as páginas que narraram sua trajetória de converso, o autor deparou-se com a sugestiva ideia de montanha dentro da mística cristã. Para os místicos, o acidente geográfico é uma forma de se representar a escalada da alma rumo à perfeição, “chamada a escalar as árduas trilhas que a levarão ao cume da união com Deus”<sup>9</sup>. *A Montanha dos sete patamares* representou, justamente, a ascensão do autor em sua laboriosa jornada.

O Brasil talvez possa ser considerado o país que mais publicou as obras de Merton, por meio da tradutora oficial e responsável pela maior parte dos livros traduzidos em nosso país, a Ir. Maria Emmanuel de Souza e Silva<sup>10</sup>. A Editora Vozes ganhou destaque dentre as diversas que se propuseram a publicar as obras desse autor. Através de pequeno artigo escrito em 1969 por Ir. Maria Emmanuel, sob o título: *Thomas Merton: Um homem feliz*<sup>11</sup>, houve grandes esclarecimentos acerca do converso. Livros, fotografias, entre outras recordações trocadas entre Merton e Ir. Maria Emmanuel encontram-se guardadas na biblioteca do Mosteiro da Virgem, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro.

Apontado por Alceu Amoroso Lima<sup>12</sup> como “o Newman do século XX”<sup>13</sup>, percebe-se uma grande estima e simpatia pela figura de Merton naqueles que lidaram com ele pessoalmente ou através de suas obras. Ir. Maria Emmanuel relatou que, quanto àqueles que tiveram

---

<sup>8</sup> SILVA, Ir. Maria Emmanuel de Souza e. **Thomas Merton: um homem feliz**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 20.

<sup>9</sup> CORBIN, Alain. (Org.). **História do cristianismo: para compreender melhor o nosso tempo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 312.

<sup>10</sup> SILVA, Ir. Maria Emmanuel de Souza e. **Thomas Merton...** Op.cit., p. 12. OSB, (1912-2002). Nascida na cidade do Rio de Janeiro, dedicou-se durante algum tempo como assistente social em favelas nessa cidade. Iniciou sua amizade com o monge trapista no ano de 1955, época onde ocorreu no Rio de Janeiro o Congresso Eucarístico Internacional. Ir. Maria Emmanuel lhe endereçou uma carta solicitando-lhe que fizesse a versão em inglês da letra constituinte do hino oficial do Congresso, tendo por autor Dom Marcos Barbosa, OSB. Mediante a resposta positiva, têm início vastas correspondências entre ambos.

<sup>11</sup> Teve, por primeiro título, *Thomas Merton: O homem que aprendeu a ser feliz*.

<sup>12</sup> Alceu Amoroso Lima foi um escritor, crítico literário, professor, pensador e líder católico brasileiro. No ano de 2014, foi defendida na UFJF, sob a orientação do Prof. Dr. Faustino Teixeira, a dissertação intitulada *A reconversão de Alceu Amoroso Lima a partir da troca epistolar com Jackson de Figueiredo*, por Fábio Luís de Almeida Leite. LEITE, Fábio Luiz de Almeida. **A reconversão de Alceu Amoroso Lima a partir da troca epistolar com Jackson de Figueiredo**. (Dissertação de Mestrado). Juiz de Fora: UFJF, 2014.

<sup>13</sup> SILVA, Ir. Maria Emmanuel de Souza e. *Op. cit.*, p.47.

oportunidade de conviver com Merton, expressaram que dele emanava simplicidade e compaixão, que possuía um “coração de menino”. Timóteo Amoroso, correspondente e também tradutor das obras mertonianas, diz ter aprendido por tais influências a seguir a Deus, bem como a amá-lo. Dalai Lama via em Merton umas das fontes de sua inspiração e apontou que, através dele, tomou conhecimento da riqueza do cristianismo e de sua fé. Para o pesquisador Francisco Pascual, Merton serviu de exemplo a muitas pessoas<sup>14</sup>.

Frequentemente, o jovem estudante a caminho da sua conversão não é o objeto central das reflexões e estudos acadêmicos, pois esses estão concentrados primordialmente no período de sua vida monástica. Com relação especificamente à conversão de Merton, ponto central das fruições de sentidos possíveis, Lima assinalou três estágios vividos por ele: no primeiro, encontramos Merton enquanto jovem envolto por revoltas, resultado de seu tempo, que o aproximaram do Comunismo; num segundo momento, sua frustração com o movimento político do qual se aproximou, afastando-se, pois, dessa realidade e convertendo-se ao catolicismo; por fim, sua fase contemplativa, enquanto monge.

Merton chegou também a dividir sua trajetória espiritual. Estaria ela dividida em quatro estágios, como apontou Sibélius Pereira: um período inicial, referenciando seu noviciado (1942 – 1944); outro abrangendo seus primeiros votos até o momento de sua ordenação (1944 – 1949); o terceiro, conforme Merton, a partir do momento de sua ordenação (1949) até o ano de 1955, quando se tornou mestre de noviços; e o quarto estágio teve início em 1955, momento em que se fez mestre dos noviços, por diante<sup>15</sup>.

Nota-se que o próprio Merton não fez alusão ao período que antecedeu sua entrada ao mosteiro. De fato, em fase mais tardia, diria estar morto o Merton da *Montanha dos sete patamares*. Entende-se tal forma de pensar não como uma rejeição de seu passado, mas sim como uma intenção de simplesmente externar as transformações em seu ser e a sua mudança de paradigma.

Voltando o olhar para uma perspectiva centrada na conversão mertoniana, Getúlio Bertelli, estudioso de Merton, apontou duas conversões experimentadas por este: a primeira, sua conversão do mundo ao mosteiro; a segunda, sua conversão do mosteiro ao mundo. No primeiro momento, Bertelli retrata sua transformação no batismo ocorrido a 16 de novembro de 1938. O segundo momento, o qual Bertelli referenciou como sua “conversão à compaixão”,

---

<sup>14</sup> PASCUAL, Francisco R. de. **Thomas Merton**: escritos esenciales. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2006, p.35.

<sup>15</sup> PEREIRA, Sibélius C. **Thomas Merton**: contemplação no tempo e na história. São Paulo: Paulus, 2014, p. 32-33.



ocorreu a partir da epifania vivida por esse monge<sup>16</sup>. O pesquisador relatou ter nascido nesse momento o despertar de Merton à compaixão e sua descoberta que o levou a não mais se diferenciar de todos os homens, mortais como ele<sup>17</sup>.

A conversão não está, precisamente, relacionada com determinado momento da existência daquele que se converte. Uma “conversão autêntica vai-se estruturando dentro de fluir contínuo e vai-se aprofundando com intervalos sucessivos, segundo ritmo variável de pessoa para pessoa”<sup>18</sup>. Nesse sentido, o presente estudo não direcionará sua atenção exclusiva à conversão de Merton experienciada em novembro de 1938. A proposta é a de referenciar também os momentos antecedentes e desencadeadores desse movimento, buscando-se, até mesmo, em seus primeiros anos, contextos existenciais pertinentes a tal vivência.

A presente pesquisa tem por objetivo elencar a trajetória de conversão de Thomas Merton explanando, de forma panorâmica, sua experiência multidimensional, tanto a precursora, com as motivações de sua *metanoia*, quanto sua conversão propriamente dita e os efeitos gerados por esse processo, incorporados em sua vida de cristão após seu batismo aos primeiros anos, como monge em Getsêmani.

Extensas são as pesquisas a explorar os desdobramentos de tão importante místico no âmbito científico, ultrapassando a quantidade de 250 dissertações e teses de doutorado. Na Universidade Federal de Juiz de Fora, dentre dissertações de mestrado e teses de doutorado publicadas, apontam-se: *Kenosis e compaixão: perspectivas de diálogo inter-religioso entre cristianismo e budismo a partir da contribuição de Thomas Merton e Daisetz Teitaro Susuki*<sup>19</sup>; *O outro lado da montanha: Thomas Merton – uma perspectiva dialogal*<sup>20</sup>; *Thomas Merton: itinerarium da vida contemplativa no tempo e na história*<sup>21</sup> e *Thomas Merton e o zen budismo*<sup>22</sup>.

---

<sup>16</sup> Em uma visita à cidade de Louisville, Kentucky, no ano de 1958, na esquina de Fourth e Walnut, como apontou o monge, “fiquei subitamente submerso pela compreensão de que eu amava toda aquela gente, que eram todos meus e eu deles”.[...] Cf. MERTON, Thomas. **Reflexões de um espectador culpado**. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 181.

<sup>17</sup> Cf. BERTELLI, Getúlio A. **Mística e compaixão: a teologia do seguimento de Jesus em Thomas Merton**. São Paulo: Paulinas, 2008.

<sup>18</sup> FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 1993, p. 201.

<sup>19</sup> ARAÚJO, Luiz Gonzaga Sampaio de. **Kenosis e compaixão: perspectivas de diálogo inter-religioso entre cristianismo e budismo a partir da contribuição de Thomas Merton e Daisetz Teitaro Susuki**. (Dissertação de Mestrado). Juiz de Fora: UFJF, 1999.

<sup>20</sup> SALOMÃO, Norma Ribeiro Nasser. **O outro lado da montanha: Thomas Merton – uma perspectiva dialogal**. (Dissertação de mestrado). Juiz de Fora: UFJF, 2008.

<sup>21</sup> PEREIRA, Sibelius Cefas. **Thomas Merton: Itinerarium da vida contemplativa no tempo e na história**. São Paulo: Paulus, 2014.

<sup>22</sup> SALOMÃO, Norma Ribeiro Nasser. **Thomas Merton e o zen budismo**. (Tese de doutorado) Juiz de Fora: UFJF, 2014.

Na PUC do Rio, em 2005, foi defendida a seguinte tese de doutorado: *Mística e compaixão: a teologia do seguimento de Jesus em Thomas Merton*<sup>23</sup>.

Após as elucidações contidas na introdução, o segundo capítulo desse estudo, “O homem Thomas Merton”, aborda traços de seu temperamento, as influências familiares sofridas por Merton em sua infância no que tange ao âmbito religioso, bem como traços de sua personalidade, suas aspirações e sua postura mediante as experiências vivenciadas no Liceu de Montauban, onde passou a receber instruções religiosas protestantes e experimentou, pela primeira vez, o sentimento de abandono. Discute-se também sua adolescência, elencando sua trajetória na Escola de Ripley Court, cujo ambiente lhe proporcionou a vivência de certa religiosidade. Será apresentada a temporada na Escola de Oakham, os momentos de crise resultantes de revoltas intelectuais, a solidão com a morte do pai e as passagens que o influenciaram religiosamente na viagem a Roma, onde formou sua concepção de Cristo. Aborda-se, ainda, seu período crítico em Cambridge tanto no campo acadêmico quanto nos campos emocional e espiritual, nos quais é possível entrever o autor desnordeado pelas paixões e pela grande crise de sentido por ele experimentada. Finalmente, analisa-se a experiência positiva nessa Universidade, de acordo com Merton: o contato com o pensamento do poeta italiano Dante Alighieri.

O terceiro capítulo, “Da vanidade ao amor de Cristo”, esboça as vivências de Merton enquanto universitário de Columbia e sua conversão de 1938. Inicia-se com o que Merton denominou de “conversão moral” após travar breve contato com o comunismo, segundo ele, um movimento realizado somente em benefício próprio, apesar de se poder avistar nele algum senso humanitário. O capítulo aborda essencialmente os contatos e as influências literárias de Merton, suas intensas atividades enquanto acadêmico e a fundamental atmosfera literária que o colocou frente a descobertas transformadoras: a leitura do livro *O espírito da filosofia medieval*, de Étienne Gilson, com o qual aprendeu a respeitar a fé católica; sua abertura para o misticismo oriental através da leitura de Aldous Huxley; a influência de William Blake nos campos do amor e da fé; a apreensão de um conceito válido de virtude através de seu contato literário com Jacques Maritain; a influência da leitura de *Life of Gerald Manley Hopkins* (A vida de Gerald Manley Hopkins) de G.F. Lahey, que o levou à sua escolha crucial pelo catolicismo. Relaciona-se também, no capítulo 3, a importante influência das amizades na vida de Merton nessa fase, destacando relevantemente Robert Lax, também estudante de Columbia; o monge hindu

---

<sup>23</sup> BERTELLI, Getúlio Antonio. **Mística e compaixão**. (Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 367p.). Rio de Janeiro, 2005.

Bramachari e a particularidade de sua influência mística ocidental; e seus mestres acadêmicos Mark Van Doren e Daniel Walsh, por suas intervenções mais que intelectuais em sua vida. Por fim, faz-se um apanhado dos movimentos significativos, de sua *metanoia* ao seu batismo em águas católicas, como o primeiro passo à sua transformação substancial.

No quarto e último capítulo, “Depois do salto da fé”, discute-se a fase de Merton recém converso, buscando ainda se firmar como cristão, visando ultrapassar o período no qual conceituará de “conversão intelectual”; as reverberações da guerra na constituição de sua espiritualidade para questões mais humanísticas e seu marcante contato com a Ordem Franciscana e os efeitos desta em sua vida. Apresenta-se os lugares que permitiram a Merton experimentar mais intimamente o contato com o mistério de Deus, como sua experiência nas Igrejas de Cuba, as vivências na Universidade de São Boaventura como professor, o início de seu desapego aos hábitos seculares, o estabelecimento da harmonia em sua alma, a sua relação com a paz que então conquistara; analisa-se sua oportunidade de doar-se ao outro na possível atividade solidária aos negros do Harlem e sua opção pela Trapa. Reporta-se às etapas iniciais experienciadas por esse monge ao adentrar na Abadia de Getsêmani em 1941; à fase de seu noviciado (1942-1944) e ao período de seus primeiros votos, de 1944 ao fim do ano de 1949, antes de Merton se tornar sacerdote. Por fim, elucida-se as características da Ordem Cisterciense da Estrita Observância, Ordem Religiosa a qual Merton escolheu para servir a Deus, bem como peculiaridades de sua vida enquanto monge e, talvez, o maior paradoxo vivido por ele em meio à incerteza quanto à Ordem escolhida.

A metodologia utilizada neste trabalho fundamentou-se em uma pesquisa bibliográfica. Trabalhou-se seguindo o método Antropológico e suas relações fundamentais: a relação consigo mesmo; a relação com os outros; a relação com o mundo e, por fim, a relação com a transcendência<sup>24</sup>. Fundamentou-se ainda esse trabalho com relevo na perspectiva histórica, tendo por obra norteadora de toda a pesquisa a própria autobiografia do autor, *A montanha dos sete patamares* (1948), especialmente o primeiro capítulo, juntamente a fontes de autores diversos que constituíram os pilares deste estudo, tais como: William Shannon e suas contribuições em *Silent Lamp: the Thomas Merton story* (1992); e Walter E Conn, autor de *Christian Conversion: A developmental interpretation of autonomy and surrender* (2006). Foram utilizadas ainda obras de diversos matizes para construir uma visão global do objeto de estudo em questão, como o volume *The Thomas Merton Encyclopedia*, cujos autores são William H. Shannon, Christine M. Bochen e Patrick F. O’Connel.

---

<sup>24</sup> LIBÂNIO, João Batista. **Introdução à vida intelectual**. 2ed. São Paulo: Loyola, 2001, p.180.

Vale ressaltar que as observações referentes ao momento de que se trata essa pesquisa são escritas por Merton, em sua maioria, enquanto monge. Tal fato pode talvez expressar, em alguns momentos, a dureza com a qual faz referência a si próprio no passado.

No decorrer desse trabalho, será possível perceber a ênfase dedicada às próprias palavras do autor, por se acreditar que o particular tom oferecido pelo mesmo enriquece sobremaneira o assunto relevante a esse estudo, seja em suas ponderações pertinentes ao âmbito que envolve o processo de sua conversão, seja em momentos posteriores, mas devidamente salientados no decorrer do texto. Em determinados momentos, certas citações serão observadas em maior extensão. A motivação se encontra na possível importância das observações a que seu conteúdo pode remeter. Análises de estudiosos de Merton serão também elencadas, sendo aberto, nessas linhas, espaço para suas importantes reflexões, contribuindo para o desenvolvimento desse exame.

A Ciência da Religião veio harmonizar os efeitos de minha graduação em Filosofia que trouxe um ceticismo exacerbado e conflituoso para meu ser, decorrente do envolvimento pela racionalidade que lhe é inerente. A Mística vem me proporcionando, paulatinamente, um novo regresso, sob um olhar através de novas lentes, ao campo filosófico e à própria vida. Diria se tratar, praticamente, de uma conversão em um segundo momento: a conversão da atmosfera acadêmica à *praxis* de minha existência.

Após uma profunda empatia com o autor Thomas Merton, e a partir das aulas do curso dos Buscadores do Diálogo ministrados pelo professor Faustino Teixeira, foi-me apresentada, por esse, a oportunidade de aprofundar o estudo de Merton em sua inicial trajetória mística. Embora, a princípio, tenha encontrado algumas barreiras, tentando escapar para o Merton já imerso em sua busca espiritual contemplativa e na posição de buscador do diálogo, fui reconhecendo aos poucos, com imensa gratidão, o que estava me sendo ofertado pela vida acadêmica. Não escolheria outro tema para dedicar minha atenção e entrega.

Abordar os primeiros e significativos passos dessa figura singular da Igreja Católico-Romana em seu itinerário rumo ao limiar do mistério é permitir ao leitor visitar as nascentes dos caudalosos rios da compaixão em que Merton navegou incessantemente. Como descreveu Conn: “a experiência de conversão de Merton é impressionante” (1986, p. 191)<sup>25</sup>, e é esse fato marcante o objeto de estudo desta dissertação.

---

<sup>25</sup> CONN, Water E. **Christian conversion: a developmental interpretation of autonomy and surrender.** Op.cit., p. 191.

## 2 O HOMEM THOMAS MERTON

### 2.1 FAMÍLIA E INFÂNCIA

#### 2.1.1 Temperamento e aspirações

Minha mãe queria que eu fosse independente, e não um seguidor de rebanho. Devia ser original, individual, ter um caráter definido, ideais próprios. Não devia ser um objeto improvisado aos padrões do burguês comum, produzido numa linha de montagem igual aos demais<sup>26</sup>.

Sob os prenúncios da Primeira Guerra Mundial, nasceu em Prades, França, aos 31 de janeiro de 1915, Thomas Merton, batizado pelo nome de Tom Merton. Filho de pais artistas – pintores – veio ao mundo em meio a uma atmosfera religiosa diversa daquela em que, anos mais tarde, iria se firmar. Nutrindo forte aspiração à liberdade e experimentando grande sentimento de solidão, viu sua personalidade ser formada pela presença constante da arte e da literatura.

Durante o período da guerra, não era possível à família Merton sobreviver apenas dos quadros pintados pelo pai, Owen Merton (1887-1931), um neozelandês de espírito enérgico, independente e algo boêmio. Este completava a renda familiar com um trabalho que muito lhe agradava – plantar e cultivar os jardins da vizinhança. Conforme elucidou Thomas Merton, o dinheiro da família não era muito, mas “qualquer tolo sabe que não há necessidade de dinheiro para conseguir prazer na vida”<sup>27</sup>.

Sua mãe, Ruth Calvert Jenkins (1887-1921), uma americana de personalidade versátil, sensível e ansiosa, amante também da dança, denotava no semblante ares de preocupação, talvez em função da doença que a vinha consumindo e, muitas das vezes, pelo rigor exacerbado, conforme pode-se entrever pelas lembranças registradas por seu filho. Por meio de conversas familiares, Merton conheceu outro lado da figura materna, uma mulher de coração terno e com um jeito alegre de ser.

O converso em estudo, segundo ele próprio, identificou-se como uma criança distante dos sonhos de qualquer pessoa. Ao relembrar sua infância e sua convivência com o irmão

<sup>26</sup> MERTON, Thomas. **A montanha dos sete patamares**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 16. (Abreviado **MSP**).

<sup>27</sup> Idem, p.10.

John Paul, três anos mais novo, recordou características encontradas na personalidade de ambos. Tais lembranças lhe renderam grande pesar ao pensar em seu “orgulho e dureza de coração e na humanidade natural e amor dele”<sup>28</sup> àquela época. Lendo um diário de sua mãe, deparou-se com traços de sua personalidade na infância, onde se percebia certa perplexidade de Ruth em relação a seu crescimento. Em uma de suas anotações, a mãe relatou que, aproximadamente aos quatro anos de idade, seu primogênito havia demonstrado sério impulso em adorar o bico de gás da cozinha com ares ritualísticos.

Merton foi uma criança solitária e, para aplacar tal sentimento, criou um amigo e um cão imaginários, Jack e Doolittle, conforme encontrado nos escritos de sua mãe. Sem amigos de sua idade com quem pudesse brincar – seu irmão ainda era um bebê – utilizava-se de sua imaginação. Ruth não via problema quanto a essas fantasias do filho até o dia em que este decidiu não atravessar a rua com medo de que o imaginário Doolittle fosse atropelado. Na obra *Escritos esenciales*, Francisco Pascual já salientava a consciência de Merton quanto à solidão que o envolvia em sua infância<sup>29</sup> – solidão esta que cresceu deliberadamente após a perda de sua mãe, com câncer, quando contava apenas seis anos de idade.

Nota-se no período mais sério da doença de Ruth, estando ela internada no hospital, que seu primogênito pouco sentira sua falta. Nunca foi visitá-la, por ordem de sua própria mãe, e parecia, até então, não se importar muito com isso. Questões ligadas à doença e morte lhe eram negadas porque Merton “estava destinado a crescer com uma visão da vida bela, clara, otimista e equilibrada [...]”<sup>30</sup>. Antes de morrer, Ruth remeteu ao filho mais velho uma carta informando-o que jamais voltaria a vê-lo, pois estava no limiar da morte. Um sentimento de profunda tristeza e depressão se instalou no coração desse pequeno menino, sem, no entanto, despertar sua vontade de orar, fato este que ocorreria somente muitos anos depois.

A figura paterna marcou profundamente a vida de Merton, sendo visível sua particular admiração pelo pai que, provavelmente, foi o iniciador do filho no campo das artes. Ele relembrou ainda a energia de seu pai, seu senso de independência, sua forma sadia e equilibrada de ver o mundo; Thomas diz ter herdado essa maneira de enxergar a vida e também um pequeno traço de sua integridade.

Com a morte de Ruth, Owen entregou-se à pintura. Estando livre para buscar inspiração onde quer que fosse, Thomas ora o acompanhava nas constantes viagens, ora se estabelecia em

---

<sup>28</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op.cit., p. 26.

<sup>29</sup> PASCUAL, Francisco R. de. **Thomas Merton**: escritos esenciales. Maliaño: Sal da Terra, 2006, p.37.

<sup>30</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op.cit., p. 18.

companhia dos avós maternos em Douglaston ou em pensões, cercado de pessoas, as quais não conhecia. Instituiu-se em sua vida uma gama de experiências decorrentes dos diversos lugares apresentados a ele, como vários momentos de solidão longe do pai e grandes oportunidades para se sentir livre:

É quase impossível dar muito sentido em minha infância às contínuas mudanças em nossas vidas e em nossos planos mês a mês. Mas todo novo acontecimento eu o encarava como chance razoável e de valor. Às vezes tinha que ir à escola, às vezes não. Às vezes papai e eu vivíamos juntos, às vezes eu ficava com estranhos e só o via de vez em quando. Pessoas entravam e saíam de nossas vidas. [...] As coisas estavam em constante mutação. E eu aceitava tudo. [...] Uma coisa eu sabia: por dias a fio podia correr por onde quisesse e fazer o que bem entendesse; a vida era bem gostosa<sup>31</sup>.

Pai e filho seguiram para Bermudas. Em estadia relativamente curta, Owen se apaixonou por uma romancista norte-americana, Evelyn Scott, casada então com Cyril Kay-Scott que parecia ter conhecimento e certa aceitabilidade do caso da esposa. Ao contrário do pai, os sentimentos de Merton filho estavam longe de serem positivos e afetuosos. William Shannon, autor de importante pesquisa sobre o autor, apontou seu descontentamento, que não vinha sem razão: segundo ponderações de Creighton, filho de Evelyn, sua mãe tinha para com o pequeno filho de Owen atitudes hostis, submetendo-o a certo tipo de brutalidade e punições que ela não seria capaz de aplicar a seu próprio filho. Indica-se, por conseguinte, que a juventude de Merton poderia ter sido permeada por grande pesar e incerteza, reflexo das tristes experiências que o teriam consumido. Se houve uma tentativa de Evelyn em tomar o lugar de Ruth na vida do pequeno Thomas, foi uma tentativa de total fracasso<sup>32</sup>.

A sua infância seguiu marcada pela aspiração à liberdade. Alguns fatos podem caracterizar a personalidade mertoniana dessa fase: um deles, na igreja de São, em que Owen trabalhava como organista. Nela podiam-se perceber alguns vitrais atrás do altar, onde se encontrava desenhada uma âncora, despertando-lhe certo interesse. O curioso nesse evento é que, embora esse símbolo religioso represente estabilidade, paz e confiança em Deus<sup>33</sup>, Merton, com seus seis anos de idade, enxergava exatamente o contrário: seu desejo era enveredar pelo mar, entregar-se a viagens e aventuras pelo mundo inteiro.

Outro momento é representado pela presença literária: sua obra predileta na infância era um livro de geografia, que despertou sua vontade de ser marinheiro. Sobre esse episódio,

<sup>31</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op.cit., p. 23.

<sup>32</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp**: the Thomas Merton story. New York: Crossroad, 1992, p. 28-29.

<sup>33</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op.cit., p. 18.

o escritor, já maduro, interveio com uma autoanálise: “isto era apenas sintoma de minha ansiedade por uma vida livre e instável em que em breve eu iria me meter”<sup>34</sup>. Uma coletânea de histórias, nessa mesma fase, apontou o segundo livro de sua predileção: *Heróis Gregos*, vindo reafirmar sua aspiração à liberdade, além de construir “inconscientemente os vagos fragmentos de uma religião e de uma filosofia que permaneceriam ocultas e implícitas em meus atos [...]”<sup>35</sup>, como nos esclareceu em sua autobiografia.

Com uma quantia em dinheiro enviado por seu avô, Samuel Jenkins, no natal de 1926, Merton, aos onze anos, adquiriu uma coleção de livros, *Le Pays de France*, uma coletânea repleta de ilustrações que o encantaram. Eram figuras de catedrais, castelos, abadias antigas, cidades e seus monumentos culturais. As construções da antiga Grande Cartuxa<sup>36</sup> em um vale entre as montanhas lhe despertaram curiosidade:

Não sei o que mais eu admirava ao olhar as ilustrações. Não tinha curiosidade nenhuma sobre a vocação monástica ou sobre as regras religiosas, mas sei que meu coração estava cheio de certa nostalgia para respirar o ar daquele vale solitário e escutar o seu silêncio. Meu desejo era estar em todos aqueles lugares que as fotografias de *Le Pays de France* me mostravam; era de fato uma espécie de problema para mim e uma fonte obscura, inconsciente e semirrealizada de não poder estar em todos os lugares ao mesmo tempo<sup>37</sup>.

Em meio a esse sentimento e às demonstrações de ânsia por liberdade, Merton vivenciou uma religiosidade longe dos padrões formais. A mentalidade de seus pais, inseridos no universo da arte, pareceu contribuir para uma perspectiva mais liberal sem deixar, no entanto, de exprimir valores autênticos para uma formação equilibrada, sadia e espiritualizada da realidade. Se, de certa forma, viu-se calar o protestantismo da família no dia a dia de Merton, foi através de conversas espontâneas entre pai e filho que a religiosidade começou a reverberar em sua personalidade.

---

<sup>34</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 16.

<sup>35</sup> Idem, p. 16.

<sup>36</sup> Ordem fundada por São Bruno. Os cartuxos demonstram características tendentes a um maior silêncio e maior solidão, vivendo mais como eremitas do que cenobitas. Encontra-se nessa Ordem a mesma tradição monástica que a presente em São Bento, sendo “a única ordem monástica a ter preservado fielmente o verdadeiro ideal do monaquismo, em sua perfeição, durante séculos, enquanto outras ordens caíram em decadência”. MERTON, Thomas. **A vida silenciosa**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2002a, p. 122-123. (Abreviado **VS**).

<sup>37</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 45.



### 2.1.2 Influências religiosas

[...] percebo que foi muito bom ter tido ao menos este pouco de religião na infância. É uma lei da natureza humana, escrita no mais profundo de seu ser [...]<sup>38</sup>.

A relação de Merton com o religioso se deve à influência familiar numa ordem essencialmente informal. Seus pais, mesmo sem se ocuparem em edificar uma estrutura formal de religião, inspiraram-no à aptidão pelo trabalho, a uma forma de ver a vida além da superfície e ao desejo de experienciá-la com gosto.

Ruth não se preocupou em lhe infundir uma religiosidade definida com visitas a alguma igreja. Nesse sentido, o filho presumiu que o anseio de sua mãe era que ele próprio se tornasse um cordial deísta e que nunca se deixasse levar por qualquer mistificação<sup>39</sup>. Ruth vivenciou sua religiosidade através de um grupo denominado Quaker<sup>40</sup>, o qual Merton nunca visitara na presença materna. De seu pai, partiu a ideia do batismo em Prades, em resposta à grande fé que o envolvia nas bases da Igreja Anglicana, mesmo sem se integrar às suas atividades religiosas<sup>41</sup>.

Em uma passagem ocorrida em 1920, Merton lembrou que de sua casa dava para avistar a torre da Igreja de São Jorge, e uma vez, ao ouvir o som de seus sinos, parou de brincar e se colocou a escutá-los. Recordou-se que no mesmo instante os passarinhos puseram-se a cantar nas árvores sobre sua cabeça o enchendo de alegria. Disse então a seu pai: “– Por que não vamos à igreja? Meu pai levantou a cabeça e disse: Nós iremos. – Agora? – perguntei. – Não, é muito tarde. Mas iremos num outro domingo”<sup>42</sup>.

O escritor buscou encontrar alguma explicação quanto ao fato de seus pais não desejarem inculcar em seus filhos padrões formais de religião:

Parece estranho que meu pai e minha mãe, tão preocupados – quase ao escrúpulo – em manter a consciência de seus filhos incontaminadas por erros, mediocridade, torpeza e falsidade, não se tivessem interessado em dar-lhes um ensinamento formal de religião. A única explicação que me ocorre é que minha mãe deve ter tido uma opinião muito categórica a esse respeito. Talvez considerasse qualquer religião estruturada abaixo do padrão de perfeição intelectual que exigia de cada um de seus filhos<sup>43</sup>.

<sup>38</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 18.

<sup>39</sup> Idem, p. 11.

<sup>40</sup> Seita protestante (*Sociedade dos Amigos*) fundada entre os anos de 1648-1650, nos Estados Unidos. MERTON, Thomas. **Sementes de destruição**. Petrópolis: Vozes, 1966, p. 279. (Abreviado **SeD**).

<sup>41</sup> SILVA, Ir. Maria Emmanuel de Souza e (OSB). **Thomas Merton...** Op. cit., p.28.

<sup>42</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 15.

<sup>43</sup> Idem.

No último ano de vida de Ruth, Owen conseguiu emprego como organista na igreja episcopal de Sião onde Merton passou a frequentar aos domingos. Ficava fascinado com as velas acesas no altar, com o som do canto dos hinos, apontando que saía da igreja “com uma sensação de conforto e satisfação de ter realizado alguma coisa necessária”<sup>44</sup> e, segundo ele, isso foi o que conseguiu apreender àquele momento.

De sua avó paterna, Gertrude Hannah Merton (Granny), pela qual se viu envolvido pela impressão de amor, respeito e veneração, aprendeu a Oração do Senhor, a qual jamais esquecera; desse modo assinalou: “É uma das pessoas das quais guardo a mais forte impressão dos dias de minha infância. Foi ela que me ensinou o ‘Pai Nosso’”<sup>45</sup>. Já em seu avô materno, Samuel Jenkins (conhecido como Pop), homem irrequieto por natureza, observava transparecer o pensamento de que todas as religiões mereciam alguma consideração, exceto a religião dos judeus e dos católicos. Protestante, assim como sua esposa Martha Jenkins (conhecida por Bonnemaman), seu avô incutiu em Merton a ideia de uma igreja católica maldosa e desmerecedora de confiança. Dessa forma, o neto afirmou que uma das poucas heranças dele foram:

[...] o ódio e a desconfiança contra os católicos. [...] era simplesmente uma aversão profunda, quase inconsciente, contra uma coisa vaga e ruim, que eu chamava de catolicismo. [...] eu não sabia exatamente o que a palavra significava. Transmitia-me apenas uma espécie de sentimento frio e desagradável<sup>46</sup>.

De acordo com *A Montanha dos Sete Patamares*, essa aspereza de seu avô quanto ao catolicismo poderia ter duas causas: a primeira e principal causa se daria em função de seu avô ter pertencido a certa estrutura maçônica, os Cavaleiros Templários, na qual teria ele ouvido ideias negativas quanto à igreja católica. Apontou ainda que, certamente, seu avô ouvira tais agruras desde sua infância, “é o que todas as crianças protestantes ouviam. Fazia parte de sua formação religiosa”<sup>47</sup>. Outra hipótese seria a de uma política corrupta praticada em uma eleição em Nova York, sendo esta com membros católicos. Pop percebia o termo “católico” como sinônimo de “corrupção”.

Merton não conseguiu identificar o protestantismo que seus avós professavam. Não se podia afirmar que eles seguiam sistematicamente tal religião. Identificava apenas o fato de que doações eram realizadas à igreja de Sião, mas que não compareciam a ela e que a leitura de

---

<sup>44</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 23.

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> Ibid., p. 29-30.

<sup>47</sup> Ibid., p. 29.

Mary Baker Eddy<sup>48</sup>, por sua avó, era sua maior aproximação com a religiosidade protestante.

Nesse contexto, aos nove anos de idade, Merton já se mostrava contrário a qualquer concepção de religião. Afirmou, entretanto, que seu conhecimento religioso, apreendido quando criança, vinha do pai – por meio de conversas nada formais – e que seria essa a forma ideal de absorver esses ensinamentos e seus efeitos. Desse modo, apontou: “meu pai nunca teve o propósito direto e programado de me ensinar religião. Se algo de espiritual havia em sua cabeça, isto brotava mais ou menos naturalmente”<sup>49</sup>.

Certa vez, em meio a essas conversas casuais, seu pai lhe falara sobre a traição de São Pedro e sua reação ao ouvir o canto do galo, seguida de sua retirada do local e o choro amargurado. Essa imagem teve impressão profunda no jovem Thomas, ficando a mesma gravada em sua memória. A seu respeito, ele relata: “não sei como consegui esquecer por tantos anos a compreensão que adquiri naquele momento de como Pedro se sentiu e do que significou para ele sua traição”<sup>50</sup>.

Nessa mesma época, Merton, juntamente com seu pai, preparou-se para viver novamente em solo francês. Um profundo desalento tomara conta desse pequeno rapaz. Mas, ao lado de uma dolorosa solidão, seu caminho também iria se cruzar com pessoas dispostas a lhe doarem sincera amizade.

### 2.1.3 Vivência amarga no Liceu de Montauban

Eu pedia a meu pai que me tirasse daquela escola miserável, mas meu pedido era em vão. Após dois meses fui me acostumando a ela e deixei de me sentir tão infeliz. A ferida já não doía tanto, mas nunca estive feliz ou em paz na atmosfera violenta e desagradável daqueles claustros de tijolos<sup>51</sup>.

Em 25 de agosto de 1925, Merton, juntamente do pai, seguiu para Montauban, França. Sua primeira impressão foi a de uma cidade morta, mergulhada no silêncio e na escuridão naquela noite de agosto. Mas, de certa forma, referiu-se ao lugar como familiar, com o sentimento de estar “em casa”. O fato de estarem ali envolvia questões que Owen passara a dar mais atenção e que ultrapassavam seu interesse por lugares que pudessem ser apenas inspiração

---

<sup>48</sup> Mary Baker Eddy (1821-1910). Reformadora religiosa e figura destacada de seu século. Fundou a Ciência Cristã e a Primeira Igreja de Cristo. Uma de suas principais obras é o livro *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, tendo por primeiro título: *Ciência e Saúde* (1875).

<sup>49</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op.cit., p. 54.

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> Ibid., p. 50.

para suas pinturas:

Por que estávamos ali? Não era apenas porque meu pai queria continuar pintando no sul da França. [...] algo o convenceu de que não podia deixar a educação e o carinho de seus filhos para outras pessoas, de que tinha a responsabilidade de constituir uma espécie de lar onde pudesse ao mesmo tempo prosseguir com seu trabalho e ter-nos vivendo com ele, crescendo sob sua supervisão. E, mais, tornou-se definitivamente consciente de certas obrigações religiosas para nós e para ele também<sup>52</sup>.

O que levou a família Merton a Montauban foi a indicação de uma escola, o Instituto João Calvino, indicada por protestantes franceses que Owen conhecera. Em visita ao lugar, Merton percebeu que algo desapontou seu pai, tanto na instituição de ensino quanto na cidade, o que os levou a se instalarem em St. Antonin no verão de 1926.

Thomas lembrou, de forma um pouco obscura, que ao mesmo tempo em que seu pai denotava a preocupação em oferecer a ele uma formação religiosa, não demonstrava atração alguma pelo protestantismo ao qual estava sendo apresentado; além disso, talvez houvesse o interesse de Owen em tornar-se católico, ao que ele resistiu, entretanto, em função da não aprovação da família. O fato é que nessa fase Owen demonstrou ao filho certa preocupação quanto ao futuro, trazendo para aquele momento uma necessidade expressiva de religiosidade:

Estou certo de que nunca deixou de ser um homem religioso: mas agora ele me falou que rezasse [...], que pedisse a Deus que nos ajudasse, que o ajudasse a pintar, que o ajudasse a conseguir uma exposição bem-sucedida, que nos ajudasse a encontrar algum lugar para morar<sup>53</sup>.

Em setembro do mesmo ano, Thomas mais uma vez se viu separado do pai ao ingressar no Liceu de Mountauban. Encontrando dificuldades para se ajustar a uma convivência saudável com os colegas, tornou-se alvo de brincadeiras:

Embora naquele tempo eu já soubesse bastante bem o francês, no primeiro dia no enorme e desconcertante pátio, rodeado por aquelas pequenas caras trigueiras, felinas, fechadas e sombrias, observado por olhos cintilantes e hostis, esqueci todas as palavras e mal conseguia responder às perguntas contundentes que me eram feitas. Minha estupidez os irritava ainda mais. Começaram a me chutar, a puxar e torcer minhas orelhas, a empurrar-me de cá para lá, a gritar-me palavras de todo tipo. Aprendi uma porção de obscenidades e blasfêmias naqueles primeiros dias, simplesmente por ser o objeto direto ou indireto delas<sup>54</sup>.

No decorrer dos dias, dissolveram-se as atitudes agressivas e certa simpatia passou a

---

<sup>52</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op .cit., p. 36.

<sup>53</sup> Ibid.

<sup>54</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 50.

permeiar a relação entre os garotos do Liceu e seu recente aluno. O novato sentiu-se invadido pela desolação, pelo abandono, por um sentimento de vazio e pela aflição. Em seus primeiros meses nessa nova atmosfera, retratou um pouco de sua experiência:

Eu tenho medo das paredes frias dos corredores no Liceu. Eu tenho medo do cascalho nos playgrounds, e do cheiro enjoativo das acácias na primavera [...]. Eu tenho medo do som dos sinos duros da igreja, tocando na cidade distante, fora dos muros. Eu tenho medo da chuva que choveu durante todo o inverno, do rio que inundou os subúrbios, e correu sob as pontes, enchendo seus arcos, levando embora árvores e gado morto<sup>55</sup>.

Conforme o tempo passava, sua sensação de infelicidade perdia força, mas nunca se sentia feliz naquele ambiente que ele caracterizava como violento e desagradável. Seus caminhos literários, no entanto, começam a se delinear com mais clareza e, no primeiro ano no Liceu, escreveu dois romances, não mais existentes, denotando sua inclinação para o que mais tarde seria uma de suas vocações: a escrita literária.

Em Mountauban, Merton recebeu uma direção religiosa protestante, percebendo a oportunidade que o ministro buscava ao inculcar valores morais com o uso das parábolas - sem, no entanto, apreender algo de espiritual dessa evangelização. Reconhecendo o valor desse pequeno contato com a fé, elucidou ser grato “por ter recebido ao menos este pouco de religião numa idade que tanto precisava dela”<sup>56</sup>.

Se sua estadia no Liceu foi um período difícil, a maior experiência religiosa vivida por Merton nesses tempos na França, segundo Shannon (1992), talvez tenha sido seu contato com um casal católico na cidade de Murat, onde Owen havia se hospedado e onde também Thomas iria se hospedar nas férias de Natal em 1926 e no verão de 1927. Lá ele conheceu o casal Privats, com quem não teve relações íntimas; entretanto, tal contato foi o bastante para lhe deixar impressionado com a fé por eles vivenciada, segundo relatou: “Recordo apenas sua gentileza e bondade comigo, sua vida pacífica e extrema simplicidade”<sup>57</sup>. Thomas sentiu ter sido tratado como filho, sem ser reprimido, sem estar subjugado por manifestações obsessivas de afeto:

Sempre, desde criança, resisti a qualquer tipo de afeição possessiva por parte de outra pessoa – sempre estive em mim um profundo instinto de ficar desimpedido, de ser livre. E somente com pessoas verdadeiramente sobrenaturais pude sentir-me à vontade, realmente em paz<sup>58</sup>.

---

<sup>55</sup> MERTON, Thomas. **My argument with Gestapo**: a macaronic Journal. New York: A New Direction Book, 1975, p. 205. Trata-se de um romance escrito anteriormente à sua entrada na Abadia de Getsêmani. (Abreviado **MAG**).

<sup>56</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 53.

<sup>57</sup> Idem, p. 56.

<sup>58</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 57.

Talvez tenha falado sobre religião com eles apenas uma vez, o que lhe rendeu um sentimento de humilhação ao defender sua postura “de protestante pouco instruído”<sup>59</sup>. Na ocasião, alegou que toda religião era boa, que todas as religiões levavam a Deus, mesmo que por caminhos diversos; não lhe fora possível compreender certos matizes à época, conforme o próprio Merton avaliou posteriormente: “minha atitude e desejo de argumentar e discutir sobre religião implicava uma falta absoluta e fundamental de fé, uma dependência de minhas próprias luzes e um apego à minha própria opinião”<sup>60</sup>. Merton guardou a sensação de que os Privats percebiam em sua atitude uma total descrença através de suas palavras sem sentido e apontou jamais ter conhecido pessoas que nutrissem e dessem tanto valor à fé.

Como salientou Shannon, “encontrá-los foi ainda outro passo naquela jornada interior na qual ele mal sabia que estava viajando”<sup>61</sup>. No ano de 1928, após uma exposição em Londres, de volta a St. Antonin, Owen decidiu se mudar para a Inglaterra. Shannon abordou em seu livro certo sentimento de incompletude vivenciado por pai e filho<sup>62</sup>. A casa que então Owen construiu em St. Antonin, mas que em função de suas constantes viagens não apresentou utilidade, não satisfez o sonho de ter constituído uma família, como desejava. Diante disso, Merton apresentou certa melancolia, relatando: “É triste também que nunca tivéssemos morado na casa que papai construiu”<sup>63</sup>. Ademais, mesmo com sua experiência amarga no Liceu, apontou que, de certa forma, sentia também tristeza em saber que para lá não voltaria. Seus próximos passos foram dados, a partir dali, em Ripley Court, Inglaterra, onde conheceu um pouco de fé, paz e certa felicidade.

## 2.2 ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: RELIGIOSIDADE E CONFLITOS

### 2.2.1 Ripley Court e a fé natural

Não creio que tivesse alguma coisa de muito sobrenatural, mas estou certo de que a graça operava em todas as nossas almas de alguma forma obscura e incerta<sup>64</sup>.

Se o Liceu de Montauban fez com que Merton experimentasse um lado amargo de sua

---

<sup>59</sup> Idem, Ibid.

<sup>60</sup> Idem, p. 58.

<sup>61</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp**... Op. cit., p. 42.

<sup>62</sup> Idem, p.59.

<sup>63</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p.

<sup>64</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 60.

existência, Ripley Court lhe proporcionou uma atmosfera mais amena e, em certo sentido, feliz. Quem se responsabilizou por Merton nesse estágio de vida foi sua tia Mauad, dirigindo-lhe atenção quanto às suas aspirações e seu futuro. Merton a definiu como uma pessoa muito simpática, alegre e charmosa. Em conversa informal, Mauad o questionou quanto à possível tendência profissional. Mesmo hesitante, ele respondeu: “gostaria de ser um romancista”<sup>65</sup>. Em certa ocasião, conversando com a diretora de Ripley Court, Sra. Pearce, Mauad lhe informou quanto a tal interesse do sobrinho. Merton, que a acompanhava, recebeu imediatamente uma resposta nem um pouco cordial: “Quer ser um diletante como seu pai?” Acintosamente, a diretora fez fluir suas objeções:

Não adianta perder seu tempo e iludir a si mesmo. É bom que coloque algumas ideias sensatas em sua cabeça desde o começo e se prepare para alguma coisa sólida e confiável, em vez de sair pelo mundo com a cabeça cheia de sonhos. Virou-se para mim e gritou: – Menino, não se torne um diletante! Ouviu bem?<sup>66</sup>

Sra. Pearce era cunhada de Maud, por conseguinte, tinha certo conhecimento das instabilidades de Owen, quer financeiramente, quer na dificuldade de se firmar em alguma cidade, fazendo-se mais presente na relação com os filhos, em função de sua vida artística.

Merton viveu a experiência da impermanência muito cedo, motivado, primeiramente, pela perda de sua mãe – a perda de seu pai não tardaria muito a acontecer. Misturou-se então o sentimento de solidão decorrido de ausências distintas: de um lado, a da figura materna; de outro, sua relação com o pai, sempre apartado em decorrência de suas viagens artísticas. Se conheceu, por vezes, pessoas que o inspiravam respeito e gratidão, por outras parecia cercado por personalidades bem distintas e avessas à sua maneira de ser e ver a vida.

Nesse contexto, ao mesmo tempo em que se via pulsar seu desejo pela arte da escrita, traços de uma singular religiosidade nessa nova escola inglesa começavam a despertar:

Aos domingos, todos vestíamos aquelas roupas meio ridículas que os ingleses acham apropriadas para os jovens e íamos à igreja da localidade, onde nos estava reservado um espaço especial. Lá nos sentávamos todos em filas[...], e inclinávamos nossas cabeças bem escovadas e penteadas sobre as páginas de nossos hinários. Finalmente eu estava frequentando deveras a igreja<sup>67</sup>.

Essa nova vivência religiosa veio ressaltar seu flerte tímido com o sagrado que, mesmo sem traços sobrenaturais, conforme a reflexão de Merton, o levou a um estado de receptividade

---

<sup>65</sup> Ibid., p. 61.

<sup>66</sup> Ibid., p. 62.

<sup>67</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 63.

ao mistério:

Adquiri um pouco de fé natural<sup>68</sup> e encontrei muitas ocasiões de rezar e elevar minha mente a Deus. Foi a primeira vez que vi pessoas se ajoelharem publicamente diante de suas camas antes de se deitarem e a primeira vez que sentei para comer após dar graças.

Pelos próximos dois anos creio que fui por assim dizer sinceramente religioso. Por isso também fui até certo ponto feliz e tive muita paz<sup>69</sup>.

O escritor referiu-se a Ripley Court, comparado à sua permanência no Liceu, como um lugar aprazível, onde encontrou certa felicidade; um lugar onde as crianças pareciam ser mais gentis e felizes, talvez pelo fato de serem crianças protegidas, mesmo que momentaneamente, pela segurança de seus lares e o ocultamento da realidade das escolas públicas. Tal experiência talvez possa ser considerada como um rápido estágio em sua caminhada espiritual e “quem pode dizer que isso não foi um momento de conversão que iria desempenhar um papel em uma conversão mais decisiva que veio alguns anos depois?”<sup>70</sup>

Aos catorze anos, chegou ao término do tempo possível para seus estudos em Ripley Court. Ao mesmo tempo em que se preparava para uma nova experiência, agora em Oakham, pequena cidade comercial do condado da Inglaterra, viveu certa desolação motivada pela descoberta de um tumor maligno no cérebro que começava a se manifestar em seu pai. Na Escócia, onde pai e filho passariam alguns dias numa tentativa em vão de Owen restabelecer sua saúde, o próprio Thomas externou seu estado de consciência:

O caminho começou a ser preparado para as minhas diversas revoltas intelectuais por um repentino e bem definido senso de independência, uma autocompreensão de minha própria individualidade que, apesar de natural nesta idade, tomou um rumo doentamente egoísta<sup>71</sup>.

Merton começou “a arreganhar os dentes e lutar contra a humilhação de ceder aos outros”<sup>72</sup>. Seria possível remeter todos esses conflitos e revoltas ao medo desse adolescente em

---

<sup>68</sup> Fé natural ou Fé humana retrata a aceitação de verdades instituídas pelos homens diferentemente da Fé Sobrenatural, simbolizada pela crença em verdades reveladas por ordenação divina. MERTON, Thomas. **Ascensão para a verdade**. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Itatiaia, 1999, p. 30. (Abreviado **AsV**). A expressão *sobrenatural* ganhou espaço dentro da Teologia tardiamente, começando a atuar, em seu sentido técnico a partir da obra de Santo Tomás de Aquino *Quaestiones Disputatae De Veritate* (1256-1259). Tal termo pode ser percebido, primeiramente, entre os Padres gregos que, num viés neoplatônico, aludiam a expressões como: hipercósmico (*hyperkosmikós*); hiperdísico (*hyperfués*) e hipercelestial (*hyperouranios*). BOFF, Leonardo. **A graça libertadora no mundo**. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 56.

<sup>69</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 63.

<sup>70</sup> SHANNON, William H. Op. cit., p. 44.

<sup>71</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 73.

<sup>72</sup> Idem.



experienciar mais uma vez a impermanência, agora com a perda do pai? Provavelmente. A ligação de Merton com Owen era muito intensa, assim como sua admiração e proximidade de gostos.

O genitor seguiu para Londres, onde foi internado. Em sua primeira visita ao pai, Thomas descreveu seu sentimento de desolação e sua imensa dor ao ver o estado de desamparo ao qual estava entregue a figura paterna, dizendo experimentar uma sensação de esmagamento misturada a abundantes lágrimas:

Fiquei sentado na sala escura e desditosa, incapaz de pensar, incapaz de me mover, com todos os inumeráveis elementos de minha solidão me rodeando de todos os lados: sem lar, sem família, sem país e aparentemente sem amigos, sem qualquer paz interior ou confiança, ou luz, ou compreensão de nada – sem Deus, sem céu, sem graça, sem nada<sup>73</sup>.

Em meio a essas turbulências, Merton partiu para uma nova fase, na qual não se percebem traços de religiosidade. Foi um momento de crise, revolta, solidão e nenhum traço de fé aparente.

### **2.2.2 Oakham e as revoltas intelectuais**

Três anos e meio eram um tempo curto, mas quando haviam passado eu era uma pessoa bem diferente daquele garoto de catorze anos, acanhado, desajeitado e mais ou menos bem intencionado, mas interiormente infeliz [...] <sup>74</sup>.

Enquanto Owen dava continuidade a seu tratamento, Merton seguiu para Oakham, onde passou três anos e meio intercalados pelas viagens de férias. Nessa fase, Merton esteve sob a influência e proteção de seu padrinho, o Dr. Tom Izod Bennett. Não foi um período em que a religiosidade se manifestou em sua vida, pelo contrário, ocorreu um desvanecer do que, até então, havia sido construído. O Merton “religioso” de Ripley Court subordinava-se de certa forma e com certo prazer à autoridade do meio que o cercava. Agora, em meio à atmosfera rica da brutalidade dos ingleses, na qual Merton apontou ter sido inserido, tornou-se um adolescente em crise e sem traços de fé.

Na Escola pública de Oakham, o jovem Thomas, no intento de mostrar sua independência, burlava as regras da instituição. Já as instruções religiosas recebidas vinham de um capelão, baseando-se, segundo ele, em abordagens vagas sobre ética. Em contato com a

---

<sup>73</sup> Ibid., p. 69.

<sup>74</sup> Idem, p. 66.

filosofia, demonstrou sua rejeição por Platão e Descartes, as abordagens excessivamente abstratas do primeiro e a forma nada convincente do segundo, conforme sua opinião, em comprovar a existência de Deus. Chegou, em determinado período, a assistir um sermão em alemão numa igreja luterana em Estrasburgo, sobre o qual diz não ter compreendido nada.

Foi no ambiente acadêmico que se destacou, sendo capaz de discutir sobre diversos autores, os quais a maioria dos alunos nem tinham ouvido falar. Seus talentos eram admirados tanto por professores quanto por colegas de classe. Ao mesmo tempo, sofreu uma derrocada emocional com a morte de seu pai ao faltar poucos dias para que completasse dezesseis anos. Encontrando-se bastante deprimido, externou seus sentimentos:

Papai era um homem de extraordinária cabeça, de grande talento e de enorme coração. Foi ele que me trouxe ao mundo, me nutriu, cuidou de mim, moldou minha alma e ao qual eu estava preso por todos os laços de afeição, apego, admiração e reverência<sup>75</sup>.

Seu sentimento de tristeza passou dentro de alguns meses, dando lugar à intensificação de seu forte senso de liberdade, que o levaria a afirmar ter se tornado um autêntico ser do século XX – época da crise do capitalismo, das duas guerras mundiais, das revoluções russas, dos fascismos, da Guerra Fria, do apogeu e crise do socialismo, imprimindo seus passos numa estrada norteada pelo desejo de poder. Em 1941, escreveu em seu diário: “às vezes penso que não sei nada, excetuados os anos de 1926-27-28 na França, como se fossem toda a minha vida, como se meu pai tivesse feito todo esse mundo e me dado, partilhando-o comigo, em vez da América”<sup>76</sup>.

Shannon descreveu como Merton se encontrava aos dezesseis anos, um rapaz “confuso e deprimido” que, “como muitos de seus contemporâneos, estava à deriva em um mar de falta de objetivos, amoralidade e falta de fé. Não havia ancoradouros nos quais pudesse amarrar seu navio, nem um leme para dirigi-lo, e ele estava em mar aberto”<sup>77</sup>.

Nesse ínterim, teve contato com o poeta romântico William Blake, a quem dirigiu, mais tarde, uma parcela de responsabilidade quanto ao seu processo de conversão. Em dias de inverno, especialmente aos domingos, gostava de ir à Broke Hill<sup>78</sup>, onde passava o tempo pensando sobre as obras que havia lido, Blake, Shelley, Shakespeare ou Petrarca, ou refletindo sobre o que queria ser e fazer. Recordava seu gosto pelos momentos de solidão lá vividos,

<sup>75</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 80.

<sup>76</sup> MERTON, Thomas. **Merton na intimidade**: sua vida em seus diários. HART, Patrick; MONTALDO, Jonathan (eds). Rio de Janeiro: Ficus, 2001, p. 32. (Abreviado: **MI**).

<sup>77</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp**... Op. cit., p. 54.

<sup>78</sup> Colina em Oakham.

onde não havia a necessidade de falar com ninguém, sem esperar ou procurar por nada, sem qualquer tipo de expectativas, “simplesmente observando o extenso vale e assistindo às mudanças da luz nas colinas e assistindo às mudanças do céu”<sup>79</sup>.

Certas vezes, Merton para lá se deslocava para estudar, outras vezes, passava seu tempo mergulhado em seus desenhos, mas reafirmou que, “na maioria das vezes, eu simplesmente ia até lá para estar lá, andar e pensar. E se eu quisesse, eu poderia cantar no mais alto da minha voz; lá não havia ninguém para rir ou ser sarcástico comigo”<sup>80</sup>.

Nesse período, passou por um sério problema de saúde, demonstrando mais um pouco características do que vinha então vivendo. Uma infecção em um dos pés, somada a um problema dentário, colocou-o em condição de risco, tornando-o predisposto a sofrer uma gangrena, sendo necessário o recurso de lancetar sua gengiva para drenar a infecção. Essa experiência fez com que Merton sentisse a morte se aproximar, sem, no entanto, se preocupar com isso. Disse não ter havido nenhum movimento a Deus. Era um momento de forte frieza e indiferença quanto à própria vida, refletindo sua falta de fé:

Ao que me lembro, o pensamento de Deus, o pensamento da oração não entrou na minha cabeça nesse dia, nem no resto do tempo em que estive doente e nem no ano todo. Se o pensamento me tivesse vindo, teria sido para negá-lo ou rejeitá-lo. Lembro-me que naquele ano, quando na capela recitávamos o Credo dos Apóstolos, eu ficava propositalmente de boca fechada, declarando meu próprio credo que era ‘Eu não creio em nada’<sup>81</sup>.

Merton, através de suas memórias, apresentou ao leitor o quadro existencial dramático que o absorvia naquele tempo em Oakham:

[...] minha alma estava simplesmente morta. Era um branco, um nada. Estava vazia; era uma espécie de vácuo espiritual com referência à ordem sobrenatural. Até mesmo suas faculdades naturais eram palha seca do que deveriam ser<sup>82</sup>.

Demonstrando sentir tamanha indiferença, de algo ele se considerava certo: “Nunca duvidei do fato de a alma de meu pai, ou de minha mãe, ser imortal – nunca. Isso nunca foi possível, nem mesmo quando afirmei que não acreditava em nada”<sup>83</sup>. Merton reconheceu que sua narrativa sobre Oakham não era nada lisonjeira, mas, como relatou, “tenho a certeza que os leitores terão visto que eu não estava tentando descrever a escola objetivamente, mas sim meu

---

<sup>79</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp**... Op. cit., p. 62.

<sup>80</sup> Idem.

<sup>81</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 92.

<sup>82</sup> Idem, p. 93.

<sup>83</sup> MERTON, THOMAS. **MI**. Op. cit., p. 31.

próprio estado de espírito lá”<sup>84</sup>.

Visando contribuir com tal descrição, é importante um artigo escrito pelo próprio autor, em 1931, sobre a cidade de Nova York, na edição de Natal da *Oakhamian*, da qual era editor. Tal artigo, para Shannon, teria muito a dizer sobre Merton, acreditando também ter sido esse o primeiro artigo publicado desse jovem de seus dezesseis anos que parecia demonstrar seu conhecimento sobre a cidade. O artigo é intitulado "The City without a Soul" ("A Cidade sem Alma").

Nova Iorque. Camada sobre camada de ouro e marfim subindo para o céu azul, resoluto, incrível. Em torno dos pés dos edifícios gigantesco estão agrupados inúmeros cais e incontáveis mastros e chaminés. O maior transatlântico é ofuscado por aquela falange de gigantes. Entre os contornos bem definidos dos grandes edifícios estão desfiladeiros estreitos e sem profundidade, cheios de sombras, onde se encontram as ruas.

Times Square, onde a *Broadway* cruza a *Seventh Avenue*, é o coração da cidade. Lá estão todos os teatros, e restaurantes de todos os tipos, do esplêndido *Astor* ao barato mas eficiente *Childs'*, onde Nova Iorque pode comer tudo o que gosta, ou pode, por sessenta centavos. A enxurrada de pessoas aparece aqui em seu pico, vertendo do metrô, dos bondes e do elevado da *Sixth Avenue*. Táxis brilhantemente coloridos se arremessam aqui e ali, dirigidos por judeus e negros, sujos e com a barba por fazer. Todos os tipos de homens pululam em torno da *Times Square*, exilados de todos os países do mundo, negros, russos, alemães, italianos e poloneses. Aqui não há nem gosto nem convenção no vestir. Ternos brilhantes e coloridos são imaginários; poucos usam chapéus, mas aqueles que realmente se limitam a chapéus de palha, no verão pelo menos, e os usam mesmo com trajes de jantar. Estão todos abrindo seu caminho pelo corredor estreito que mergulha para dentro do metrô, ou lutando por um lugar nos bondes, ou surgindo em torno das portas dos restaurantes e *quick-lunchbars*.

A *Fifth Avenue* é mundialmente famosa. Uma larga, limpa via pública varrendo de um extremo a outro da cidade, alinhada com esplêndidos edifícios. Entrando e saindo energicamente pelos altivos portais das lojas estão jovens mulheres delgadas, seguras de si, e jovens homens de ombros largos em trajes irrepreensíveis. Grandes carros reluzentes se arrastam em uma fila sem fim, dirigidos por motoristas arrogantes. Não há paz nestas ruas, onde homens e mulheres afluem em um fluxo interminável.

O *Speakeasy*. Passamos sob o elevado barulhento da *Third*, vamos ao longo da rua, onde milhares de caminhões chocalham e rugem, e milhares de trabalhadores empurram um ao outro o dia todo. Há uma porta, uma porta de aparência inocente. Bata. Mostre seu cartão. Deslize para dentro. De repente, há paz e silêncio. O burburinho da louca cidade máquina se extingue. Há tranquilidade naquela longa sala iluminada pelo sol. Há um bar ao longo de todo um lado da sala e uma prateleira repleta com garrafas. Ao longo do bar homens e mulheres se inclinam, conversando pacificamente. Atrás do bar, um toscano melancólico provavelmente sonha com os azuis Apeninos enquanto lhe prepara um *Bronx*. Existe quietude, então, a ser encontrada em algum lugar na cidade? Aquele toscano é um dos piores criminosos em Nova York. Dois

---

<sup>84</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp**... Op. cit., p. 61.

dias depois um inspetor de polícia é morto a tiros naquele lugar. Muitas pessoas são feridas na batalha que se segue.

Esta é Notícias Iorque – a metrópole do novo mundo

Linda e aterrorizante. Imensa e inacreditável. Uma cidade de aço e concreto, de *Movie Palaces* e gomas de mascar, de produção em massa e *quick-lunchbars*, dos bares clandestinos e fontes de refrigerante. A casa de Duke Ellington e Jack Diamond, de Ziegfeld e Al Smith.

A cidade de arranha-céus e cereais matinais. A cidade sem alma<sup>85</sup>.

Shannon levantou a questão: seria tal artigo uma forma de demonstrar o estado de sua alma naquele estágio da vida? O pesquisador apontou para uma atitude a expressar um quadro mais de rebeldia do que arrependimento. E assinalou: “Arrogante sem remorso, ele experimentou uma espécie de prazer perverso em perambular por seus caminhos não ortodoxos”<sup>86</sup>. Nesse mesmo ano, Merton aproximou-se pela primeira vez da política ao defender o pensamento de Gandhi, o que seria um primeiro passo para engajamentos posteriores bastante significativos em sua vida.

É provável que todo o arrefecimento vivido por Merton em Oakham tenha contribuído também para sua trajetória espiritual rumo à sua conversão “decisiva” de 1938. Todo esse período conflituoso foi um ponto inerente à existência e suas peculiares contingências que, num momento propício, por crise ou/e por graça, serviram de instrumentos operantes na arquitetura e transformação de seu ser.

Os três anos e meio vivenciados em Oakham geraram sensíveis transformações. Desapareceram seus últimos resquícios de religião. Tristeza e desolação invadiram sua alma em função da morte do pai, desenhando em si uma personalidade conflituosa, revoltada e individualista. É nesse contexto que Merton se preparou para adentrar à Universidade de Cambridge, onde passou um dos momentos mais conflitantes de sua vida. Porém, de férias, seguiu antes para Roma, experiência essa que o marcou e que tem muito a dizer ao leitor sobre seu processo de conversão.

### 2.2.3 Viagem a Roma de Deus

Esses mosaicos me falavam bem mais do que até então eu sabia da doutrina de um Deus de poder infinito<sup>87</sup>.

Merton esteve em Roma por duas vezes: uma aos dezesseis anos e outra em seu décimo oitavo

<sup>85</sup> SHANNON, William H. *Silent lamp*... Op. cit., p. 57-58.

<sup>86</sup> Idem, p. 58.

<sup>87</sup> MERTON, Thomas. *MSP*. Op. cit., p. 102.

ano de vida; nessa última, percebem-se momentos importantes em sua trajetória espiritual: foi a primeira vez que o próprio Merton apontou ter vivido algum tipo de conversão. Certo reconhecimento e uma sensação de horror quanto à sua existência também lhe ocorreram e, pela primeira vez, disse ter começado, realmente, a rezar.

Antes de esclarecer pontos concernentes à “conversão” experienciada nessa fase, faz-se necessário destacar que o tema se insere em ambiente complexo. Os estudos sobre as transformações motivadas pela fé são amplos, e mesmo os conceitos envolvidos são de difícil apreensão. Assim, uma breve revisão da literatura sobre o assunto faz-se necessária: Henri Gouhier, na obra *Blaise Pascal: conversão e apologética*, já se expressava quanto ao tema: “Não abusemos de uma palavra cuja definição é tão difícil”<sup>88</sup>.

O filósofo Pierre Hadot demonstrou a existência de um “estereótipo” da conversão, sendo tradicionalmente descrita por uma proposta sólida que “opõe fortemente as longas hesitações, os erros da vida que precede à conversão, à iluminação decisiva recebida de repente”<sup>89</sup>. Como exemplo, cita-se a conversão ao catolicismo do poeta Murilo Mendes<sup>90</sup> (1901 – 1975), descrita em *O Círio Perfeito*, por Pedro Nava:

Esta conversão não resultou de nenhuma catequese, de nenhuma dedução desse ser lógico, de nenhuma reflexão desse homem inteligente, mas de um estado emocional que funcionou a fogo, como um pentecoste, na noite do velório de Ismael Neri<sup>91</sup>.

Entretanto, remetendo ao pensamento de Agostinho (354 – 430), percebe-se um processo de conversão narrado em sua obra *Confissões* em que é possível distinguir etapas de seu despojamento e ascensão gradual ao “homem novo”, em consonância ao apelo da necessidade transformadora do ser. Agostinho se viu preso a questões de seu passado, de modo que seu libertar veio depois de lutas consigo próprio. Ele afirmou: “Nem de forma alguma eu duvidava da existência de um Ser a quem me devesse unir. Sabia, porém, que ainda não me encontrava apto para essa união [...]”<sup>92</sup>.

Tornemos à nossa análise da conversão de Thomas Merton. Em 1933, a Roma visitada por ele foi a Roma da era medieval, quinto, sexto e sétimo séculos, dos mosaicos bizantinos,

---

<sup>88</sup> GOUHIER, Henri. **Blaise Pascal: conversão e apologética**. São Paulo: Discurso editorial, 2006, p. 20.

<sup>89</sup> HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e Filosofia Antiga**. Coleção Filosofia Atual. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 209.

<sup>90</sup> Murilo Mendes Monteiro nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais. Foi funcionário público, cartorário e bancário. Estreou na literatura em 1930. Como professor ensinou literatura brasileira na Itália, principalmente em Roma e Pisa. Vem a falecer em Lisboa. NAVA, Pedro. **O círio perfeito**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 276.

<sup>91</sup> Ismael Neri, grande amigo de Murilo Mendes. Idem, p. 278.

<sup>92</sup> AGOSTINHO, Santo. **Confissões** – Livro VII. (Trad. J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina). 24.ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 158.

a qual lhe rendeu novas e profundas descobertas. Traços de sua sensibilidade e de seu respeito pela cultura católica vieram à tona desfazendo, caso houvesse, traços das memórias de infância, quando recebeu informações de seu avô tão contrárias a essa Instituição. Narrou que, ao entrar na cidade, sentiu um imenso respeito ao visualizar a cúpula de São Pedro. Levou alguns dias visitando museus, ruínas, livrarias e, sem se dar conta, percebeu seu interesse se desviar rumo às Igrejas, em particular aos mosaicos:

Fiquei fascinado por aqueles mosaicos bizantinos. Comecei a frequentar as igrejas onde podiam ser encontrados e, como consequência indireta, também as demais igrejas do mesmo período. [...] Estava visitando inconscientemente e sem querer todos os grandes santuários de Roma e procurava-os com a ânsia, avidez e desejo de um verdadeiro peregrino [...]<sup>93</sup>.

De suas descobertas nas igrejas, como a manjedoura de Cristo e os túmulos dos grandes mártires, elucidou que nada lhe diziam, ou pelo menos que era incapaz de apreender suas mensagens. Entretanto, afirmou que as igrejas e suas artes, essas sim, lhe diziam algo assimilado de forma encoberta. Esse despertar por uma Roma diferente talvez tenha ocorrido, segundo ele, pela apreciação de alguns afrescos de antiga capela. É nesse contexto que Merton começou a reconhecer traços em relação à figura de Cristo e diz ter sido “um conhecimento obscuro, mas verdadeiro [...]”. Foi em Roma que se formou minha concepção em Cristo”<sup>94</sup>. Marcelo Timotheo da Costa, em seu artigo *Sublimes Experiências (meta) históricas: relatos de viagem de Thomas Merton*, apontou ter sido posteriormente à sua conversão que o escritor pôde vislumbrar tais experiências de uma forma mais profunda<sup>95</sup>.

Tal experiência vivida por Merton o levou a adquirir uma tradução da *Vulgata* para ler o Novo Testamento, dedicando-se aos evangelhos e percebendo crescer cada vez mais seu amor pelas igrejas antigas e seus mosaicos. Mais do que admirar suas artes, agora se sentia impelido às visitas à igreja em função da sensação de paz interior que o invadia:

Tinha uma espécie de convicção forte e profunda de que meu lugar era ali: de que minha natureza racional estava plena de desejos e necessidades profundos que só encontrariam satisfação nas igrejas de Deus<sup>96</sup>.

Posteriormente, o Merton monge, aprofundando sua visão quanto àquele momento, retratou a força e a profundidade da arte daqueles mosaicos: “Os santos daqueles dias

<sup>93</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 101.

<sup>94</sup> Idem, p. 102.

<sup>95</sup> COSTA, Marcelo Timotheo da. **Sublimes experiências (meta) históricas: relatos de viagem de Thomas Merton**. In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (org.). **Mística e literatura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 136.

<sup>96</sup> Ibid., p. 103.

esquecidos haviam deixado nas paredes de suas igrejas palavras que por especial graça de Deus eu era capaz de entender até certo ponto, embora não conseguisse decodificar todas elas”<sup>97</sup>.

Um traço peculiar ao símbolo é justamente sua impossibilidade de tradução. Seu significado e sua essência sempre escapam de uma conceituação clara e objetiva, pois o símbolo nunca retrata a experiência em si, mas desperta emoções que colocam o homem no caminho de expressá-las. Em seu livro *Questões abertas*<sup>98</sup> (1960), Merton, mais tarde, refletiu quanto à importância da verdadeira arte sacra cristã que, imersa numa verdadeira espiritualidade, “exerce poderosa influência formadora sobre a alma do cristão”<sup>99</sup>.

Percebe-se, desde os seus cinco anos de idade, um bem-estar ao entrar em contato com o religioso. Sua experiência em ouvir o som dos sinos da igreja lhe gerou uma sensação de alegria. As visitas à igreja protestante em companhia de seu pai lhe renderam conforto. Seu breve contato com a igreja em Ripley Court o deixou, de certa forma, feliz. Agora, aos dezoito anos, dentro de uma igreja romana, se via invadido de paz. Mas nada, até então, que lhe despertasse alguma vontade, ou como assegurou Merton, “nada que se aproximasse de uma conversão”<sup>100</sup>. Um acontecimento, porém, iria desencadear emoções ímpares em seu ser:

Eu estava em meu quarto. Era noite. A luz estava acesa. De repente pareceu-me que papai – morto há mais de um ano – estava ali comigo. A sensação de sua presença foi tão viva, real e chocante como se tivesse tocado meu braço ou falado comigo. Tudo aconteceu num piscar de olhos. Mas neste piscar de olhos fui dominado por uma visão repentina e profunda da miséria e corrupção de minha alma e fui transpassado por uma luz que me fez compreender um pouco da condição em que me encontrava. Fiquei horrorizado com o que vi e todo meu ser revoltou-se contra o que estava dentro de mim; minha alma queria escapar e libertar-se de tudo isso com uma intensidade e urgência que jamais eu tinha conhecido antes. E nesse instante, acho que, pela primeira vez, comecei realmente a rezar – não com os lábios, intelecto e imaginação, mas a partir das verdadeiras raízes de minha vida e de meu ser; comecei a rezar a Deus que nunca conheci: que viesse a mim saindo de sua treva, que me ajudasse a ficar livre de milhares de coisa terríveis que mantinham escrava minha vontade<sup>101</sup>.

Merton não deu maiores detalhes dessa experiência. Não chegou a determiná-la como fruto de sua imaginação ou sistema nervoso, muito menos deslocou tal acontecimento para uma esfera espiritualista do mundo da necromancia ou contato com o mundo dos mortos, pelo qual diz nunca ter se interessado. No entanto, atestou ter sido bastante real a presença da figura

<sup>97</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 102.

<sup>98</sup> Título original: *Disputed Questions*.

<sup>99</sup> MERTON, Thomas. **Questões abertas**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1963b, p. 175-176. (Abreviado **QA**).

<sup>100</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 103.

<sup>101</sup> Idem, p. 104.



paterna lhe despertando o desejo de realizar algo que até então não havia feito: proferir a oração que se negou a fazer em Oakham, bem como nas igrejas que vinha visitando. O que Merton retirou dessa experiência, como ele próprio revelou, foi “uma grande graça”; segundo ele, se a tivesse escutado, “minha vida teria sido bem diferente e menos miserável nos anos a seguir”<sup>102</sup>. Dirigiu-se então, após esse acontecimento, à igreja dominicana de Santa Sabina onde relata:

Foi uma experiência bem definitiva, algo que podia equivaler a uma capitulação, uma rendição, uma conversão, não sem luta, mesmo agora, entrar deliberadamente na igreja sem outro propósito do que ajoelhar e rezar a Deus. [...], mas agora tomei da água benta na entrada da porta e fui direto ao anteparo do altar, ajoelhei-me e disse devagar, com toda a fé que havia em mim, o Pai-nosso. [...] esta experiência durou ao menos meia hora de orações de lágrimas incontidas<sup>103</sup>.

Vislumbra-se, de acordo com tal relato, uma sensação de renascimento no jovem viajante que, ao sair da igreja de Santa Sabina, se encaminhou à outra igreja, preferindo agora ficar do lado de fora, segundo ele, deleitando-se da paz e da alegria presentes em seu interior, levando-o a supor que, daquele momento em diante, ele seria diferente e sua vida seria melhor. Essa sensação o acompanhou pelos últimos dias de sua estada em Roma e, numa certa tarde, indo rumo a Basílica de San Paolo avistou o mosteiro trapista de *Tre Fontane*, em cuja velha e escura igreja adentrou; por medo, não visitou o mosteiro. Ficando do lado de fora, andava em meio ao silêncio, pensando nos monges se autoflagelando, e nesse ínterim lhe surgiu um pensamento: “Eu gostaria de ser um monge trapista”<sup>104</sup>. De acordo com Merton, esse era um pensamento comum naquela época, os homens se imaginarem enclausurados numa cela, com o hábito de monge, em profundo silêncio. De sua parte, segundo ele, era uma fantasia. Não tinha a noção do que era ser um monge trapista, a não ser o silêncio no qual viviam, provavelmente, em suas celas.

Oito anos mais tarde, em seu diário, deixou expressa sua memória afetiva ao tempo de sua segunda viagem:

Nunca deixará de assombrar-me o amor que bruscamente eu me tomei por esses mosaicos. Certamente era a graça de Deus, e nessa vida não há como eu saber quanto significava esse amor. Pode ter significado toda a minha vida, através das preces daqueles santos e de outros dos primeiros tempos da igreja, que alcançaram, com suas preces, que eu deveria amar suas igrejas e, com suas preces, que eu mesmo deveria também rezar e ler a Bíblia. Depois disso, não importa aonde eu fosse nem a quantas viesse nos cinco anos seguintes, eles

---

<sup>102</sup> Ibid.

<sup>103</sup> MERTON, Thomas. *MSP*. Op. cit., p 105.

<sup>104</sup> Ibid.

ainda rogavam por mim, até eu vir novamente me arrastando de volta, muito exaurido e prestes a cair morto<sup>105</sup>.

Costa salientou que a curiosidade do jovem Thomas pela fé católica se deu, em primeiro momento, num viés estético. Nesse contexto, apontou que “na interpretação de Merton, sua conversão fora prefigurada pela viagem romana de 1933”<sup>106</sup>. Armindo Trevisan, teólogo e ensaísta, levantou a importância dos mosaicos também em Dante Alighieri, perguntando se este poeta italiano “poderia ter chegado a algumas de suas *visões* do Paraíso da *Divina Comédia*, se não tivesse contemplado o magnífico mosaico do Batistério de San Giovanni em Florença, onde foi batizado”<sup>107</sup>. Mas, no que se refere a Merton, há a possibilidade de seu interesse por esses mosaicos estar num passado não muito distante, no período da doença de seu pai. Estando este internado, já sem a capacidade da fala, Owen desenhava com uma caneta-tinteiro, em folhas azuis, pequenos santos bizantinos, ficando tal ato impresso na memória de seu filho<sup>108</sup>. Independente desse fato, Merton sempre trazia consigo particular sensibilidade à arte<sup>109</sup>. Porém, não há de se eliminar uma possível intensificação de sua paixão por essa arte cristã em função da influência paterna.

Se em sua primeira viagem o jovem francês recordou uma cidade real, visível, até mesmo decepcionante, a Roma que prevaleceu foi a segunda, imaterial<sup>110</sup>, onde foi firmada a base sólida de sustentação à edificação de sua *metanoia*. Conforme Costa, a memória que o monge trapista se utilizou ao descrever sua experiência em Roma foi uma memória das imagens etéreas apreendidas em seu íntimo<sup>111</sup>.

<sup>105</sup> MERTON, Thomas. **MI**. Op. cit., p. 41.

<sup>106</sup> COSTA, Marcelo Timotheo da. **Sublimes experiências (meta) históricas...** Op. cit., p. 137.

<sup>107</sup> TREVISAN, Armindo. **O rosto de Cristo: a formação do imaginário e da arte cristã**. 2ed. Porto Alegre: Age, 2003, p.55.

<sup>108</sup> Uma vez mais ressalta-se a importância da influência de Owen Merton na sensibilidade artística e na conversão do filho. Pode-se perceber em sua autobiografia, bem como nos escritos de outros autores pesquisadores desse trapista, sua admiração e semelhanças que herdara dele então, como seu gosto pelo Jazz, por exemplo. Por vezes, Merton o acompanhava em suas viagens e num contato estreito com sua pintura relata: “Havia aprendido de meu pai que era quase blasfêmia considerar como função da arte simplesmente reproduzir certa espécie de prazer sensual ou, melhor, despertar as emoções para uma excitação passageira. Sempre entendi que a arte era contemplação e que ela envolvia a ação das faculdades mais elevadas do ser humano”. MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 184.

<sup>109</sup> Merton nutria uma paixão pelo sagrado, o ascético e sua relação, que o conduziu a um dos mais importantes projetos de sua vida não concluídos: o manuscrito *Art and Worship (Arte e Crença)*, o qual ele desenvolveu a partir de materiais sobre a arte sacra, ministrados a seus noviços no ano de 1954. Em 1958, são escalados para publicação algumas dessas ideias, nas quais Merton trabalha até, aproximadamente, o final de sua vida, sem que fosse finalizado tal projeto. Partes do manuscrito estão publicadas na forma de artigos, além de dois capítulos presentes em sua obra *Disputed Questions (Questões abertas, na versão brasileira)*, de 1960.

<sup>110</sup> Possível referência à *Cidade de Deus*, de Santo Agostinho.

<sup>111</sup> COSTA, Marcelo Timotheo da. **Sublimes experiências (meta) históricas...** Op. cit., p. 136.

Merton, enquanto monge, recordou “da função que a arte tem na vida da fé”<sup>112</sup>. Na cidade romana fora plantada a semente que, anos mais tarde, deu seus frutos ao jovem: o ápice de sua conversão, bem como a continuidade de sua busca pelo mistério. Tal experiência veio reafirmar sua sensibilidade e aspiração por liberdade, presentes desde a infância, levando-o, através da arte, a certa transcendência, demonstrando, talvez, sinais marcantes de sua futura trajetória espiritual: a contemplação.

Merton experimentou em Roma um primeiro contato mais profundo não só com a cultura católica, mas antes de tudo com a fé, sentimento até então não despertado pelas paragens protestantes com que teve contato, seja pelas escolas pelas quais passou, seja pela família. Entretanto, não se tratou de um sentimento nítido aos olhos desse viajante, mas de algo que se instalou em seu íntimo, sendo desenvolvido continuamente.

Com uma sensação de saudosismo, Merton pôs fim a sua viagem, preparando-se para ingressar na Universidade de Cambridge, Inglaterra, onde viveu, provavelmente, seu momento mais denso, imerso em grandes conflitos.

## 2.3 NO LIMIAR DO ABISMO

### 2.3.1 O Labirinto

Algumas pessoas podem pensar que a Providência foi muito caprichosa e cruel comigo, permitindo que eu escolhesse os meios que escolhi para salvar minha alma. Mas a providência, que é o amor de Deus, é muito sábia em afastar-se da vontade própria dos homens, nada tendo a ver com eles e deixando-os entregues a seus próprios desígnios, durante o tempo em que pretendem governar a si mesmos, para mostrar-lhes a profundidade da futilidade e aflição a que seu desamparo é capaz de arrastá-los<sup>113</sup>.

Após sua viagem a Roma, Merton manteve, por algum tempo, suas leituras da Bíblia realizadas às escondidas, por receio de ser visto e medo de ser zombado. Se a fase de sua segunda experiência em Roma parecia ter sido um primeiro passo decisivo para sua conversão, tal período de religiosidade duraria pouco. De fato, as idas e vindas foram uma marca no seu caminho espiritual, reflexo de sua fé titubeante, mas que se firmou em ocasião propícia. Ao entrar para a *College Clare*, em Cambridge, Inglaterra, vivenciou uma fase de intensos conflitos

<sup>112</sup> MERTON, Thomas. **O signo de Jonas**. São Paulo: Mérito, 1954, p. 88. (Abreviado SJ).

<sup>113</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 114.

entre 1933 e 1934, nos âmbitos moral, espiritual e acadêmico.

Shannon abordou traços da personalidade do jovem Merton nesse estágio sugerindo que os períodos amargos de solidão desde criança e a ausência de uma orientação estivesse a reverberar naquele momento. Ele retrata um jovem assustado pela falta de sentido existencial, de modo que seus próprios amigos diziam perceber uma pessoa totalmente diferente daquela conhecida em Oakhan, dedicando agora seu tempo muito mais aos bares do que aos estudos. Por opção em retirar o máximo de prazer que conseguisse da vida, viu-se atuando em conformidade com seus instintos, voltados àquela época aos intensos impulsos sexuais, “desacompanhado[s] de qualquer senso de seu verdadeiro significado humano”<sup>114</sup>.

Frequentou Cambridge por menos de um ano, pois enfrentou um processo de expulsão decorrente do fato de ter engravidado uma moça com a qual manteve certo relacionamento. Entretanto, a experiência durou tempo suficiente para mudar consideravelmente sua vida, gerando consequências em âmbitos importantes na trajetória desse jovem, colocando fim à realização do desejo em tornar-se diplomata e o impedindo de adentrar, anos mais tarde, na Ordem Franciscana. Esse foi um período de entrega às bebidas e às aventuras sexuais.

Nesse tempo, Merton se aproximou da psicologia, dedicando-se a leituras de Freud, Jung e Adler, chegando à conclusão “que um dos maiores crimes neste mundo era a introversão”<sup>115</sup>. No intento de descobrir os mistérios de uma sexualidade reprimida, esforçava-se em seus estudos sobre os complexos, a extroversão, introversão e temas pertinentes a esse quadro que se prefigurava à sua frente. Passando a ler Freud diariamente, deu início à busca de tornar-se um extrovertido. Mais tarde, refletiu quanto ao equívoco daquele tempo em seu diário:

Há urgência absoluta de um combate implacável às paixões e às fraquezas de nossa carne. No que me concerne, todos os argumentos psicanalíticos só me serviram como as desculpas que minha covardia e preguiça encontraram para evitar a luta e assim continuar na aflição<sup>116</sup>.

Analisando sobre sua condição naqueles anos em Cambridge, relatou seu estado de espírito:

Eu, cujo maior aborrecimento era que minha alma e todas as suas faculdades estavam se deteriorando, porque nada havia que controlasse meus apetites – e eles estavam se despejando numa orgia incoerente de paixão desenfreada – cheguei à conclusão de que a causa de toda minha infelicidade era a repressão sexual<sup>117</sup>.

<sup>114</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp**... Op. cit., p. 73.

<sup>115</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p.115.

<sup>116</sup> MERTON, Thomas. **MI**. Op. cit., p. 12.

<sup>117</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p.115.

Naomi Burton Stone, amiga e também sua agente literária, fez referência a um fato capaz de orientar o leitor quanto a essa fase. Na noite de 14 de novembro de 1933, Merton participou de uma festa, a qual ele mesmo denominou de *The Party in the Middle of the Night* (A Festa no Meio da Noite). Em um texto datilografado, cujo teor representava o esboço quase completo do *The Labyrinth*<sup>118</sup> (O Labirinto), Stone relatou sua impossibilidade em esquecer o que leu, assim como sua percepção quanto à falta de algumas páginas eliminadas, provavelmente por Merton, na intenção de esconder certos detalhes.

Stone relatou a ocorrência de “escarnecedora crucifixão”, em que um estudante do grupo aceitara ser pregado, ou pelo menos, fingir estar sendo pregado em uma cruz. Apontou para um presente quadro de embriaguez e descontrole entre os presentes que, por pouco, não levaram tal crucificação às vias de fato. Não há certeza se o sujeito que sofrera a ação fora Merton<sup>119</sup>. O acontecimento teria ocorrido em um Clube de nome *Rendez-vous*, que existiu em Cambridge, onde Merton teria quebrado uma janela na tentativa de fugir da polícia. Se por um lado é impossível ter certeza, Michael Mott, outro importante pesquisador de Merton, salientou as diversas vezes em que a palavra crucificação aparece quando voltamos a atenção para Cambridge, como no exemplo abaixo, contido na *Montanha dos sete patamares*:

Com todos os nervos e fibras do meu ser eu estava trabalhando para me escravizar nas amarras de minha própria náusea. Não há nada novo nem estranho nesse processo. Mas o que as pessoas não percebem é que isto é a crucificação de Cristo: onde ele morre sempre de novo nos indivíduos que foram feitos para compartilhar da alegria e da liberdade de sua graça e que o renegam.<sup>120</sup>

Tanto Shannon como Mott apontaram outra evidência favorecendo a comprovação desse evento. Ao ser solicitado o endereço de sua residência permanente nos Estados Unidos, em 1938, foi necessário a Merton preencher a “Declaração de Intenção”, e dentro dela havia um espaço em que era demandado identificar possíveis “marcas corporais visíveis e diferentes”.

---

<sup>118</sup> Entre o período de seu batismo até sua entrada na Trapa, no verão de 1939, Thomas Merton escreve três romances, que permanecem não publicados: *Straits of Dover*; *The night Before the Battle* e *The Labyrinth*. Na verdade, trata-se basicamente de um mesmo romance. O formato definitivo foi bem reduzido, e metade de seu texto havia sido reescrito. Segundo Mott, tal cópia ainda existe. A não publicação da obra gerou em Merton, àquela época, grande tristeza. Entretanto, no futuro, enquanto monge, agradeceria pela não edição da mesma. As sessões do romance *Straits of Dover* e *The Labyrinth* ainda existem. É possível que *The Man in the Sycamore Tree* seja uma forma variada de *The night Before the Battle*.

<sup>119</sup> MOTT, Michael. **The seven mountains of Thomas Merton**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1984, p. 78-79.

<sup>120</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p.112.

Merton declarou haver na palma de sua mão direita uma cicatriz. Descrição próxima a essa pode ser encontrada em seus documentos de naturalização, concedidos em 26 de junho de 1951, pelo governo dos Estados Unidos, em Louisville.

Em conversa ocorrida entre Shannon e Stone, esta relatou uma de suas visitas à Trapa quando, de maneira jocosa, pediu a Merton que estendesse as palmas de suas mãos para que ela as pudesse ler. Stone comentou sobre certa relutância do monge, mas, mostrando-a, ele levou a agente literária a perguntar pela cicatriz que então percebera em sua mão direita. Segundo ela, Merton apontou ter sido resultado de um acidente, mudando de conversa<sup>121</sup>, mas se referiu à cicatriz como seu “estigma”<sup>122</sup>. Nesse contexto, Merton, em 1965, refletindo sobre seu passado, argumentou: “Houve temporadas inteiras de insegurança, principalmente quando eu tinha menos de vinte e um e acompanhado de amigos que não eram realmente parecidos comigo”<sup>123</sup>. Lembrou-se ainda de si mesmo que, em sua juventude, com suas aventuras amorosas, sentia-se lamentando, como acentuou:

A minha falta de Amor, meu egoísmo, minha superficialidade que cobria uma timidez profunda e uma necessidade urgente por Amor. Minha volubilidade com a menina a qual realmente me amava, eu acho que, por um tempo. Minha falha era minha incapacidade de acreditar nisso e meus esforços para obter a garantia completa e perfeita realização<sup>124</sup>.

Foi uma fase marcada pela urgência em se afirmar como um ser, acima de tudo, livre. No enalço de seu desgovernado estado existencial, Merton viveu a experiência de uma provável paternidade que mudaria o curso de sua vida.

### 2.3.2 Conflitos morais

Minhas aventuras sexuais sempre foram seduções – eu queria que elas fossem conquistas nas quais na realidade eu não dava nada, só ‘pegava’<sup>125</sup>.

Pesquisadores de Merton aludem para uma possível paternidade à época da *Clare College*. Esse foi um assunto não colocado em evidência. Em sua autobiografia, não se tocou no tema, não por escolha de Merton, mas em função da censura por parte de seus superiores.

<sup>121</sup> SHANNON, William. *Silent lamp...* Op. cit., p. 75.

<sup>122</sup> MOTT, Michael. *The seven mountains of Thomas Merton*. Op. cit., p. 79.

<sup>123</sup> MERTON, Thomas. *Vow of conversation*. Editado por Naomi Stone. New York: Farrar: Straus and Giroux, 1988, p. 141.

<sup>124</sup> Idem, p. 140-141.

<sup>125</sup> MERTON, Thomas. *MI*. Op. cit., p. 228.

Mott descreveu em sua obra que Merton teria escrito sua autobiografia em um local onde sua mesa estaria ao lado do Padre Anthony, um dos censores escolhidos para acompanhar o desenvolvimento do livro em questão. Para este, parece não ter havido problema quanto a apresentação do caso amoroso de Merton e suas consequências, o que não aconteceria sob a ótica de seu outro censor:

Padre Anthony, um padre pastoral gentil com muita experiência [antes de sua entrada no mosteiro], não se surpreendeu. Tom certamente não teria sido o primeiro dos Cisterciãos a ter um filho, antes de ter entrado para o mosteiro ... Padre Anthony, sem levantar quaisquer objeções, enviou o material para o Padre Gabriel [outro censor]. A reação de Gabriel foi bem diferente da de Anthony. Ele sentiu que não seria edificante para os fiéis se eles aprendessem que um monge chegou a ter um filho<sup>126</sup>.

Shannon levantou uma série de suposições quanto à veracidade dessa gravidez; e, em caso positivo, se cabia a Merton a paternidade, em função de possíveis suspeitas referentes à vida sexual da moça com outros homens, nesse ínterim, e não apenas com Merton.<sup>127</sup> Há a suposição de mãe e filha terem morrido após um bombardeio em Londres, mas segundo esse biógrafo, as evidências apontam o contrário.

Shannon fez referência a uma carta escrita a 3 de março de 1942 pelo diretor da escola pública de Oakham ao bispo de Nottingham, na fase em que Merton estava se inserindo na Trapa. Nessa carta, havia dois possíveis motivos que levariam o jovem a se retirar de Cambridge: primeiro, seu dinheiro haveria acabado; segundo, a existência de um processo de paternidade. Se o último é verdadeiro, é viável que se vislumbre realmente a existência da criança<sup>128</sup>. Quanto ao primeiro, há uma tendência de não validação desses fatos, pois Pop, avô de Merton, em junho de 1930, preparou uma pensão para ambos os netos, o que seria suficiente para mantê-los em boa situação financeira durante algum tempo, pelo menos até ao fim da Universidade e até que conseguissem um emprego, como se percebe em suas palavras: “Não importa o que me aconteça, vocês dois estão garantidos. Não precisam preocupar-se por alguns anos”<sup>129</sup>.

Outro ponto que deslegitima a veracidade da falta de recursos financeiros encontra-se no testamento de Merton, de 17 de fevereiro de 1944, analisado por Moot. Segundo o biógrafo, enquanto a declaração de um monge é feita de forma simples, Merton realizou um testamento. Ele teria deixado seus pertences em *Optional Saving Shares Account* (conta poupança de ações

<sup>126</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp**... Op. cit., p. 74.

<sup>127</sup> Idem, p. 74.

<sup>128</sup> Idem, p. 73-74.

<sup>129</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p, 74.

opcionais) para serem repartidos da seguinte maneira: metade dos bens seria dividida entre sua cunhada e Thomas Izod Bennett<sup>130</sup>. A outra metade deveria ser entregue por seu padrinho à pessoa mencionada por Merton em suas cartas, caso esta fosse encontrada. Quanto às propriedades de seu avô, Merton destinou o lucro das ações de *Grosset and Dunlap* a seu amigo Robert Lax. As propriedades restantes foram dirigidas ao mosteiro.

Parece realmente que Tom Bennett, padrinho de Merton, na época, se colocou à frente de tudo, chegando a contratar advogados. Fato é que Merton desconhecia o paradeiro da moça que provavelmente tivera uma filha sua, não sabendo, sequer, se ela estava viva<sup>131</sup>.

Jato Gordon, personagem fictício de Merton em *“The Labyrinth”*, vislumbrou a ideia de suicídio decorrente do peso da culpa e do remorso que pesavam em suas costas após abandonar sua namorada. Moot, chamando a atenção para o fato de tal acontecimento ser uma ficção, aponta que a moça, após algumas lágrimas, parece se refazer rapidamente. Na narrativa do acontecimento, eis seu desfecho:

Ela estava com lágrimas nos olhos aquele dia no parque; de alguma forma aquilo o deixou com raiva, como se aquelas lágrimas fossem falsas porque vieram a ela com muita facilidade, quando ele mesmo não conseguia ter o mesmo alívio proporcionado por lágrimas. Ela chorou um pouco e assoou o nariz uma ou duas vezes e apertou a mão dele e então devolveu-lhe o lenço e sorriu, e rapidamente ele comprou uma bebida para ela e estava tudo acabado. Exceto pelo fato de que ele a amava mais do que nunca agora que aquelas lágrimas o haviam tirado do mundo dela com tamanha facilidade! E tudo estava acabado, e ele desejava estar morto. Mas ele não se atrevia a desejar isso também<sup>132</sup>.

Importante salientar a possibilidade de interpretação biográfica do livro em questão, já que os eventos e acontecimentos da vida do autor estão intimamente relacionados com os conflitos psicológicos e os problemas que enfrenta o narrador Jato Gordon.

No intento de tornar mais visível o quadro emocional o qual Merton vinha experimentando em Cambridge, sua conversa com Izod Bennet traz ao leitor algum esclarecimento:

Logo que fui colocado na posição de ter que explicar positivamente ou apresentar uma defesa de tanta estupidez e de tantas coisas desagradáveis, como que para justificar que tal modo de vida parecia possível a uma criatura

<sup>130</sup> Thomas Izod Bennett, médico e colega de Owen, ficou responsável por Merton após a morte de seu pai. Após a fase conflituosa do universitário, Bennett haveria sugerido que Merton voltasse a viver com os avós maternos na América. SHANNON, William *et al.* **The Thomas Merton encyclopedia**. Maryknoll: Orbis Books, 2002, p. 27.

<sup>131</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp...** Op. cit., p. 74.

<sup>132</sup> MERTON, Thomas *apud* MOTT, Michael. **The seven mountains of Thomas Merton**. Op. cit., p. 90.



racional, toda a amargura e todo o vazio disso tudo tornaram-se evidentes para mim, e minha língua teve dificuldades em funcionar. E as palavras que murmurei sobre eu ‘cometer erros’ e ‘não querer ferir os outros’ soaram extremamente idiotas e baratas<sup>133</sup>.

Segundo Shannon, Merton queria dizer a seu tutor que, além de entender o que ele havia dito, também estava de acordo, que não o agradava a forma como ele próprio vinha conduzindo sua vida. Sem saber explicar o porquê de suas ações, chegou a dizer que não era ele o responsável pelas atitudes tomadas nos últimos tempos: “Eu não sou realmente responsável por elas”<sup>134</sup>.

Talvez seja possível referenciar o período em Cambridge como a fase mais densa, obscura e ausente de fé vivida por Merton. Nesse enlevo, é clara a impossibilidade do ser humano em viver uma existência sem o contraste entre a luz e a sombra. Como lembrou Agostinho: “fervia em paixões, seguindo ímpeto da minha torrente, abandonando-Vos, e transgredia todos os mandamentos sem escapar aos Vossos açoites. E que mortal haverá que os evite?”<sup>135</sup>.

Sua personalidade de caráter solitário, movida pelo desejo de abraçar o mundo, colorida pelos matizes da sensibilidade e ousadia foram perfazendo um caminho de diversas descobertas e, por conseguinte, respostas à sua sede de viver. Ora positivas, ora negativas, as experiências serviram de degraus para seu autoconhecimento. Aliás, como apontou, foram seus momentos existenciais mais conflitantes, seu período de devaneios mais profundos, que lhe descortinaram o caminho de sua salvação por meio de um paradoxo, como tantos que assinalou presentes em sua vida: “E minha derrota tornou-se a causa de minha salvação”<sup>136</sup>. Começou a galgar uma nova concepção da existência, à medida que despertava para sua atual condição. No entanto:

[...] a simples tomada de consciência da própria infelicidade não é salvação: pode ser uma oportunidade de salvação, ou pode ser a porta para um buraco mais fundo no inferno, e eu tinha que descer mais fundo do que julgava. Mas agora pelo menos eu me dava conta de onde estava, e começava a tentar uma saída<sup>137</sup>.

O escritor russo Dostoiévski elucidou sobre a necessidade de se reconhecer todo o mal que há dentro do ser como uma primeira porta para uma libertação, para o amor ao próximo,

<sup>133</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 115-116.

<sup>134</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp**... Op. cit., p. 76.

<sup>135</sup> AGOSTINHO, Santo. **Confissões**... Op. cit., p. 46.

<sup>136</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 151.

<sup>137</sup> Idem, p. 114.

um amor gratuito sem a necessidade de troca<sup>138</sup>. Esse contexto e toda essa conturbação vivida por Merton em Cambridge fizeram com que ele reconhecesse sua condição existencial degradante, segundo ele próprio, servindo mais como salvação do que de porta para o inferno. Assim, através dos erros pode-se chegar a um nível libertador do ser, sendo essa compreensão uma revelação para Merton e para diversos personagens de Dostoiévski. Em outro sentido, o filósofo racionalista Baruch de Spinoza acredita não ser esse o único, nem mesmo o melhor caminho. Para o filósofo:

Pode-se talvez esperar que as torturas da consciência e o arrependimento ajudem a trazê-los para o bom caminho, e pode-se, em vista disso, concluir [...] que essas afeições são coisas boas. Entretanto, se examinarmos a questão mais de perto, descobriremos que elas não são boas, senão, pelo contrário, paixões más e deletérias. Pois é manifesto que podemos sempre tirar maior proveito da razão e do amor da verdade do que da perturbação da consciência e do remorso<sup>139</sup>.

Percebe-se, desse modo, como a conversão é um processo sem um caminho definido e delineado, sendo diversa para cada um que caminha nesta senda. No caso de Merton, conforme indicado anteriormente, sua transformação passou por idas e vindas na fé, de modo que o aprofundamento em um estado nocivo a si mesmo foi, na verdade, um motivador de sua tomada de consciência.

Cambridge foi justamente o período antecedente à fase mais laboriosa da trajetória espiritual de Merton rumo à sua conversão mais decisiva de 1938, vivida em Columbia. Alceu Amoroso Lima apontou tal universidade como o lugar no qual se processou a evolução de Merton em dois pontos: “do radicalismo marxista e da conversão ao catolicismo”<sup>140</sup>. Foi um estágio em que pontos distintos se inter cruzaram: amizades, livros, lugares; convergindo para transformações mais profundas.

Se em Cambridge Merton vivenciou experiências conflitantes, um ponto foi exaltado,

<sup>138</sup> Na obra *Crime e castigo* (1866) de Fiódor Mikhailovich Dostoiévski, encontramos a personagem Sônia, uma prostituta que alimenta, com seu próprio dinheiro, o vício do pai alcoólatra. Sônia não se ressentida e nem se revolta com tal situação, pois ama seu pai. Entretanto, não deixa de sentir culpa, pois está ciente de sua condição. O reconhecimento de sua inferioridade em relação à superioridade de Deus faz com que Sônia esteja mais próxima de apreender um mundo permeado pelo mistério, ou, como nos aponta Luíz Felipe Pondé, esse reconhecer da distância existente entre o homem e Deus é o pressuposto da taborização humana, em que o sentimento de culpa acelera o processo. Cf. TEIXEIRA, Faustino. **No limiar do mistério** – artigo: O método de Deus. São Paulo: Paulinas, 2004.

<sup>139</sup> SPINOZA, Baruch. *Tract on God, Man, and Happiness*, Livro II, cap. X. In: JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana. (Trad. Octávio Mendes Cajado). São Paulo: Cultrix, 1995, p. 89.

<sup>140</sup> LIMA, Alceu A. **Memórias improvisadas**. Rio de Janeiro. Vozes, 2000, p. 294.

segundo ele, como algo positivo: seu contato com o pensamento de Dante Alighieri<sup>141</sup>.

### 2.3.3 Inferno e Purgatório de Dante Alighieri

Isto, conforme o considero, foi também uma espécie de graça: a maior graça na esfera positiva que recebi em Cambridge<sup>142</sup>.

‘Entre todas as coisas que te mostrei, Depois que entramos pela porta,  
Cuja entrada não é negada a ninguém,

Ainda os teus olhos não viram coisa notável como é o presente rio, que com as suas evaporações apaga todas as chamas’.<sup>143</sup>

Em meio a experiências tão negativas dessa época, Merton reconheceu ter experimentado algo de positivo: “Acho que o único benefício que colhi em Cambridge foi o conhecimento do lúcido e poderoso gênio desse poeta maior do catolicismo – maior em estatura, mas não em perfeição ou santidade”<sup>144</sup>.

Merton havia começado, juntamente com sua turma, a estudar o *Inferno*<sup>145</sup>. O motivo de sua disposição em aceitar ideias concernentes a esse poeta era sua genialidade, conforme sua percepção, levando-o à propensão de assimilar a ideia de inferno e purgatório<sup>146</sup>, mesmo que momentaneamente. Reconhecendo alguma sensibilidade estética, assinalou, entretanto, que não

<sup>141</sup> Dante Alighieri (1265 – 1321) nasceu na cidade de Florença, Itália, considerado o maior poeta de seu tempo. De personalidade ardente, por vezes, demonstrava um temperamento intempestivo. Teve, por sua obra-prima, a *Comédia*, que, até certo ponto, retrata sua paixão pela cidade natal e também sua raiva pelos conspiradores que haviam o expulsado de lá, bem como seu desejo de retornar. Cf. LEWIS, R.W.B. **Dante**. Coleção Breves Biografias. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

<sup>142</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 114.

<sup>143</sup> ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. – Parte I – Canto XIV. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1979, p.115

<sup>144</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 113.

<sup>145</sup> Nas palavras de Marco Lucchesi em sua análise à experiência de Dante na *Comédia*, a figura do inferno, do purgatório e do paraíso seria “como uma viagem para Deus, constituída por uma poética da conversão e uma poética da profecia” em que, a nosso ver, *A Montanha dos Sete Patamares* de Merton retrataria justamente a fase de seu purgatório. Se os nove círculos do inferno de Dante implicam uma condição de caráter intransitivo, sem salvação, o purgatório com seus sete patamares traduzido pelos sete pecados capitais é passageiro, “e as almas são aqui purgadas e não punidas”. Cf. LUCCHESI, Marco. **Nove cartas sobre a Divina Comédia**: navegações pela obra clássica de Dante. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

<sup>146</sup> A partir dos séculos XII-XIII, mesmo sem a anuência das Igrejas gregas, instala-se através de séculos a tríade do Inferno, do Purgatório e do Paraíso elencada por Dante de forma poética n’*A Divina Comédia*. “Os primeiros vestígios do Purgatório podem ser identificados no século XII, nos escritos dos cistercienses ou de mestres seculares das escolas urbanas”. CORBIN, Alain. (Org.) **História do cristianismo...** Op. cit., p. 224.

seria possível absorver tais ensinamentos a ponto de sofrer uma reforma de âmbito moral:

[...] suponho que teria sido demais esperar alguma espécie de aplicação de suas ideias a mim sob o aspecto moral, só porque eu tinha um pouco de sensibilidade estética em relação a elas. Não! Parecia que eu estava blindado e trancado em meu eu defeituoso e obcecado por sete camadas impermeáveis – os pecados capitais, que só as chamas do purgatório, ou do amor divino (são praticamente a mesma coisa) poderiam queimar. Mas por ora estava livre para manter-me longe do ataque daquelas chamas, pelo simples fato de desviar delas minha vontade<sup>147</sup>.

Atentando para o título que o monge destinou à sua obra autobiográfica, remetendo-a aos “sete círculos da montanha do Purgatório de Dante”, pesquisadores abordam tal tema como “a gradual purificação dos desejos, como Merton afasta-se dos falsos amores que ele tinha atraído na sua juventude, ao amor de Deus e das coisas do espírito”<sup>148</sup>. Segundo Costa, tal título já era uma forma de Merton expor sua abdicação à vida secular<sup>149</sup>.

Costa chamou a atenção para a expressão “gradual purificação”, a retratar um “processo de desapego das coisas mundanas, apontando para cima e para a divindade” e prossegue: “*A montanha dos sete patamares* [...] detalharia, de acordo com a fé por ele assumida, suas ações seculares pretéritas e sua particular ascensão metafísica”<sup>150</sup>.

Mesmo sem se lançar ao universo de Dante, Merton, de certa forma, se deixou influenciar:

Apesar de nenhuma de suas ideias ter lançado raízes profundas em meu espírito, que era rude e indolente demais para absorver algo tão puro, permaneceu em mim uma espécie de mentalidade armada na presença de todos aqueles dogmas que eu tendia a tolerar de modo vago e geral, grosso modo, enquanto era necessário para a compreensão do poema<sup>151</sup>.

Além de seu contato com o poeta italiano, todo o restante naquela época, segundo esse autor, aconteceu de forma negativa. Em suas palavras, ele já havia experimentado emoções análogas às quais sentia agora, uma sensação de miséria, “mas nada se comparava à amargura que logo começou a tomar conta de mim naquele ano em Cambridge”<sup>152</sup>. Todo esse pulsar de dores e movimentos ao encontro do abismo, conforme seu próprio pensamento, serviu para demonstrar-lhe o lugar em que estava e motivá-lo a dar início à busca de alguma saída.

Momentos de descompasso chegaram a reger a vida do jovem, ao mesmo tempo em que

<sup>147</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p.113.

<sup>148</sup> SHANNON, William *et al.* **The Thomas Merton encyclopedia**. Op. cit., p. 424.

<sup>149</sup> COSTA, Marcelo Timotheo da. **Sublimes experiências (meta) históricas...** Op. cit., p. 132.

<sup>150</sup> *Ibid.*

<sup>151</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p.114.

<sup>152</sup> *Idem.*

caminhos mais seguros e menos tortuosos eram construídos à sua frente e diversamente percorridos, como se pode avistar em vários momentos na autobiografia do autor, nos quais o Merton maduro os percebeu como ação constante da graça.

Ir. Maria Emmanuel atentou para um Merton que, desde a infância, sentia-se fortemente atraído para o mistério. Portador de uma intelectualidade sempre sedenta por novos conhecimentos, via seu caminho se contradizer com tal realidade, pois a boemia e a inconstância lhe empurravam para um quadro caótico distante dessa possível essência ainda em estado latente. Eis a pergunta: “Haveria para ele um lugar no mundo?”<sup>153</sup>

---

<sup>153</sup> SILVA, Ir. Maria Emmanuel de Souza e. **Thomas Merton...** Op. cit, p.30.

### 3 DA VANIDADE AO AMOR DE CRISTO

#### 3.1 PRIMEIROS PASSOS NA AMÉRICA

##### 3.1.1 Elucidações sobre o universo de Columbia

Seus últimos passos desordenados trouxeram Merton à América. Foi uma delicada transição representando, segundo ele, mais do que simplesmente atravessar o Atlântico. Era uma chance de vislumbrar a porta de saída do estado infernal em que se encontrava, pois, mesmo tendo saído do solo europeu, “ainda continuava no inferno”<sup>154</sup>, contra sua vontade.

Não foi difícil, segundo suas memórias, reconhecer que seu período em Cambridge, com suas fantasias e desejos mundanos exacerbados, havia se reduzido a nada. Expressando a condição a que chegara, definiu-se como “uma espécie de pessoa extremamente desagradável – vã, egocêntrica, dissoluta, fraca, irresoluta, indisciplinada, sensual, obscena e orgulhosa”. E concluiu: “Eu era uma porcaria. Até o reflexo de meu rosto no espelho me dava nojo”<sup>155</sup>.

Apreendeu-se como produto de sua era, de uma sociedade materialista e egoísta, apontando estar sua ação no mundo baseada somente nos cinco sentidos do ser, não cabendo em si nenhuma atitude sob via sobrenatural<sup>156</sup>. Dessa forma, disse desembarcar em Nova York preenchido de enorme confiança, expressando-se: “Nova York, você é minha! Eu amo você!”<sup>157</sup> Merton então amou a “Cidade sem alma”. Como ele próprio inferiu tempos mais tarde, essa forma de amor, envolta somente nos cinco sentidos do ser, afasta o homem das verdadeiras realizações do espírito.

Nesse momento, novas ideias começaram a surgir em sua mente, como resposta a seu estado conflitante e, ao mesmo tempo, direcionado, quase que forçosamente, para o firmamento em nova terra. Nesse contexto, simpatizou-se com o comunismo, com o qual teve contato cinco anos antes, época de sua primeira leitura do *Manifesto Comunista*.

Em 1935, Merton deu início à sua experiência na Universidade de Columbia, não sem antes, inspirado pelos presentes ideais, pensar na hipótese de matricular-se nos cursos oferecidos pela *New School for Social Research*<sup>158</sup>, optando, por fim, por terminar o curso universitário e conseguir seu diploma. Antes mesmo de adentrar nessa Universidade, onde

<sup>154</sup> MERTON, Thomas. *MSP*. Op. cit., p. 121.

<sup>155</sup> *Idem*, p. 122.

<sup>156</sup> *Ibid.*, p. 123.

<sup>157</sup> *Ibid.*, p. 126.

<sup>158</sup> Faculdade em Nova York.

começou a encontrar seu lugar no mundo, já trazia consigo suas ideias “comunistas”. Segundo Shannon, Merton “floresceu” em Columbia. Talvez em função de seus professores, dos amigos e da forma pela qual a educação era ali ministrada<sup>159</sup>. Entretanto, o jovem universitário passou por momentos conturbados nos primeiros tempos. Compreensível que, recém-saído de uma nebulosa e turbulenta fase, abandonando seu sonho de tornar-se um diplomata britânico, pisasse em solo nova-iorquino ainda envolvido pelas emoções as quais se vira absorto anteriormente, carregando para essa nova atmosfera universitária tais sentimentos e ideias e levando-o a elucidar, cerca de vinte e cinco anos mais tarde, sobre essa experiência:

Columbia foi para mim, um microcosmo, um pequeno mundo onde dispersei a tempo. Se tivesse esperado até depois da graduação, teria sido tarde demais. Durante os poucos anos que estive lá, consegui fazer tantas coisas erradas que quase enlouqueci. Mas felizmente aprendi, graças a isso, o que foi bom<sup>160</sup>.

Suas primeiras impressões sobre essa instituição foram a de um ambiente envolto em uma relativa vivacidade intelectual, fazendo da Biblioteca seu lugar predileto. Percebeu em seus alunos mais humildade e maior aplicação aos estudos do que havia visto em Cambridge. Dando continuidade aos seus pensamentos, mais de duas décadas posteriores, relembrou o monge:

[...] sempre senti, em Columbia, que as pessoas à minha volta, um pouco divertidas e talvez, às vezes, incrédulas, ficavam felizes em me deixar ser eu mesmo. (Acrescento que raramente senti isso em Cambridge.) A coisa de que mais gostava em Columbia era a sensação de que a Universidade se contentava, de um modo geral, em me deixar solto na biblioteca, nas salas de aula e no meio de seu eminente corpo docente, e deixava-me fazer o que quisesse com aquilo tudo. E fiz. E acabei por ser revirado, como um fliperama, por Blake, Santo Tomás de Aquino, Santo Agostinho, Eckhart, Coomaraswamy, Traherne, Hopkins, Maritain e os sacramentos da Igreja Católica<sup>161</sup>.

Columbia, segundo Merton, ensinou-lhe que melhor do que preparar-se para um grande emprego era aprender a não o desejar, e mais importante do que encontrar um lugar ao sol no centro do mundo dos negócios era voltar-se a si mesmo, persistindo na aprendizagem interior. A propósito, Merton foi destaque em Columbia, chegando a ser eleito o melhor escritor. Lá, acontecimentos significantes falavam muito das aspirações e do estado de ânimo desse jovem.

São João da Cruz, em seu trabalho dedicado à purificação da alma, já tratava de tal tema

<sup>159</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp...** Op. cit., p. 84.

<sup>160</sup> MERTON, Thomas. **Amor e vida.** São Paulo: Martins Fontes, 2004b, p. 12. (Abreviado **AV**).

<sup>161</sup> Idem, p. 13-14.

em seu exercício das *virtudes teologais*, sendo estas os pilares para uma vida unida a Cristo. Na trajetória do homem convidado por Deus a atravessar a *noite escura*, demonstrou que o desapego às coisas de irreal valor é o caminho de burilamento da alma que anseia por viver em Deus, construindo uma vida sem ilusões<sup>162</sup>.

Merton identificou como lenda a ideia de que Columbia seria um “viveiro de comunistas”. Na verdade, segundo ele, seriam “liberais”. Apesar de não ser um foco dessa ideologia, entre os graduandos, Merton detectou muitos comunistas e simpatizantes, vivendo sua breve fase dentro desse contexto político.

A América foi um solo fértil que, através de Columbia, berço de transformações substanciais, traçou precisas coordenadas na viagem existencial do jovem Merton ao mistério da fé.

### 3.1.2 Reverberações comunistas: uma “conversão moral”

Mesmo sem uma apreensão profunda do Marxismo, sob a influência de Columbia, Merton passou a professar a si próprio que o capitalismo era o responsável por todos os males do mundo. Por conseguinte, bastaria eliminá-lo para suprimir a maldade deste, chegando a apontar certa transformação sofrida: “A verdade é que eu estava no meio de uma conversão. Não era a conversão certa, mas era uma conversão. Talvez um mal menor [...]. Mas, apesar de tudo, não era algo muito bom. Estava me tornando um comunista”<sup>163</sup>. Conforme suas palavras, “enquanto sei, este era um passo tão sincero e completo para a conversão moral quanto era capaz de dar na época com minhas próprias luzes e desejos”<sup>164</sup>.

No pensamento do Merton comunista deviam cair sobre o capitalismo todas as culpas do quadro conflituoso que a sociedade experimentava, até mesmo a própria revolução e suas conseqüentes violências. Segundo Conn, era natural tal postura: uma forma de projetar no campo econômico seu momento espiritual vivido àquela época, responsabilizando a sociedade por sua infelicidade e não a si próprio<sup>165</sup>.

Mas, se Merton, tempos depois, atribuiu a essa ação uma marca de sua imaturidade ao

---

<sup>162</sup> As *virtudes teologais* vividas passiva e ativamente pelo homem fazem com que Deus se converta no eixo único e total deste indivíduo através da fé, do amor e da esperança. Agora, o mundo do indivíduo que se esvaziou sente o peso de seu desmoraamento, pois se extingue a imagem que o homem fazia de si próprio ficando “desnudo, só com a própria miséria”. RUIZ, Federico. **Místico e mestre São João da Cruz**. Trad. de Frei Patrício Sciadini, O.C.D. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 262.

<sup>163</sup> Idem, p. 121.

<sup>164</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 121.

<sup>165</sup> CONN, Walter E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 161.



assumir que sua fase comunista atentava tão somente para seu interesse e bem-estar próprio, foi real sua consciência quanto às injustiças presentes na sociedade<sup>166</sup>.

O teólogo Leonardo Boff traz elucidações quanto à questão:

Identificar-se com os valores e vontades de um sistema político e até eclesiástico, sem reservar-se a atitude crítica e a liberdade que Cristo nos conquistou e que devemos defender, é sinal de imaturidade espiritual e característica de todo o pensar ideológico<sup>167</sup>.

Sob esse prisma, a falta de criticidade da fase estudada nesta seção vem reafirmar sua falta de desprendimento àquela época. Como o próprio Merton afirmou em sua autobiografia: “A verdade é que minha inspiração de fazer algo pelo bem da humanidade tinha sido fraca e abstrata desde o começo. Continuava interessado em fazer o bem para uma só pessoa no mundo – para mim mesmo”<sup>168</sup>.

Notava-se sua presença em reuniões e na venda de panfletos e revistas pela causa. Ele chegou até mesmo a proferir um discurso sobre “O comunismo na Inglaterra”, assunto sobre o qual, segundo Conn, ele não sabia nada. O primeiro comício de que participou em Columbia foi contra o fascismo italiano, entediante, segundo ele. Em conversa com um comunista responsável pelo evento, expôs suas ideias, sendo o bastante para ser convidado a participar dos comícios da Liga Nacional de Estudantes (N.S.L.). Sem tardar, Merton, ao lado de outros companheiros, podia ser visto carregando cartazes nos quais continham acusações à Itália por injustiça em relação à Etiópia, mesmo tendo afirmado ser contrário a todo tipo de guerra. Às vezes chegavam a ficar duas horas expondo seus ideais, refletindo “o ardente senso de justiça” que os envolvia, guardando a sensação de ter feito algo de bom, de ter realizado “ao menos uma espécie de confissão pública de fé”<sup>169</sup>.

Naquela primavera de 1935, dentre outros eventos políticos ocorridos, Merton presenciou a “Greve da Paz”. Alunos deixaram de frequentar as aulas e centenas de pessoas, nem todas comunistas, reuniram-se no ginásio do Campus para tratar do tema “Compromisso de Oxford”<sup>170</sup>. Membros da faculdade discursaram quanto ao absurdo de ver uma guerra eclodir naqueles tempos e, caso eclodisse, a responsabilidade seria de um conchavo capitalista. Merton

<sup>166</sup> SHANNON, William *et al.* **The Thomas Merton encyclopedia**. Op. cit., p. 71.

<sup>167</sup> BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo**: ensaio sobre a vocação humana. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 80.

<sup>168</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 136.

<sup>169</sup> *Idem*, p. 132.

<sup>170</sup> “Foi uma resolução passada pelo sindicato de Oxford que dizia que eles, em especial os estudantes universitários de Oxford, simplesmente se recusariam a lutar pelo rei e pelo país em qualquer guerra”. MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 133.

dizia ter se atraído por ideias disseminadas naquele movimento no qual haveria soluções simples para os problemas complexos. Apreendeu naquele instante que qualquer guerra tinha por base a injustiça. Desse modo, “o negócio era cruzar os braços e não lutar. Se todos fizessem isso, não haveria mais guerras”. Se havia algo pelo qual se deveria ir à luta, era pela busca por conhecimento e por uma intelectualidade e espiritualidade aperfeiçoadas, e esses movimentos podiam auxiliar, pois:

[...] eu pensava que os comunistas eram pessoas calmas, fortes, decididas, com ideias bem claras sobre o que estava errado em todas as coisas, homens que conheciam a solução e estavam dispostos a pagar qualquer preço para aplicar o remédio. E seu remédio era simples, justo e limpo, resolveria definitivamente todos os problemas da sociedade, tornaria o povo feliz e traria paz ao mundo<sup>171</sup>.

Na Rússia, a revolução já imprimia seus primeiros sinais de vitória com a instalação da ditadura do proletariado, sendo uma fase momentânea após o suposto aniquilamento do capitalismo. Bastou certo tempo até que os cidadãos do novo mundo, sem classe definida, recebessem educação para banir a ganância, segundo Merton, por métodos esclarecedores, propiciando o surgimento de uma nova era do ouro. Entretanto:

[...] acho que nem mesmo eu era tão ingênuo para engolir todo esse negócio de felicidade perene que se seguira ao desaparecimento do Estado [...]. Mas eu estava simplesmente convencido de que as coisas seriam feitas pelos homens certos no tempo certo. No momento, era preciso acabar com o capitalismo<sup>172</sup>.

Essa consciência política, somada às suas próprias ideias, refletiu a busca por uma reforma moral, segundo o autobiógrafo, mal orientada, mas que lhe dizia sobre a necessidade de dedicar-se à sociedade e aos problemas que naquele tempo a afligiam. Restava-lhe agora demonstrar sua abominação por tal sistema e, dessa forma, segundo ele, sua nova religião estava formada para aquele momento. Através do movimento executado por esse jovem, segundo relato do próprio autor, ocorreu certo despertar de consciência para com o outro, reflexo de verdadeira dedicação à questão da paz e também da justiça. De certa maneira, Merton estava buscando ser útil à sociedade da qual ele próprio fazia parte.

Não sei dizer quanto de bem havia nisso, mas acho que alguma coisa havia. Suponho que tenha sido o reconhecimento de meu egoísmo e meu desejo de repará-lo, desenvolvendo uma espécie de consciência social e política. Àquela altura, em meu primeiro fervor, senti-me disposto a fazer sacrifícios neste

---

<sup>171</sup> Idem, p. 134.

<sup>172</sup> Ibid., p.124.

sentido. Queria dedicar-me à causa da paz e da justiça no mundo. Queria fazer algo de positivo para interromper e conciliar os desentendimentos que estavam arrastando o mundo para nova guerra. E senti que havia algo que eu podia fazer, não sozinho, mas enquanto membro de um grupo ativo e com voz<sup>173</sup>.

Em *Ascensão para a Verdade* (1951), Merton falou das inspirações divinas silenciosas, pelas quais Deus falaria aos homens, revelando-lhes o equívoco e o vazio instalado nos seres enquanto entregues a projetos, de forma enganosa, a serviço de Deus<sup>174</sup>. A partir dessa reflexão, a trajetória comunista realizada pelo jovem Merton teria sido, em certo sentido, um passo equivocado em sua vida, mesmo que ele não percebesse tal fato à época de sua juventude.

Lima defendeu que todo o campo de ideias em Merton, expressas em sua autobiografia, dominadas pela paixão da busca intermitente por uma convicção que atendesse, de certa forma, às suas inquietações de jovem curioso, o levaram a abraçar o marxismo<sup>175</sup>. Seu período de militância política durou cerca de três meses. Inscrito como membro da Liga da Juventude Comunista pelo nome de Frank Swift – o que lhe rendeu vergonha –, chegou a participar somente de uma reunião, levando-o a considerar que sua ligação com o movimento deveria ser apenas como simpatizante, sem acusar maiores detalhes.

Para Conn, não há indício de que os colegas comunistas de Merton tivessem contribuído para o desenvolvimento de sua *conversão moral*. Entretanto, “esta ‘conversão’, mesmo que de curta duração foi, pelo menos, um começo, um reconhecimento de que a vida centrada no prazer é um beco sem saída”<sup>176</sup>.

Em 25 de março de 1967, em resposta à carta de um acadêmico, Mario Falsina, Merton respondeu às indagações pertinentes ao seu contato com o comunismo. Eis o esclarecimento do monge:

Eu nunca realmente me alistei ao Partido Comunista, mas como um estudante universitário na década de trinta eu havia me interessado pelo comunismo. No entanto eu rompi com o comunismo em primeiro lugar quando vi que o comunismo universitário daqueles tempos era superficial e doutrinário – uma pose política. Convenci-me de que o comunismo não era para mim, quando eu vi o desenvolvimento do absolutismo stalinista e que me pareceu oportunismo (a aliança de Stalin com Hitler)<sup>177</sup>.

Independente da natureza real da “conversão moral” experienciada por Merton – a qual

<sup>173</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 125-126.

<sup>174</sup> MERTON, Thomas. **AsV**. Op. cit., p. 137.

<sup>175</sup> LIMA, Alceu Amoroso. **Memórias improvisadas**. Op. cit., p. 288.

<sup>176</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 163.

<sup>177</sup> MERTON, Thomas. **The road to joy: letters to new and old friends**. (Selected and edited by Robert E. Daggy). New York: Farrar/Straus/Giroux, 1989, p. 348. (Abreviado **RJ**).

mais tarde ele próprio denominou de “semi-conversão” “semi-consciente” em sua autobiografia –, tal acontecimento, segundo Conn, “foi apenas uma breve e parcial interrupção de um processo constante e contínuo de desintegração pessoal”<sup>178</sup>. No período entre 1935 e 1936, Merton começou a sentir sua vida tornar-se insuportável.

No período de maior exacerbação de seu sentimento comunista, ele cogitou a escrita de um romance, embasado em uma linha extremamente radical, com ideias antinazistas e antiocidentais, gerenciadas por uma visão marxista em sua totalidade, entretanto, tal romance nunca se fez conhecido.

De certa forma, essa curta experiência trouxe certa paz ao coração desse jovem que voltou aos Estados Unidos ainda envolvido por uma “licenciosidade egocêntrica”, como analisou Conn<sup>179</sup>.

### 3.1.3 Efervescência intelecto-emocional

Se minha natureza tivesse teimado mais em agarrar-se aos prazeres que me desgostavam; se ela se tivesse recusado a admitir que fora derrotada por esta procura fútil de satisfação onde não podia ser encontrada, e se a minha constituição moral e nervosa não tivesse sucumbido ao peso de meu próprio vazio, quem sabe o que poderia ter acontecido comigo? Quem poderia dizer onde eu teria acabado?<sup>180</sup>

Em meio à agitação de suas atividades comunistas e acadêmicas, dois fatos deixaram suas marcas em Merton: sua visita ao necrotério da cidade, em função do Curso de Civilização Contemporânea que estava frequentando; e o despecho realizado pela polícia quanto ao desaparecimento de um dos irmãos da “fraternidade”<sup>181</sup>: o corpo do jovem, desaparecido dois meses antes, foi encontrado no canal *Gowanus*, no *Brooklyn*. Passados dez anos, o autor da MSP manteve vívida a impressão que obtivera daqueles corpos que haviam morrido da mesma forma que seu irmão da fraternidade, “os mortos por narcóticos; os assassinados; os atropelados; os suicidas [...]”<sup>182</sup>, mortos de, como ele costumava dizer, “civilização contemporânea”<sup>183</sup>.

<sup>178</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p.163.

<sup>179</sup> Idem, p. 160.

<sup>180</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 151.

<sup>181</sup> *Fraternity*: “associação de estudantes de uma universidade”. Idem, p. 138.

<sup>182</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 140.

<sup>183</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 163.

Em Columbia, Merton se inscreveu em vários cursos, como de espanhol, alemão, literatura renascentista francesa, entre outros. Começou a trabalhar para o *The Spectator*, *The Columbia Review*, *Jester* (revistas literárias) e para o Anuário, onde foi editor. Foi guia e intérprete no Rockefeller Center e ensinava latim para filhos de judias abastadas.

Sua atividade intelectual nessa instituição foi intensa. Além do fato de ter começado ali sua vida profissional, deu continuação ao seu período de fruição dos prazeres que vinha experimentando desde Cambridge. Em meio a tantas atividades e ao certo sucesso que desfrutava na Universidade, ressalta-se sua falta de tempo para refletir sobre os fatos que estavam ocorrendo à sua volta, dando fluxo à sua vida social através de “pulsantes noites”<sup>184</sup> em casas noturnas, envolto em bebida, cigarro e jazz, o que, com seus colegas da “*Fraternity*”, costumava fazer três, quatro vezes por semana. Merton descobriu em si “uma capacidade de trabalho, de atividade e de divertimento que jamais sonhara ter”<sup>185</sup>.

Fazendo parte de uma dessas associações estudantis, viu marcada mais uma vez sua vida acadêmica com acontecimentos, segundo ele, vergonhosos. Fatos ocorridos em uma grande casa situada atrás da biblioteca são lembrados pelo monge:

Em algum lugar do prédio havia uma sala secreta que não devo revelar-lhe, leitor, por preço algum, mesmo à custa da própria vida. Lá eu fui iniciado. A iniciação com suas várias torturas durou em torno de uma semana, e eu aceitei de bom grado penitências que, se fossem impostas num mosteiro [...], causariam tal alvoroço que todas as casas religiosas seriam fechadas e a Igreja católica passaria certamente por maus bocados para ficar no país.<sup>186</sup>

Dentre as razões para esse universitário se expor a particulares experiências estariam possíveis contatos que pudessem lhe abrir as portas para um bom emprego fora da Faculdade e, principalmente, para as inúmeras ocasiões de estar em meio a badalações repletas de “moças interessantes”.

Merton foi enfático quanto à sua condição emocional no fim de suas jornadas noturnas àquela época. Relembrando suas noites dormidas em algum sofá, fosse em casa de desconhecidos ou em alguma “*Fraternity House*”, em função dos trens perdidos para *Long Island*; e recordando o tempo em que ultrapassava quarenta, cinquenta cigarros por dia, descreveu a sensação daquelas madrugadas:

O que mais me deprimia era a vergonha e o desespero que invadiam toda a minha natureza quando o sol nascia e os operários iam para o trabalho: homens

---

<sup>184</sup> Idem.

<sup>185</sup> MERTON, Thomas. *MSP*. Op. cit., p. 141.

<sup>186</sup> Idem, p. 138.

sadios, bem despertados e quietos, com o olhar límpido e com algum objetivo racional em vista. Esta humilhação e o senso de minha própria miséria e inutilidade do que havia feito me levaram o mais próximo de uma contradição. Era a reação da natureza. Provava apenas que eu ainda estava ao menos moralmente vivo, ou que tinha ainda uma débil capacidade de vida moral dentro de mim<sup>187</sup>.

A morte de seu avô Pop, no outono de 1936, foi outra forma de lhe trazer para sua realidade, corroborando para intensificar os conflitos existenciais pelos quais vinha passando. Recorreu, então, à oração. Já em 1937, durante o período de doença de sua avó, Bonnemaman, até seu falecimento, mais do que rezar, Merton atentou para a consciência de seus atos “e agora, pela segunda vez”, prosseguiu Merton, “eu tinha rezado, mesmo pensando que não acreditava em nada”<sup>188</sup>. Como expõe Conn, Merton raciocinou quanto aos efeitos que essas mortes geraram nele próprio, retirando-o da condição de ateu e levando-o à oração<sup>189</sup>. Em 1939, escreveu em seu diário reflexões sobre essa época com certo pesar:

Pop e Bonnemaman estão mortos e nunca mais será de novo como ter 16 ou 18 anos e passar as férias em Douglaston. Que vaidade seria, por sinal, lamentar-se quanto à felicidade dessa época, por que aos 18 e aos 20 e 21, quando eu estava em plena atividade e me precipitando no enalço de tudo, quem pode dizer que aqueles anos eram muito bons e felizes pra mim, se eu vivia cheio de raiva e impaciência e ingratidão para com minha família, num grau hoje horrível de pesar? Eu então era orgulhoso e vaidoso e negava Deus e estava cheio de gula e de luxúria. Tão cheio de todas essas coisas, que até hoje sua infelicidade não me deixa de vez, continuando a se impor de volta a mim em pensamentos e sonhos e movimentos de cólera e desejo<sup>190</sup>.

O fato era que, desde a época do falecimento de seu avô, Merton se incomodava com a sensação de mal-estar que o vinha invadindo. Nesse período, Merton estava “passando por uma outra morte, a de si próprio: a condição fundamental para a conversão”<sup>191</sup>. Seus diários são bem-vindos mais uma vez para discorrer quanto a seus sentimentos, que preencheram páginas em branco no início dos anos quarenta:

Mas Pop trabalhou por 60 anos, desde menino [...] para que eu pudesse descer correndo a Bridge Street em Cambridge, bem no meio da noite, aterrorizado porque tinha acabado de jogar qualquer coisa, uma garrafa, um sapato, um tijolo, não sei o quê na vitrine de uma loja. Trabalhou a vida toda para eu me encostar com Bill Finneran nalgum barzinho pestilento da rua 52, [...] puxando briga com um garotão comprido, bêbado e inexperiente que umas damas velhotas, empolgadas e infectas, pareciam preferir a nós no recinto.

<sup>187</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 144-145.

<sup>188</sup> *Idem*, p. 147.

<sup>189</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 164.

<sup>190</sup> MERTON, Thomas. **MI**. Op. cit., p. 5.

<sup>191</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 164.

Vê-se que ele passou a vida trabalhando para eu poder sentar-me ao pé do mastro da bandeira em Columbia, [...] tomado de surpresa e grande prazer por causa de uma garota por quem pensava estar apaixonado.<sup>192</sup>

As diversas atividades que vinha abraçando começaram por lhe sugar as energias. Certa vez, após uma disputa de corrida, chegou a cair em função de forte incômodo no estômago. Noutra, vindo de *Long Island*, de trem, experimentou sensações de vertigem. Era “como se um centro de equilíbrio se houvesse rompido”, prosseguia Merton, “dentro de mim e eu estivesse a ponto de mergulhar num abismo cego, vazio e sem fim”<sup>193</sup>. O diagnóstico dado pelo médico ao qual procurara foi o de que se encontrava em estado de superexcitação. O mal-estar que o envolvia começava, cada vez mais, a tomar força, enquanto suas energias eram sugadas e sua razão era ameaçada:

Estava deitado escutando o sangue martelar depressa em minha cabeça. Quase não podia manter os olhos fechados. Mas também não tinha vontade de abri-los. Tinha medo de que, olhando para a janela, o estranho movimento giratório dentro de minha cabeça voltasse.

Aquela janela! Era enorme. Parecia vir até o chão. [...]

E longe, bem longe, na minha mente, havia uma voz fraca, fria e sarcástica, dizendo: – Que tal você atirar-se por esta janela?<sup>194</sup>

Merton afirmou nunca ter sabido o que realmente lhe acontecera, presumindo ter sido algo como um esgotamento nervoso atrelado a uma gastrite ou possível úlcera estomacal. Como abordou Conn, a ajuda médica alcançou seu corpo, entretanto, aquele jovem necessitava de uma medicação e uma dieta que atendessem à sua saúde moral, de modo que os médicos, nesse sentido, nada podiam fazer. Eles não “poderiam tratar o medo que o estava corroendo por dentro”<sup>195</sup>. Pela primeira vez, Merton apontou ter experimentado esse sentimento<sup>196</sup>.

Refletindo sobre o passado, o jovem retratou mais uma vez sua condição existencial:

Aqui estava eu, apenas quatro anos depois de ter saído de Oakham e entrar no mundo que eu acreditei saquear e depredar de todos os seus prazeres e satisfações. Havia feito o que bem quisesse, mas achava que quem tinha sido esvaziado, roubado e estripado era eu.[...] Ao encher-me, eu me tinha esvaziado. Ao açambarcar coisas, havia perdido tudo. Devorando prazeres e alegrias, havia encontrado desgosto, angústia e medo<sup>197</sup>.

Esse é um período em que até mesmo sua vida amorosa sofrera reviravoltas. Dizia,

<sup>192</sup> MERTON, Thomas. **MI**. Op. cit., p. 24-25.

<sup>193</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 148.

<sup>194</sup> *Idem*.

<sup>195</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 164.

<sup>196</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 149.

<sup>197</sup> *Idem*, p. 150.

desde seus quatorze anos, estar sempre apaixonado, mas agora, como descreveu: “fui tratado da maneira como tratei não poucas pessoas nesses últimos anos”<sup>198</sup>, falando da rejeição sofrida por determinada moça.

Boa parte de sua vida estava em ruínas. Ele acreditou, então, que uma “transformação radical era necessária”<sup>199</sup>, pois suas “feridas internas haviam chegado ao limite”. E prossegue: “Eu sangrava mortalmente”<sup>200</sup>.

O período de um ano e meio a seguir representou os pilares de sua conversão, sendo que grande parte desse fundamento, a princípio, seria de cunho intelectual. Na concepção de Merton,

[...] o primeiro passo para levar os homens à Fe é dado no plano da filosofia e não da teologia. É matéria de razão e não de fé. É impossível pedir a alguém que creia em verdades reveladas por Deus, se primeiro não compreende que há um Deus e que Ele pode revelar a Verdade. Na conversão de adultos, a Igreja não lhes pede que sacrifiquem a razão para acreditar em Deus. Ela tenta convencê-los, por argumentos filosóficos, de uma verdade praticamente inegável”<sup>201</sup>.

Assim sendo, “seria correto interpretar a transformação de Merton durante este período como uma versão de conversão cognitiva, em que o ponto central seria o reconhecimento da realidade de Deus”<sup>202</sup>.

## 3.2 INFLUXOS LITERÁRIOS

### 3.2.1 A leitura de Étienne Gilson e o novo conceito de Deus

[...] o Ser divino desafia mais que nunca a abrangência dos nossos conceitos. Não há uma só das noções de que dispomos que, de certo modo, não falhe quando tentamos aplicá-la a ele”<sup>203</sup>.

A literatura assumiu postura norteadora na vida de Merton. Ora suas buscas incansáveis e prazerosas nas bibliotecas colocavam em suas mãos obras de poder transformador, ora partiam de mestres e amigos indicações literárias a trabalharem por mudar de forma significativa o curso das coisas.

---

<sup>198</sup> Ibidem.

<sup>199</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 164.

<sup>200</sup> MERTON, Thomas. **MSP.** Op. cit., p. 151.

<sup>201</sup> MERTON, Thomas. **AV.** Op. cit., p. 34.

<sup>202</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 165.

<sup>203</sup> GILSON, Étienne. **O espírito da Filosofia Medieval**, p, 75.



Em 1937, Merton obteve contato com um livro que mudou suas perspectivas quanto ao universo cristão e, ao mesmo tempo, foi, segundo ele, o início do processo de sua conversão. Em fevereiro daquele ano, contava Merton com cinco dólares em seu bolso. Passeando pela Quinta Avenida, a vitrine repleta de livros da livraria *Scribner's* chamou sua atenção. Estando sob a influência da história dos séculos XII e XIII do curso de Mark Van Doren – mestre e futuramente grande amigo –, voltou aos seus tempos de St. Antonin adentrando novamente em solo católico, afirmando poder sentir influências salutares atuando em seu ser, mesmo que numa ordem estritamente natural<sup>204</sup>.

De súbito, observou o livro *The Spirit of Medieval Philosophy* (O espírito da filosofia medieval). A princípio, tanto o sumário quanto a folha de rosto lhe renderam certa decepção por se constituir de um seguimento de conferências. No entanto, era para ele uma oportunidade de adentrar no universo do autor Étienne Gilson<sup>205</sup>.

Já dentro do trem de *Long Island*, rumo à sua casa, folheando sua recente aquisição, surpreendeu-se com a frase impressa na primeira página: *'Nihil Obstat...Imprimatur'*<sup>206</sup>. Merton descreveu sua emoção:

O sentimento de contrariedade e decepção gravou-se qual punhal na boca do meu estômago. Senti-me defraudado. Poderiam ter-me dito que se tratava de livro católico. Então, jamais o teria comprado. Fiquei com vontade de jogá-lo pela janela [...], livrando-me assim dele como de algo perigoso e sujo<sup>207</sup>.

Se esse primeiro contato com o livro de Gilson causou-lhe pavor e repugnância, tal fato se deve ao reflexo de sua personalidade revestida por raízes protestantes e à lembrança da inquisição e de todos seus diversos temores de tal instituição, conforme suas ponderações. Entretanto, “ele leu o livro, e nunca mais foi o mesmo. Esta nova filosofia escolástica de Deus foi a primeira compreensão do Deus cristão que ele já havia encontrado que não era um

<sup>204</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 157.

<sup>205</sup> Em 1931, Étienne Gilson foi convidado pela Universidade de Aberdeen para ministrar as dez aulas que compõem sua obra, *O espírito da Filosofia Medieval*. Sua tarefa era definir o espírito da filosofia medieval trabalhando a questão da Idade Média não comportar uma filosofia própria. Para Gilson, a questão não é averiguar se existiram cristãos filósofos, mas sim filósofos cristãos. Historiadores que defendem ser a razão fruto da Filosofia percebem entre religião e filosofia uma diferença entre suas essências. Mais fácil, indaga Gilson, seria então romper o elo entre ambas deixando a razão por conta da filosofia e o cristianismo à religião? De qualquer forma, a filosofia cristã pode ser definida por um ângulo isento de contradição e que justifique sua viabilidade, pois se “não há razão cristã”, segue Gilson, “pode haver um exercício cristão da razão”. GILSON, Étienne. **O Espírito da Filosofia Medieval**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 17.

<sup>206</sup> Se há uma forma em que a filosofia cristã mereça tal nome é pela “exaltação da glória e da potência de Deus. Ele é o Ser e o Eficiente, no sentido de que tudo o que é só é por ele e tudo o que se faz é feito por ele”. Idem, p.20.

<sup>207</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 157.

antropomorfismo simplista”<sup>208</sup>.

Das páginas dessa obra sobre a filosofia medieval, Merton apreendeu ideias que revolucionaram sua vida: descobriu “um conceito inteiramente novo de Deus”<sup>209</sup>. Como definiu Shannon, seu contato com o termo *aseitas* lhe abriu um novo mundo, revelando-lhe que a fé católica não era uma gama de superstições nascidas de solo não científico, como imaginara, e que somente Deus poderia ser o único representante desse poder que permite a um ser subsistir por si próprio<sup>210</sup>. Tal reflexão profunda levou-o a escrever uma nota na página do livro: “*Aseiy of God – God is being per se*” (Asseidade de Deus – Deus é um *per se*)<sup>211</sup>.

Descortinou-se para Merton um cenário ainda em estado de penumbra decorrente de suas limitações espirituais, mas que o permitiu, de certa forma, vislumbrar em profundidade e genuinamente a ideia de Deus.

Merton ainda assinalou na autobiografia outras três passagens, esclarecendo ser de maior proveito a exposição de tais notas, mais do que relatar sua impressão. Sua própria escolha das tocantes partes já dizia, segundo ele, sobre a impressão que o livro exerceu em sua mente. Em outra nota, dizia: “Quando Deus diz que ele é o ser, se o que ele diz tem para nós um sentido racional qualquer, é em primeiro lugar o de que o nome que ele se deu significa o ato puro de existir”<sup>212</sup>. Pelo ato puro, Merton demonstrou ter apreendido que o Deus dos católicos é um Deus de existência plena, isento de toda imperfeição, limitações e de todo vir-a-ser.

Um outro ponto a chamar sua atenção foi uma distinção feita por Gilson “entre os conceitos de *ens in genere* – a noção abstrata de ser em geral – e *ensinfinitum* – o Ser Infinito, concreto e real que, ele mesmo, transcende todas as nossas concepções”<sup>213</sup>. Merton então assinala a seguinte passagem:

Para além de todas as imagens sensíveis e de todas as determinações conceituais, Deus se apresenta como o ato absoluto do ser em sua pura atualidade. O conceito que temos dele, fraco análogo de uma realidade que o excede por todos os lados, só pode se explicitar neste juízo: o Ser é o Ser, posição absoluta do que, existindo para além de todo objeto, contém em si a razão suficiente dos objetos. É por isso que se pode dizer com razão que o próprio excesso de positividade que oculta o ser divino aos nossos olhos é, entretanto, a luz que ilumina todo o resto: *ipsacaligosumma est mentis illuminatio*<sup>214</sup>.

<sup>208</sup> CONN, Water E. **Christian conversion**... Op. cit., p. 161.

<sup>209</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 158.

<sup>210</sup> CONN, Water E. **Christian conversion**... Op. cit., p. 161.

<sup>211</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 158.

<sup>212</sup> GILSON, Étienne. **O espírito da Filosofia Medieval**. Op. cit., p. 70.

<sup>213</sup> MERTON, Thomas. **MSP**, p. 159.

<sup>214</sup> GILSON, Étienne. Op. cit., p. 71.

A partir dessas ideias, Merton começou a adentrar no universo de São João da Cruz. Sua última citação, destacada do livro mencionado, salientou a questão da causa da existência de Deus:

Quando São Jerônimo diz que Deus é sua própria origem e a causa da sua própria substância, não quer dizer, como fará Descartes, que, de certo modo, Deus se coloca no ser por sua onipotência, como se fosse colocado por uma causa, mas que não há que buscar fora de Deus a causa da existência de Deus.<sup>215</sup>

Até então, Merton apontou jamais ter tido uma ideia precisa da concepção de Deus pelos cristãos. Acreditava ser o Deus dos religiosos “alguém barulhento, dramático e irascível, um ser vago, ciumento e escondido, a objetivação de todos os desejos, esforços e ideias subjetivos dessas pessoas”<sup>216</sup>. Adiante, o monge continua: “um ser simplesmente impossível. Ele era infinito, porém finito; era perfeito e imperfeito; eterno e, todavia, mutável – sujeito a todas as variações de emoção, amor, mágoa, ódio, vingança de que são passíveis os seres humanos”<sup>217</sup>.

Merton afirmou ter descoberto – o que diz ter sido um grande alívio – que nenhuma ideia de Deus feita pelos homens era passível de instituir um conceito claro e definitivo da divindade. Dessa forma, aprendeu a respeitar a filosofia católica e mais importante, segundo ele, a fé católica, reconhecendo que era o máximo que podia realizar no momento.

Para João Mannes, se há alguma forma de se conhecer Deus, essa se dá pelo viés prático-afetivo. Assim, “evoluímos no conhecimento de Deus à medida que nos identificamos com Deus”<sup>218</sup>. Essa identificação, segundo esse autor, trilhando a linha de pensamento bonaventuriana, denotou ser a existência de Deus uma evidência de fé – isenta de certeza objetiva – onde a razão não consegue chegar. Entretanto, a existência de Deus não deve ser comparada a um problema, uma vez que tal existência não reflete relações do âmbito da lógica, mas sim, do mistério capaz de ser venerado e vivido<sup>219</sup>. Como esclarece Boff, “mistério não equivale a enigma que, decifrado, desaparece. Mistério designa a dimensão de profundidade que se inscreve em cada pessoa, em cada ser na totalidade da realidade e que possui um caráter definitivamente indecifrável”<sup>220</sup>. Nesse sentido, o pensamento de São Boaventura demonstra que o conhecimento de Deus só ocorre através de um conhecimento por apreensão,

<sup>215</sup> Idem, p. 73.

<sup>216</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 159.

<sup>217</sup> Idem, p. 159-160.

<sup>218</sup> MANNES, João (OFM). **O transcendente imanente: a filosofia mística de São Boaventura**. Petrópolis: Vozes e São Boa Ventura: Faculdade de Filosofia, 2002, p. 88-89.

<sup>219</sup> Idem, p. 81-83.

<sup>220</sup> BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade**. 4.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.14.

e não por compreensão.

Trata-se da apreensão do inapreensível, tema esse trabalhado por Merton em *A via de Chuang Tzu* (1965): “O Tao é um nome que indica sem definir. O Tao está além das palavras e para além das coisas. Não se exprime nem por palavras, nem pelo silêncio. Onde não existem as palavras, nem o silêncio, o Tao é apreendido”<sup>221</sup>. Apreender a incompreensibilidade de Deus torna-se possível somente “à mente que se recolhe e se dispõe numa atitude de plena atenção e liberdade interior, para escutar e acolher o mistério divino que se retrai às potencialidades humanas de compreensão e se revela ao coração”<sup>222</sup>.

É fato que, nos idos da década de quarenta, Merton não era capaz de aprofundar sua visão quanto ao universo do sagrado. No entanto, como enfatiza Shannon, seu contato com o livro de Gilson foi um estágio marcante na trajetória interior de Merton<sup>223</sup>. Os efeitos dessa leitura se fazem visíveis a partir das próprias lembranças do monge:

Quando fechei o livro e deixei de pensar explicitamente em seus argumentos, seu efeito começou a mostrar-se em minha vida. Comecei a ter um desejo de ir à Igreja – um desejo mais sincero, mais maduro e mais insistente do que jamais tivera antes. Nunca antes sentira tão grande necessidade<sup>224</sup>.

Suas transformações o levaram, antes de se enveredar pelos caminhos católicos, à Igreja de Sião, igreja protestante que visitava com o pai em sua infância. Nas vezes em que a frequentou, demonstrava seu bem-estar naquele ambiente agradável, e até mesmo na hora de dizer o Credo dos Apóstolos levantava-se e dizia juntamente com os outros, com a esperança de que um dia Deus haveria de lhe agradecer, fazendo com que acreditasse fielmente no que seus lábios começavam a dizer<sup>225</sup>.

O problema que o impedia de continuar a frequentar seus cultos era o fato de que Mr. Riley, ministro da igreja, não conhecia o real sentido de sua vocação. Este dava ênfase às conversas de cunho intelectual sobre a literatura moderna, afastando-se, segundo Merton, da atenção aos aspectos espirituais da religião que deveriam nortear sua conduta de ministro da fé.

Tal vivência protestante seria breve, pois seu caminho começava por se firmar em solo católico. Como apontou Faustino Teixeira, a leitura de Étienne Gilson despertou em Merton seu olhar para o Cristianismo místico. Era o ponto de partida que o levou a “completar o

---

<sup>221</sup> MERTON, Thomas. *A via de Chuang Tzu*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p.193.

<sup>222</sup> MANNES, João (OFM). *O transcendente imanente...* Op. cit., p. 95.

<sup>223</sup> SHANNON, William. *Silent lamp...* Op. cit., p. 87.

<sup>224</sup> MERTON, Thomas. *MSP*. Op. cit., p. 161.

<sup>225</sup> Ibid.

trabalho da conversão, de união e de paz”<sup>226</sup>, em 1938.

Esse foi apenas um dos passos dados por esse recém-buscador rumo à conversão cristã, na qual, certamente, a obra de Gilson marcou o início das transformações que ainda estariam por vir. No princípio, havia de ser por um viés intelectual, que somado a outras leituras e principalmente às amizades, fariam com que Merton “alargasse as cordas” de sua existência.

### 3.2.2 Aldous Huxley e o despertar para o misticismo

Somos, por assim dizer, harpas eólias dotadas do poder de expor-nos ao vento do Espírito ou de subtrair-nos à sua influência<sup>227</sup>.

Merton entrou em contato com o misticismo de Aldous Huxley<sup>228</sup> também em 1937, através da obra *Ends and Means* (Fins e meios) indicada por seu amigo, Robert Lax. Até então, não conhecia nada sobre o tema, mas a partir de tal leitura, Merton chegou a escrever um artigo, publicado pelo então editor da *Review*, Barry Ulanov. Este reconheceu não só um bom artigo sobre a conversão do escritor inglês, mas também certa “conversão” do próprio Merton<sup>229</sup>.

O escritor definiu Huxley como uma pessoa inteligente, sagaz, dono de um grande senso de humor. Tendo lido diversa literatura mística cristã e também oriental, tinha, como ponto central, a ideia negativa do uso de meios ruins para obter um fim positivo. Merton defendeu que o forte argumento do autor era o uso indiscriminado dos meios equivocados para alcançar bons resultados, daí as guerras, violência, etc. Conforme o pensamento de Huxley, como descrito no artigo, os homens estariam impossibilitados de utilizar mecanismos corretos em função do excesso de materialidade no qual estão imersos e do afastamento de uma vivência espiritual; a solução estaria na prática da oração e do ascetismo.

<sup>226</sup> TEIXEIRA, Faustino. **Buscadores do diálogo: itinerários inter-religiosos**. São Paulo: Edições Paulinas, 2012, p. 26.

<sup>227</sup> HUXLEY, Aldous. **A filosofia perene**. (Trad. Octavio Mendes Cajado). São Paulo: Círculo do livro, p. 184.

<sup>228</sup> Aldous Huxley (1894 – 1963) nasceu na cidade de Goldaming, Inglaterra. Considerado como um dos mais importantes escritores da era contemporânea ressalta-se sua grande inquietude intelectual, sendo possuidor de um espírito rebelde. Além de romancista, Huxley foi poeta, teatrólogo, enveredando também por caminhos da mente humana até então inexplorados. Uma de suas obras de maior evidência foi o romance *Brave New World* (1932), sob o título em português *Admirável Mundo Novo*. Sua obra *Ends and Means (Os Meios e os Fins)*, 1937), livro referenciado por Thomas Merton, trata do tema do bem e do mal. Sua escrita sob um viés religioso e moral pode ser encontrada, como exemplo, em *The Perennial Philosophy* (1946), em português, *A filosofia perene* (1946). Todo “o caminho percorrido por sua obra marca a passagem de um nacionalismo cético para um espírito à procura do êxtase e impulsionado pela compaixão humana”. Idem.

<sup>229</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 169.

Até aquele momento, o viés ascético, para Merton, era apenas uma forma pervertida e medonha das pessoas agirem em função da perda da razão, por estarem inseridas num mundo de desordem e desigualdades. Tal ideia de “negar os desejos da carne e praticar até mesmo certas disciplinas que puniam e mortificavam esses desejos”, até aquele dia, prosseguia, “só tinham conseguido dar-me arrepios”<sup>230</sup>.

A partir da leitura de *Ends and Means*, Merton colocou-se numa busca intensa pelos livros de misticismo oriental na biblioteca de Columbia. Ocupou-se com quatro volumes de textos orientais traduzidos pelo padre jesuíta Wieger, os quais definiu como textos estúrdios, sem jamais entendê-los. Apontando não ter intimidade alguma com o gênero, classificou o misticismo como algo esotérico e bastante complicado, retirando dessa experiência uma forma de se entregar ao sono em seus momentos de insônia. Estirando-se na cama, “sem travesseiro, os braços ao longo do corpo e as pernas estiradas, numa posição bem relaxada, dizia: agora não tenho pés... não tenho pés... não tenho pernas... não tenho joelhos”<sup>231</sup>. Afirmou, em algumas vezes, ter alcançado êxito em tal prática, entretanto, “a única parte com a qual isso não funcionava”, enfatizou Merton, “era minha cabeça”<sup>232</sup>.

Merton não estava pronto para apreender o misticismo com o qual travava um contato inicial. Escapou-lhe o lado essencial do ascetismo de Huxley: o desapego, o libertar-se de si mesmo, conforme as reflexões mertonianas posteriores. Entretanto, como ele próprio assinala, “disso tudo extraí esses dois grandes conceitos: o de uma ordem sobrenatural, espiritual e a possibilidade de um contato real, experimental com Deus”<sup>233</sup>.

No entanto, não houvera uma transformação totalizante com a leitura de Huxley a ponto de arrebatá-lo “corporalmente para fora da ordem natural de um dia para o outro”<sup>234</sup>.

Como prova, Merton direcionou seu interesse para outro viés, decidindo se especializar em literatura inglesa do século XVIII, definindo como assunto de sua dissertação, na área de Artes, algum tema inerente a tal século. De qualquer forma, o misticismo de Huxley foi mais um degrau em sua ascensão espiritual e, como o próprio Merton definiu, esse livro teve “um grande papel na minha conversão”<sup>235</sup>.

---

<sup>230</sup> Idem, p. 169-170.

<sup>231</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 171.

<sup>232</sup> Idem.

<sup>233</sup> Ibid., p. 170.

<sup>234</sup> Ibid., p. 172.

<sup>235</sup> MERTON, Thomas. **Diário secular de Thomas Merton**. Petrópolis: Vozes, 1961, p. 241. (Abreviado **DSTM**).

### 3.2.3 A influência de William Blake e Jacques Maritain: amor e virtude

Papai, papai, aonde você  
vai. Oh, não ande tão  
rápido  
Fale, para o seu menino,  
papai, Ou estarei perdido <sup>236</sup>.

Seu primeiro contato com o poeta romântico William Blake<sup>237</sup> foi aos dez anos de idade por meio de seu pai, um admirador de sua poesia. Nessa idade, comentou Merton, após sua leitura de *Songs of Innocence (Canções da inocência)*<sup>238</sup>, já não possuía a literalidade necessária para absorver a mensagem de tais poemas e dizia que “talvez a coisa fosse diferente se os tivesse lido aos quatro ou cinco anos de idade”, pois aos dez, “já sabia demais”<sup>239</sup>.

Aos dezesseis anos, retomou seu contato com o escritor, agora de forma menos literal. Nessa época já era capaz de aceitar Blake e suas metáforas, mesmo sem as compreender profundamente. O fato era que se sentia cada vez mais surpreso e comovido pela mensagem de seus poemas. Buscou conhecer quem era afinal aquele homem, quais eram seus pilares, suas crenças e o que defendia.

José Antônio Arantes, tradutor de Blake, demonstrou ser um desafio compreender suas obras. Em sua leitura “percorremos caminhos difíceis que nos desorientam, como se nos levassem apenas ao ponto de partida. Embora sintamos a força de suas palavras, experimentamos o desconforto de não apreender a profundidade de seus pensamentos”, dizia

<sup>236</sup> BLAKE, William. **Canções da inocência e da experiência**. Belo Horizonte: Crisálida, 2005, p. 43.

<sup>237</sup> William Blake (1757-1827), visionário, gravador e poeta do século XVIII, nasceu em Londres e morreu na mesma cidade, cantando. Via no perdão uma fraqueza e condenava o ascetismo. Se na perspectiva cristã a salvação do homem se dá pela fé e pela ética, para Blake, três são os caminhos da salvação: o moral, o intelectual, e por fim, o estético, afirmando ser este último pregado por Cristo, uma vez que as parábolas são poemas. Definia como uma forma de união mística o instante em que leitor e obra se encontravam refletindo, por assim dizer, a beleza (p. 7 e 8). Artista e escritor excêntrico, era considerado maníaco e impopular. Sem medir os reflexos de seus atos, era um defensor de suas ideias e de sua arte, considerada complexa, desprezada por colegas de seu meio e sem consideração por parte do público. Tem seu momento inicial de epifania ainda criança, quando diz ter avistado a face de Deus na janela de seu quarto. BLAKE, William. **O matrimônio do céu e do inferno** (p. 7-8) e **O livro de Thel**. (p..59-60) Edição Bilingue. Trad. José Antônio Arantes. Iluminuras: São Paulo, 1987. BLAKE, William. **Poesia e prosa selecionadas**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

<sup>238</sup> Tanto o livro *Songs of Innocence (Canções da Inocência)* (1789), como *Songs of Experience (1794)* (Canções da Experiência) são considerados o centro da obra de Blake que, segundo José Antônio Arantes, seu tradutor, expressam uma busca que nunca se conclui e que passa por caminhos titubeantes visando “recuperar a felicidade da infância ameaçada pela corrupção do homem maduro”. Dessa forma, o propósito de Blake era perscrutar o ser em seu foro íntimo através da dialética dos conflitos entre bem e mal, pecado e pureza.

<sup>239</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 82.

Arantes<sup>240</sup>. O próprio Merton assumiu não recomendar o estudo das obras do autor como meio seguro para a fé e para Deus, em função de sua obscuridade e confusão. Na perspectiva mertoniana, o próprio Blake “conseguiu manter-se incontaminado de todos os seus símbolos malucos precisamente por ser um homem muito bom [...] e porque sua fé era muito real e seu amor a Deus muito grande e sincero”<sup>241</sup>.

Merton assinalou que seu amor por Blake nunca morreu. Tal sentimento o marcou profundamente despertando um pouco de fé e de amor em sua alma:

[...] preciso reconhecer que devo muito a ele, e a verdade que pode parecer estranha a alguns, embora realmente não o seja: que através de Blake eu chegaria um dia, depois de muitos rodeios, à única e verdadeira Igreja e ao único Deus vivo, por meio de seu filho Jesus Cristo.<sup>242</sup>

Em Columbia, Merton obteve o título de mestre com sua dissertação escrita sob o título: *Natureza e a arte em William Blake*<sup>243</sup>, relatando, posteriormente, o quanto foi providencial essa escolha. Blake desenvolveu uma poética em que se colocava contrário a qualquer forma de literalismo e naturalismo, como também ao naturalismo de viés moral, ao realismo raso e clássico da arte, pois iam de encontro à sua essência mística e sobrenatural. Diferentemente de seu pensamento aos dezesseis anos, à época de sua dissertação, Merton apreendeu que Blake exaltava não a paixão em si, mas a transfiguração do amor natural dos homens, o que requeria uma purificação pela fé. Nesse sentido, dizia Merton:

[...] poderia curar-me de todo naturalismo e materialismo de minha própria filosofia, além de resolver todas as inconsistências e autocontradições que persistiam por anos em minha mente, sem eu ser capaz de explicá-las<sup>244</sup>.

Seu contato com Blake atrelado a seu conhecimento de Jacques Maritain<sup>245</sup> deu continuidade ao fluxo de transformações significativas em sua vida. Merton conheceu Maritain no ano de 1939, num encontro em que esse filósofo francês discursava sobre a ação católica,

<sup>240</sup> BLAKE, William. **O matrimônio do céu e do inferno e O livro de Thel**. Op. cit., p. 60.

<sup>241</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 83.

<sup>242</sup> Idem.

<sup>243</sup> MERTON, Thomas. **Nature and Art in William Blake**: An Essay of Interpretation. In: MERTON, Thomas. *The Literary Essays of Thomas Merton*. Nova York: A New Directions Book, 1981, p. 387-453.

<sup>244</sup> BLAKE, William. **O matrimônio do céu e do inferno e O livro de Thel**. Op. cit., p. 184.

<sup>245</sup> Jacques Maritain (1882 – 1973) nasceu em Paris. Conheceu sua esposa Raïssa Oumancof (1883 – 1960), uma imigrante judia-russa, na Sorbone, onde estudavam, no ano de 1900. Casaram-se em 1906. Maritain, Raïssa e Vera, sua irmã, batizam-se na Igreja Católica romana em 1906, tendo por padrinho Leo Bloy. O casal Maritain, ao se converter à Igreja Católica, inspirados pela leitura da Suma Teológica de Tomás de Aquino, abriram as portas para que ambos se tornassem católicos importantes do século XX, ficando conhecidos como vozes a ressoar uma nova escolástica.



tendo sido apresentado a ele por Dan Walsh. Mas, seu primeiro contato com o filósofo se deu através da leitura de *Arte e Escolasticismo* (1920), à época em que Merton escrevia sua dissertação de mestrado, o que lhe renderia novos conhecimentos. Sua aproximação com Maritain e a reaproximação com Blake lhe trouxeram esclarecimentos que no passado não podia compreender. Merton explicou que anteriormente não foi possível avaliar que a sociologia e a economia distantes da fé, como da caridade, eram inviáveis.

O pensamento de Agostinho é um exemplo a retratar tal fase de Merton. Como elucidou Gilson, a partir de seus estudos sobre um dos primeiros filósofos da Igreja:

[...] durante longos anos ele buscou a verdade pela razão; na época de suas convicções maniqueístas, acreditou tê-la encontrado por esse método, então, após um doloroso período de ceticismo, [...] constatou que a fé tinha permanentemente à disposição a mesma verdade que sua razão não pudera atingir<sup>246</sup>.

Maritain tornou possível o fenecer de obstáculos e conflitos em que Merton esbarrava àquela época. Com esse filósofo, “finalmente havia chegado à concepção sadia de virtude [...]”<sup>247</sup>, uma virtude embasada no escolasticismo:

Eu, que sempre fora um antinaturalista na arte, havia sido um puro naturalista na ordem moral. Não era de admirar que minha alma estivesse doente e arrasada; mas agora a ferida aberta foi fechada pela noção da virtude cristã, determinada pela união da alma com Deus<sup>248</sup>.

Segundo Shannon, Merton havia sido "enfeitiçado" por Maritain após ler seu livro *Arte e Escolasticismo*. Merton vislumbrava nesse autor a ajuda que faltava para desenrolar pontos ainda obscuros em sua dissertação. Mais do que uma influência acadêmica, Merton reconheceu que, também, sua leitura do filósofo foi um dos agentes que promoveu sua conversão à Igreja Católica<sup>249</sup>, que, juntamente a leitura de Blake, proporcionou a Merton a capacidade de ultrapassar o âmbito puramente intelectual dentro da religiosidade vivenciada àquela época.

<sup>246</sup> GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Op. cit., p. 61.

<sup>247</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 186.

<sup>248</sup> *Idem*, p. 185.

<sup>249</sup> MERTON, Thomas. **Cartas a escritores: coraje para la verdad**. Buenos Aires: Grupo Editorial Lumen, 2005, p. 37.

### 3.2.4 As influências de Gerard Manley Hopkins e James Joyce

O primeiro contato de Merton com o poeta inglês Gerard Manley Hopkins<sup>250</sup> se deu em Oakham, no período de sua internação em função do sério problema na gengiva, recebendo das mãos do reitor um livro de poemas desse autor. Ao abrir o livro, percebeu que se tratava de um autor católico e jesuíta. Deparando-se com o poema “A noite estrelada”, diz não ter chegado à conclusão se havia gostado ou não do que lera. Definiu alguns de seus poemas como muito profundos e fora do alcance de sua compreensão àquela época, dizendo tendo-os aceito com algumas reservas.

Retornado à leitura de Hopkins à época antecedente à sua conversão, Merton falou de sua fascinação pelo autor. Começou a demonstrar curiosidade pelo modo de vida dos jesuítas, dos sacerdotes. Nesse ínterim, atentou para uma particularidade: tendo acabado de ler *Ulisses*, de James Joyce, talvez pela terceira vez, recordou que há seis anos tentara ler *Portrait of the Artist*, (*O retrato do artista enquanto jovem*), parando na parte que tratava de sua crise espiritual. Justamente a parte que outrora o havia entediado e mesmo o deprimido era agora a parte que mais lhe fascinava, o capítulo “A missão”, em que o padre comentava sobre o inferno. Não que Merton houvesse sentido medo, mas afirma ter ficado impressionado com a forma com que o sermão fora ministrado. Seguiu dando continuidade à leitura de Joyce, envolvendo-se cada vez mais pelo retrato traçado dos padres, bem como à vida católica pelo autor irlandês.

Em setembro de 1938, sua vida começou a ser envolvida pelos jesuítas: “Eles eram os símbolos do meu novo respeito pela vitalidade e coordenação do apostolado católico”<sup>251</sup>. Entretanto, não demonstrou nenhuma vontade de ser batizado, “não havia nem mesmo um debate interior”, prosseguiu Merton, “se eu devia ou não tornar-me católico. Estava satisfeito em apenas observar e admirar”<sup>252</sup>.

Tendo ainda inúmeros livros para se entregar à leitura, em função de sua dissertação, um, em particular, o estimularia de forma tocante ao desejo de se converter. Em sua

---

<sup>250</sup> **Gerard Manley Hopkins** (1844-1889), convertendo-se ao catolicismo, tornou-se padre jesuíta. É visto como um dos poetas de grande destaque na literatura inglesa. Conforme assinala Augusto de Campos, Hopkins não se fez famoso em vida. Sua obra será divulgada a partir de 1918, através de Robert Bridges, seu amigo e também poeta que não conseguiu, entretanto, compreender a obra de Hopkins, detectando como defeitos estilísticos as novas características de escrita desse autor. DICK, André. **Quem foi Gerard Manley Hopkins**. Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2340&secao=282](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2340&secao=282)>. Acesso em: 08 mar. 2016.

<sup>251</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 193.

<sup>252</sup> Ibid.

autobiografia, traçou seus passos mediante o grande impacto sofrido com tal leitura.

Sob a chuva fina daquele mês de agosto de 1938, em seu quarto, Merton se colocou a refletir sobre a leitura de Hopkins e sobre sua dúvida em tornar-se católico:

De repente alguma coisa começou a agitar-se dentro de mim, começou a empurrar-me, a impelir-me. Era um movimento que falava qual uma voz. – O que está esperando? Por que está sentado aí? Por que ainda fica indeciso? Você não sabe o que deve fazer? Por que não o faz?<sup>253</sup>

Merton, inquieto em sua cadeira, acendeu um cigarro e, olhando a chuva através da janela, buscou controlar seus pensamentos dizendo: “Não aja sob impulsos. Isto é loucura. Isto não é racional. Leia seu livro”<sup>254</sup>. Escutou novamente a voz falar dentro de si. Agitado e não conseguindo mais conter aquele ímpeto, abandonou o livro e seguiu para a Igreja.

Relembrando suas emoções, relatou: “Tudo começou a cantar dentro de mim – a cantar com paz, com força e com convicção”<sup>255</sup>. Avistando o Padre Ford, dirigiu-lhe a palavra:

– Padre, posso falar com o senhor sobre um assunto? – Sim, pois não – disse surpreendido. – Certamente, vamos entrar. Sentamo-nos na saleta perto da porta e eu disse: – Padre, quero tornar-me católico<sup>256</sup>.

No pensamento de Kierkegaard, esse acontecimento reflete o *instante* de caráter decisivo em que o homem faz sua escolha crucial, tomada sem critérios, optando por fundar sua vida na infinitude, sem mediação, sem garantia. Essa mudança, em *Migalhas Filosóficas*, recebeu o nome de *conversão*. O *converso* é então aquele que, no instante, recebeu a condição para optar pelo caminho que leva ao *homem novo*, escolhendo-o. É pelo conceito de *instante* que este pensador, sob o pseudônimo de Johannes Climacus, identificou esse paradoxo: o paradoxo do Deus rebaixado (*Kénosis*), manifestado na pessoa de Jesus.

Nesse contexto, na concepção do filósofo Jonas Roos, Kierkegaard entendeu o Cristianismo atrelado à questão da existência e sua construção de sentido, em que o homem entraria em um processo contínuo de livre escolha saindo em busca de si mesmo, o que para Kierkegaard implica *tornar-se cristão* a cada dia de sua existência.

A partir desse momento, viu-se crescer em Merton, pela primeira vez, o desejo de ser batizado, sentimento esse fortalecido pelos sermões que vinha escutando nas missas que passara a assistir desde então. Em certo sermão sobre o inferno, particularmente de forte impacto em

---

<sup>253</sup> Idem, p. 196.

<sup>254</sup> MERTON, Thomas. *MSP*. Op. cit., p. Idem.

<sup>255</sup> Ibid.

<sup>256</sup> Ibid., p. 196.

Merton, ele lembrou-se da leitura de *Portrait of the Artist* (O retrato do artista enquanto jovem), de Joyce. Tal sermão lhe proporcionou “uma compreensão especial e particular da enormidade do mal do pecado”<sup>257</sup>, e sua reação exprimiu-se na forma de

[...] um sentimento de pesar silencioso e aflição paciente ao pensar nesses tremendos e terríveis sofrimentos que eu merecia e nos quais tive grande chance de entrar em minha condição atual; mas, ao mesmo tempo, a magnitude do castigo deu-me uma compreensão especial e particular da enormidade do mal do pecado. O resultado final foi um aprofundamento e despertar de minha alma, um verdadeiro crescimento na profundidade espiritual e um progresso na fé, amor e confiança em Deus de quem somente poderia esperar que me salvasse dessas coisas. E, por isso, desejei o batismo com maior veemência<sup>258</sup>.

O filósofo e historiador Ananda Kentish Coomaraswamy apresenta elucidações que auxiliam a compreender a situação de Merton. Citado pelo monge em sua obra *Gandhi e a não violência* (1967), Coomaraswamy, embasando-se no quarto mandamento de Hermas<sup>259</sup>, dizia ser questão de compreensão, e não de uma crise emocional, esse despertar para a situação de vida em pecado. Assim, o despertar de Merton quanto a sua condição moral e à consciência de seus pecados podiam ser descritos a partir do pensamento desse escritor cristão de destaque da Antiguidade. Eis uma passagem do autor:

Uma vez que o Senhor julgou-me digno de habitares sempre comigo, suporta ainda algumas interrogações, pois nada compreendo, e meu coração se endureceu, por causa de minhas ações passadas. Ensina-me, pois sou totalmente desprovido de inteligência e não compreendo absolutamente nada”. Ele me respondeu: “Estou encarregado da conversão e concedo inteligência a todos o que se arrependem. Não te parece que o fato de se arrepender é em si mesmo inteligência? O arrependimento é ato de grande inteligência. Com efeito, o pecador compreende que fez o mal diante do Senhor, e que o ato que ele cometeu entra no coração, então se arrepende e não pratica mais o mal. Ao contrário, ele se empenha com todo o zelo a praticar o bem, humilha e experimenta a sua alma, pois ela pecou. Vês, portanto, que o arrependimento é ato de grande inteligência”<sup>260</sup>.

Quando Merton revelou seu pensamento sobre a importância dos lugares, da literatura, e de pessoas, enfatizou a ideia do quanto a existência está munida de surpresas dotadas de capacidades transformadoras. Além de uma gama de desencontros e conflitos, a sua conversão

<sup>257</sup> Ibid, p. 198.

<sup>258</sup> Ibid.

<sup>259</sup> Sua obra *O Pastor de Hermas*, escrita entre os anos de 142 e 155 d.C., serviu de instrução àqueles que iniciavam sua vida na Igreja à época do cristianismo primitivo. MERTON, Thomas. **Gandhi e a não violência**. Petrópolis: Vozes, 1967b.

<sup>260</sup> **PADRES APOSTÓLICOS**. (Trad. Ivo Storniolo E Euclides M. Balancin). 4.ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 196-197, item 30.

foi envolvida por essas felizes surpresas entre tantos outros artificios da existência envoltos pela graça. Como aponta Boff, “a graça é um modo de ser que as coisas tomam quando entram em contato com o amor de Deus e vem penetradas por seu mistério. Neste sentido, tudo no mundo está relacionado com a graça”<sup>261</sup>.

Merton esclareceu o papel fundamental de específica literatura atuante em seu processo de conversão:

Lendo o livro de Gilson, *Spirit of Medieval Philosophy*, aprendi a ter um respeito sadio pelo Catolicismo. Veio então *Ends and Means* ensinar-me o respeito pelo cristianismo. *Art and Scholasticism*, de Maritain, foi outra influência muito importante, assim como a poesia de Blake. É possível que houvesse também uma influência do *Mysticism* de Evelyn Underhill, embora tivesse lido apenas uma parte do livro. Fiquei fascinado pelos sermões daquele Padre jesuíta do *A Portrait of the Artist as a Young Man*, de Joyce. [...] Finalmente a *Life of Gerald Manley Hopkins* de G. F. Lahey<sup>262</sup>.

Foi notável o enredo literário estrutural da espiritualidade de Merton. A trajetória tecida por esse converso se vê entranhada, a todo momento, dos aspectos cognitivo e reflexivo; no entanto, “para se ter fé, para ser um cristão ou uma cristã, não é necessário ser uma pessoa bem dotada intelectualmente”<sup>263</sup>. No caso de Thomas, surge a pergunta: teria sido viável sua conversão na ausência de tais leituras?

Essa é uma resposta que não pode ser oferecida ao leitor. Entretanto, se nas próprias palavras de Merton, tudo é graça, a atuação desta em sua vida faz “parte da obra salvífica de Deus, podendo manifestar-se em formas múltiplas, ou melhor, mira a eficiência de salvação divina no homem”<sup>264</sup>.

Deus parece ter uma forma particular de se fazer presente àqueles a quem Ele chama – e todos são chamados. É observável no contexto da existência o cuidado que Deus dispensa a cada um de acordo com sua natureza pessoal. A quem a via do intelecto se sobrepõe de alguma forma, Deus pode utilizá-la como ponte para sua manifestação. Merton, ao que parece, se enquadra nessa postura vivencial diante de Deus, posto que o chamado divino pode ocorrer por outras vias que prescindam do viés intelectual. Tal conduta divina seria prova de seu respeito e amor por sua criação, notadamente, o ser humano.

No entanto, é mister relatar que, em sua experiência literária, houve momentos

<sup>261</sup> BOFF, Leonardo. **A graça libertadora no mundo**. Op. Cit., p. 42.

<sup>262</sup> MERTON, Thomas. **DSTM**. Op. Cit., p. 241.

<sup>263</sup> ROOS, Jonas. **Razão e fé no pensamento de Søren Kierkegaard**: o paradoxo e suas relações. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 56.

<sup>264</sup> **MYSTERIUM SALUTIS**. Compêndio de dogmática Histórico-Salvífica. A Igreja 7ª Graça. IV 7. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 9.

enganosos revestidos de verdades, não por parte dos conteúdos, mas por parte da compreensão desse jovem até certo momento, superficial, como revelou:

Mas como eu estava cego, fraco e doente, embora achasse que sabia para onde andava e que conhecia a metade do caminho! Às vezes nos iludimos com as noções claras que colhemos nos livros. Eles nos levam a pensar que realmente entendemos estas coisas das quais não temos nenhum conhecimento prático. Lembro-me de quão sábia e entusiasticamente conseguia falar durante horas sobre o misticismo e o conhecimento experimental de Deus, alimentando o fogo da discussão com doses de uísque e soda<sup>265</sup>.

Não há dúvidas quanto à importância da literatura no avanço de sua caminhada; de certa maneira, Merton chegava a encarar a literatura como uma espécie de contato humano: em sua reflexão de monge, apontou que, mesmo não substituindo as pessoas, os livros seriam "meios de contato com grandes personalidades [...] homens dotados de qualidades para o mundo inteiro e não apenas para si"<sup>266</sup>.

### 3.3 PHILIA COMO MOVIMENTO DA GRAÇA

#### 3.3.1 A amizade como fio condutor

Há pessoas que encontramos nos livros ou na vida, as quais não apenas observamos, encontramos ou conhecemos. Estabelece-se imediatamente uma profunda ressonância de todo o nosso ser com todo o ser do outro. (*Cor ad cor loquitur* – o coração fala ao coração na plenitude da linguagem da música. A verdadeira amizade é uma espécie de canto)<sup>267</sup>.

A amizade prefigurou outro importante aspecto na caminhada de Merton. Somada à literatura, alargou o campo de ação de sua busca espiritual. Se em Cambridge suas amizades tinham caráter mais aventureiro, em Columbia serviam como fontes de inspiração, constituindo, segundo Merton, a “parte real” que essa Universidade destinava à sua vida. E “por mais estranho que pareça”, seguia Merton, “foi nesta grande fábrica de um Campus que o Espírito Santo estava esperando para mostrar-me a luz em sua própria luz<sup>268</sup>. E um dos meios principais

<sup>265</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 186.

<sup>266</sup> MERTON, Thomas. **Na liberdade da solidão**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002b, p. 52. (Abreviado **LS**).

<sup>267</sup> MERTON, Thomas. **REC**. Op. cit., p. 217.

<sup>268</sup> Refere-se a um dos versículos do livro dos Salmos, o qual dá o nome, como aponta Merton, “à máxima da Universidade: *In lumine tuo vibebimus lumen* (Em tua luz veremos a luz)”. MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 162.

que usou e através do qual operou foi pela amizade humana”<sup>269</sup>.

O monge retratou sobre o que àquela época não pudera compreender: que Deus o juntava a mais meia dúzia de pessoas, entre as quais cresceu profunda amizade capaz de lhe salvar dos equívocos e do estado miserável a que se entregava, destino talvez comum como resposta às contingências do mundo “moderno”. As amizades, definiu o trapista, são um dos recursos da graça, um dos meios de que Deus dispõe à salvação dos seus. Salvação que pode se expressar através de “livros, ideias, poemas, histórias, pinturas, música, prédios, cidades, lugares e filosofias”<sup>270</sup>.

Robert Lax (Bob Lax)<sup>271</sup> foi um dos amigos presente em sua jornada, talvez o mais próximo e o que perdurou por mais tempo de suas amizades de Columbia<sup>272</sup>. Conheceram-se através da “revista de humor”, a *Columbia Jester*, para a qual Lax colaborava. Muito sensato, segundo Merton, era dotado de uma “espiritualidade natural” que fazia com que se avistasse Deus naqueles momentos em que se pensa que não há saída. Em muitas noites, dirigiam-se para lugares “onde se podia ouvir aquela banda especial e tomar aquela bebida preferida até o estabelecimento fechar as portas às quatro horas da manhã”<sup>273</sup>.

Contou Merton que, certa vez, em viagem a Olean, os amigos se depararam com um colégio, a Escola São Boaventura, dirigida por franciscanos. O local já era conhecido por Lax, que manifestava o desejo de adentrar no recinto, o que foi negado veementemente por Merton. Sem saber explicar claramente o que sentiu, relatou a emoção do momento:

Não sei explicar o que me deu. Talvez tivesse ficado apavorado com a ideia de freiras e padres ao meu redor – o medo elementar de todo cidadão do inferno diante de qualquer coisa que tenha a ver com vida religiosa, votos religiosos, consagração oficial a Deus por Cristo. Cruzes demais. Estátuas de Santos demais. Silêncio demais. Cordialidade demais. Otimismo piedoso demais. Tudo isso me incomodava. Eu tinha de fugir<sup>274</sup>.

Outra amizade valorosa foi seu contato com Bramachari<sup>275</sup>, monge hindu, homem pobre

<sup>269</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op .cit., p. 163.

<sup>270</sup> Idem.

<sup>271</sup> Robert James Lax (1915-2000), chegou a lecionar na Universidade da Carolina do Norte, sendo também roteirista em Hollywood e editor de revistas como *The New Yorker*. No ano de 1962, se auto-exíla nas ilhas gregas. Chega a visitar Merton na abadia, ao que se sabe, nos anos de 1944, 1949, 1959 e 1968. Correspondências entre ambos podem ser encontradas em *A Catch of Anti-Letters*, publicadas após sua morte. (Sheed, Andrews e McMeel, 1978). MERTON, Thomas. **RJ**. Op. cit., p. 142.

<sup>272</sup> Idem.

<sup>273</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 166.

<sup>274</sup> Idem, p. 183.

<sup>275</sup> Mahanambrata Bramachari (1904-1999) foi enviado a Chicago pelo mosteiro ao qual pertencia, para

e de extrema simplicidade. Conheceram-se no ano de 1938, em Nova York. Essa amizade contribuiria para o despertar de Merton quanto à sua visão sobre os caminhos da fé. Uma empatia cresceu entre ambos desde o primeiro momento. Merton buscava por um norte espiritual, por um caminho que o levasse a Deus, e encontrou em Bramachari uma oportunidade de conhecer uma nova direção espiritual, conseqüentemente, um novo rumo em sua existência. Como apontou: “estava procurando meu caminho numa convicção religiosa bem fundamentada e numa via que estivesse centrada como a dele, em Deus”<sup>276</sup>. Surpreendeu-se pelo fato do monge nunca ter procurado exaltar, de qualquer forma, as crenças religiosas as quais abraçava e nem tentar convertê-lo a elas. Não se via ironia ou maldade nas críticas que realizava; era detentor de uma risada serena e inocente, conforme descreveu Merton.

Certa ocasião, não que isso fosse uma prática, Bramachari surpreendeu Merton propondo-lhe que lesse duas obras, em particular, expressando-se da seguinte maneira: “Você deveria ler *As Confissões*, de Santo Agostinho, e *A imitação de Cristo*”<sup>277</sup>.

Merton vinha dedicando-se a leituras sobre o misticismo oriental e, de repente, foi aconselhado, justamente por um hindu, a que se voltasse para a leitura de obras cristãs num tempo em que acabava de ler Huxley. Ele ainda guardava certo preconceito para com a religião cristã, em função da aparente materialidade desta, segundo seu pensamento anterior; seria uma religião não tão pura. Conforme nos aponta Teixeira, “curiosamente, a atenção de Merton para o Oriente provocava, como retorno, um convite ao maior aprofundamento da tradição mística ocidental”<sup>278</sup>.

Nesse contexto, Norma Ribeiro Nasser Salomão, em sua tese de doutorado *Thomas Merton e o Zen Budismo*<sup>279</sup>, elencou o contato de Merton com o Budismo em três estágios, sendo abordado, aqui, apenas o primeiro momento, ao qual se denominou de período *pré-monástico*, iniciado em sua juventude quando estudante na Oakham School, Inglaterra, quando lera *Ends and Means*. Além desse primeiro contato ter aberto as portas para seu aprofundamento do tema, levando-o à leitura de textos orientais do Padre Wieger, o fato de maior importância no contexto da aproximação de Merton com o misticismo foi o contato com o indiano

---

o Congresso Mundial de Religiões, em 1932, porém, chegou após o Congresso haver terminado. Bramachari e Thomas Merton nunca mais se encontraram, mas, em 1965, Merton enviou ao amigo, em Calcutá, Índia, uma cópia de seu livro *Sementes de destruição* (1964). MERTON, Thomas. **RJ**. Op. cit., p. 122.

<sup>276</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 178.

<sup>277</sup> Idem, p. 180.

<sup>278</sup> TEIXEIRA, Faustino Luiz C. **Buscadores do diálogo**. Op. cit., p. 26.

<sup>279</sup> SALOMÃO, Norma Ribeiro Nasser. **Thomas Merton e o zen budismo**. Op. cit., p. 94.



Bramachari<sup>280</sup>.

Em 1990, Bob Lax fez uma visita a Shannon onde descreveu o fato desse monge hindu ter influenciado decisivamente não só Merton, mas também seu círculo de amizades, incluindo a si próprio. Defendeu a atitude de Bramachari em não tentar mudá-los, mas lembrou seu conselho para o pequeno grupo de amigos: “Procurem suas próprias raízes”<sup>281</sup>.

### 3.3.2 A hospitalidade dos mestres

Dentro do corpo docente de Columbia, houve uma figura que se tornaria uma dessas importantes amizades: Mark Van Doren<sup>282</sup>. Ministrando um curso sobre a literatura inglesa (1935), impressionava Merton com sua maneira de expressar seus ensinamentos, fiel ao objetivo de ensinar realmente literatura. O jovem acadêmico encantou-se com sua postura de não declinar por caminhos que deixariam para trás a essência da arte da escrita, dos livros, poemas, sem se utilizar de subjetividades jamais existentes. Nessa linha de pensamento, como o ensaísta Lima observou, “o mestre autêntico é aquele que está para lá do conhecimento, aquele que é detentor de verdadeira cultura. [...] O grande professor, como o grande homem de cultura, não transmite apenas conhecimento, mas ensina também a viver”<sup>283</sup>.

Van Doren também o influenciou no campo da filosofia, preparando Merton para o contato, principalmente, com a filosofia medieval. Através de um curso sobre a Literatura Medieval Francesa, em 1937, abriu-lhe as portas para Tomás de Aquino, entre outros.

Suas aulas, definiu Merton, eram verdadeiramente “educação”, trabalhando por desenvolver em seus alunos a capacidade de construir por si mesmos seus próprios conhecimentos. Como nos elucidou Merton, “acho que a influência do intelecto sóbrio e sincero de Mark, sua maneira de tratar o assunto com perfeita honestidade, objetividade e sem evasivas, foi preparando remotamente minha mente para receber a boa semente da filosofia

---

<sup>280</sup> Idem, p. 95.

<sup>281</sup> SHANNON, William H. *Silent lamp*... Op. cit., p. 89.

<sup>282</sup> Mark Van Doren (1894-1972), grande poeta americano e figura importante na trajetória de Merton. Ambos se corresponderam por cartas até 1968, ano em que Merton vem a falecer. Vê-se a importância de Van Doren também na vida literária desse monge, tendo participado da publicação de seu primeiro livro, *Thirty Poems* (1944), para o qual selecionou os poemas, assim como em *Merton's Selected Poems*, livro de Merton publicado em 1959, escrevendo sua introdução. As correspondências entre esses dois amigos podem ser encontradas em *The Selected Letters of Mark Van Doren*, editado por George Hendrick (Baton Rouge: Estado Louisiana University Press, 1987). MERTON, Thomas. **RJ**. Op. cit., p. 6.

<sup>283</sup> LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias improvisadas*. Op. cit., p. 69.

escolástica”<sup>284</sup>. Van Doren já acompanhava o trabalho de determinados escolásticos modernos como Étienne Gilson e Jacques Maritain.

Como Merton explanou:

[...] foi excelente para mim ter caído nas mãos de alguém como Mark van Doren naquela época, porque em minha nova reverência pelo comunismo eu corria o perigo de aceitar docilmente qualquer tipo de imbecilidade, bastando eu achar que era algo que pavimentava o caminho para os Campos Elíseos da sociedade sem classes.<sup>285</sup>

Segundo Conn, talvez caiba a Van Doren a posição de destaque no que tange às influências sofridas por Merton. Silenciosas, atuantes no campo intelecto-moral-afetivo, tais influências aparentaram ter efeitos ímpares e substanciais em sua jornada. Como ressaltou esse pesquisador, foi a indagação de Van Doren a Merton quanto ao desejo do sacerdócio que o orientou para a decisão que tomou mais tarde, a partir de seu batismo<sup>286</sup>.

A amizade foi para Merton uma das maiores manifestações da graça. Envolto em suas reflexões sobre Columbia, lembrando fatos ocorridos em sua vivência naquela Universidade, abordou momentos marcantes:

[...] pequenas explosões de luz que apontaram meu caminho nas trevas de minha própria identidade. Por exemplo, Mark Van Doren me dizendo, enquanto atravessávamos a Amsterdam Avenue: “Bem, se você tem vocação para a vida monástica, não vai ser possível para você deixar de adotá-la” (ou palavras nesse sentido). Aprendi imediatamente a verdade existencial dessa afirmação.<sup>287</sup>

Daniel Clark Walsh<sup>288</sup> (1907-1975) foi também outro mestre e amigo. Uma amizade que se estenderia por toda a vida. Pelo período de um ano, ministrou um curso sobre filosofia tomista no qual Merton se matriculou, afirmando, posteriormente, ter sofrido grande influência no que diz respeito à sua formação pessoal, assim como à orientação à sua vocação monástica. Walsh exerceu forte influência na pessoa de Merton abrindo-lhe caminhos que, certamente, este não vislumbraria sozinho<sup>289</sup>. Merton via em Walsh a única pessoa capaz de lhe aconselhar quanto ao sacerdócio, o que se deu, de certa forma, intuitivamente. O jovem chegou a essa conclusão

<sup>284</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 129.

<sup>285</sup> Idem, p. 130.

<sup>286</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 179.

<sup>287</sup> MERTON, Thomas. **AV**. Op. cit., p. 14.

<sup>288</sup> Daniel Clark Walsh (1907-1975), conhecia bem Étienne Gilson tendo sido seu aluno e colaborador. Era também próximo de Jacques Maritain, e em certo tempo teria apresentado esse filósofo a Merton no Clube Católico do Livro. Walsh chegou a lecionar na Abadia de Getsêmani – onde seria enterrado – sendo ordenado sacerdote em 1967 na diocese Louisville.

<sup>289</sup> MOOT, Michael. **The seven mountains of Thomas Merton**. Op. cit., p. 123.

antes mesmo de ter conhecimento da pessoa de seu mestre e de seus conhecimentos magistrais.

Merton retratou seu professor como alguém de grande simplicidade e que, costumeiramente, demonstrava sua inspiração nas ideias tomistas, sendo ele quem detectou a proximidade de Merton com o pensamento “agostiniano” ao entrar em contato com as ideias exploradas na dissertação desse acadêmico de Columbia - traços que nem o próprio acadêmico, como relatou, havia percebido. Apesar da oposição dessas Escolas, “ser chamado de “agostiniano” por um tomista não podia ser elogio. Mas vindo de Dan Walsh, um verdadeiro filósofo católico, era realmente um elogio”<sup>290</sup>, e acrescentou: “seu curso e sua amizade foram valiosíssimos em minha preparação para o passo que ia dar”<sup>291</sup>.

Em setembro de 1939, passado um ano do momento em que Merton vislumbrou em Walsh a única pessoa passível de lhe aconselhar sobre a decisão do sacerdócio, essa amizade lhe rendeu a resposta ensejada há algum tempo. Foi em um bar, Biltmore, como nos diz Merton, “que Cristo imprimiu a primeira forma e direção definitiva à minha vocação”<sup>292</sup>. Dan surpreendeu Merton ao lhe dirigir as seguintes palavras: “– Sabe que a primeira vez que o vi achei que você tinha vocação para o sacerdócio?”<sup>293</sup> Merton percebeu a felicidade de seu conselheiro e amigo em travar com ele assunto sobre sua vocação, as ordens religiosas e sobre aspectos sacerdotais. Dan chegou a sugerir-lhe diversos nomes de sacerdotes, os quais poderiam lhe conduzir e acompanhar nessa nova etapa de vida, se prestando até a fornecer uma carta de apresentação ao sacerdote escolhido.

Na biblioteca, onde folheava a *Catholic Encyclopedia*, Merton havia se deparado com características de franciscanos, jesuítas, beneditinos e também dominicanos, conversando sobre essas diversas ordens com Walsh. Sobre estes últimos, através da leitura de um livro francês, deparou-se com determinado aspecto que lhe rendeu hesitação: o fato de todos dormirem juntos num mesmo dormitório, trazendo lembranças daquele “salão comprido, frio e verde no andar de cima do Liceu, com filas e mais filas de camadas de ferro e pessoas magras de camisola”<sup>294</sup>. Quanto aos jesuítas, Dan não se manifestou, alegava não conhecer nenhum; já Merton apresentou pouco entusiasmo, pois, tendo estudado os poemas de Hopkins, “nunca tinha havido uma verdadeira atração chamando-me a este tipo de vida [a jesuítica]”<sup>295</sup>, uma vida galgada em intensa rotina, fortemente oposta às suas tendências. Sobre as características pretendidas das

---

<sup>290</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 200.

<sup>291</sup> Idem.

<sup>292</sup> Ibid., p. 236.

<sup>293</sup> Ibid., p. 235.

<sup>294</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 236.

<sup>295</sup> Idem.

Ordens, Merton relatou:

Eu precisava de solidão para expandir-me em largueza e profundidade, e ser simplificado sob o olhar de Deus da maneira como a planta desdobra suas folhas ao sol. Isto significava que eu precisava de uma regra que se destinasse quase totalmente a separar-me do mundo e a unir-me com Deus, não de uma regra que me preparasse para lutar por Deus no mundo. Mas não descobri isso tudo num dia só<sup>296</sup>.

Em relação aos beneditinos houve, a princípio, uma simpatia. No entanto, o converso descartou a ideia ao se deparar com a realidade vigente da Ordem, que implicava estar preso para sempre a uma cátedra em alguma escola preparatória ou mesmo tornar-se um pároco vinculado a tal escola e, de certa forma, afastado, justamente, do que lhe atraía: o claustro e a liturgia.

Interessante foi a reação de Merton às referências tecidas por Walsh sobre a Abadia de Nossa Senhora do Getsêmani. Walsh havia feito um retiro, não muito tempo atrás, referenciando a Merton seus pontos de vista à vida trapista. Falou-lhe sobre a vida silenciosa que os monges levavam e de seu canto nos coros, o que propiciou a Merton uma certa tranquilidade, pois “temia que tanto silêncio acabaria por definhá-los a todos”<sup>297</sup>. Aludiu quanto a seus trabalhos no campo, suas dietas sem carne - salvo quando algum monge se encontrasse doente - e também de seus jejuns. Todas essas informações geraram em Merton sensações não muito positivas, que externou em seus pensamentos:

Este tipo de vida me deixou de queixo caído, mas não me atraía. Soava frio e terrível. O mosteiro surgia agora em minha mente como uma grande prisão cinzenta, com janelas gradeadas, cheio de indivíduos tristes e esqueléticos, com os capuzes puxados sobre os rostos<sup>298</sup>.

Até que Dan questionou Merton quanto aos franciscanos, o que ele acolheu de forma muito positiva. Se Merton optou pelos franciscanos, foi

[...] porque achava que seria capaz de seguir sua Regra sem dificuldade e porque me sentia atraído pela vida de ensinar e escrever que ela me proporcionaria e muito mais ainda pelo ambiente de beleza extraordinária em que iria viver<sup>299</sup>.

Afirmou que, no estágio de vida em que se encontrava, não seria sacrifício algum se

---

<sup>296</sup> Ibidem.

<sup>297</sup> MSP, p. 239.

<sup>298</sup> Ibid.

<sup>299</sup> Ibid.

entregar ao tipo de vida franciscana, uma vez que já vinha se sentindo exausto em função da forma que vinha vivendo, sofrendo profundas perturbações em decorrência de prazeres da carne aos quais se entregava.

A partir de suas experiências “políticas” em Columbia, de suas leituras e de suas amizades, vê-se desenhar seu perfil de homem converso. Nesse sentido, é impossível tratar sua *metanoia* como fato apartado de todas suas experiências já vividas. Conn trabalhou em sua pesquisa o movimento de conversão de Merton delimitando-o ao tempo ocorrido entre 1938-1941, ou seja, do momento de seu batismo na Igreja Católica até sua entrada na Abadia de Getsêmani. Entretanto, o próprio Merton a definiu, de forma mais substancial, a partir de sua leitura de Gilson. Em setembro de 1938, período em que o converso iniciou a escrita de sua dissertação, ele apontou que o processo de sua conversão estava em tempo de se completar:

[...] pouco mais de um ano e meio, desde a data em que li *The Spirit of Medieval Philosophy*, de Gilson, para sair da condição de ‘ateu’ – como eu me julgava – e chegar à de alguém que aceitava o pleno alcance e todas as possibilidades da experiência religiosa até o mais alto grau da glória<sup>300</sup>.

Por essa razão, tratar do tema de sua conversão requer a continuidade das exposições de suas experiências, tratadas no próximo momento, em um aspecto que visa superar a etapa cognitiva.

### 3.4 METANOIA

#### 3.4.1 A graça da conversão

Graça é sempre encontro, na extrapolação de Deus que se dá e do homem que se dá. Graça é, por natureza, o rompimento dos mundos fechados sobre si mesmos. Graça é relação, é êxodo, é comunhão, é encontro, é diálogo, é abertura, é saída, é história de duas liberdades e encruzilhada de dois amores<sup>301</sup>.

O projeto fundamental do ser humano<sup>302</sup> voltado para Deus dá-se numa totalidade que não se realiza de uma só vez. Uma gama de acontecimentos pode fazer dissonante a relação

<sup>300</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 186.

<sup>301</sup> BOFF, Leonardo. **A graça libertadora no mundo**. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 15.

<sup>302</sup> Boff faz referência à graça habitual, ou seja, “a presença permanente da vontade salvífica concreta e do amor divino dentro do mundo”. BOFF, Leonardo. **A graça libertadora no mundo**. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 152.

entre tal projeto e sua corporificação<sup>303</sup>. O próprio Merton, após ingressar na Trapa, já relatava um aspecto essencial da conversão: “Nós não somos convertidos somente uma vez na nossa vida, mas muitas vezes, e esta infinita série de pequenas e grandes conversões e revoluções interiores nos leva finalmente para nossa transformação em Cristo”<sup>304</sup>. O movimento executado por Merton no âmbito de sua conversão é um exemplo de escalada moral e religiosa repleta de percalços. Daí a riqueza da trajetória pertinente à sua conversão, com seus equívocos, inquietações, desafios e a superação desses de maneira contínua. Nas idas e vindas do processo de transformação do converso, é essencial discutir a presença e a importância da graça.

Para Lima, a conversão de Merton “fora o resultado de um verdadeiro circuito em volta das ideias, tanto do ponto de vista político e social quanto filosófico e religioso”<sup>305</sup>. Justamente pela forma de sua conversão, marcada por idas e vindas no âmbito da fé, é que Lima revelou sentir-se atraído à sua pessoa. Ambos passaram pela experiência da escolha crucial pelo catolicismo, no entanto, Lima diz ter se sentido seduzido pela grande e curiosa volta feita por esse jovem até sua descoberta e aceitação da fé católica. Salientando a singularidade de tal transformação, assim se expressou:

O caso de Thomas Merton era diferente. Sua experiência era muito mais rica, se fizera através de uma travessia turbulenta, agitada e contraditória. A conversão para ele não foi um caminho reto, mas um percurso sinuoso, repleto de armadilhas, juncado de surpresas. Não foi uma conversão de tipo paulino, uma transição repentina e radical, como foi a de São Paulo, de um extremo ao outro do pensamento<sup>306</sup>.

Suas experiências de vida lhe traçaram o destino; e tais vivências tocadas pelos conflitos existenciais começaram a mostrar resultados. O falecimento de seus avós foi uma dessas experiências: após a perda daqueles que teriam sido seu esteio, mudou-se para uma pensão localizada nas proximidades da biblioteca de Columbia. Lá, como assinalou Shannon, todos os grãos semeados através de suas diversas experiências começaram a dar frutos, apontando o caminho para Deus<sup>307</sup>. É nessa nova residência que voltou a rezar, de certa forma, regularmente. Atendeu ao conselho de Bramachari realizando a leitura da *Imitação de Cristo*. Era fato, segundo Shannon, que Merton estava sendo envolvido pelo catolicismo, e quanto a suas suspeitas contra essa religião, herdadas do avô, estavam diminuindo a ponto de desmarcar um

---

<sup>303</sup> Idem.

<sup>304</sup> MERTON, Thomas. “Life and Holiness”, p.159. In: SHANNON, William *et al.* **The Thomas Merton encyclopedia**. Op. cit., p. 88-89.

<sup>305</sup> LIMA, Alceu Amoroso. **Memórias improvisadas**. Op. cit., p. 296.

<sup>306</sup> Idem, p. 288.

<sup>307</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp** ... Op. cit., p. 91.

encontro com uma namorada para ir à Igreja Católica.

Desde agosto do mesmo ano, Merton afirmava ter cedido a um impulso que o vinha acompanhando há certo tempo: visitar alguma igreja. Nesse contexto, pensou em aproximar-se dos quacres, porém, foi mais forte sua vontade em seguir à Igreja Católica para assistir ao que seria, de fato, sua primeira missa:

[...] a primeira vez na vida! Era verdade. Eu havia vivido vários anos no continente europeu. Tinha estado em Roma, entrado e saído de centenas de catedrais e igrejas católicas, mas nunca havia assistido a uma missa. Sempre que alguma coisa desse tipo estava acontecendo nas igrejas, eu saía rapidamente, tomado de um arisco medo protestante<sup>308</sup>.

Como atentou Shannon, ao que se sabe, foi em Roma, há cinco anos, a última vez que Merton visitou uma Igreja Católica sem, entretanto, assistir à missa<sup>309</sup>. Talvez por influência do ambiente literário ao qual vinha se entregando na biblioteca de Columbia, sentia agora uma força o impelir para a igreja, uma “insistência suave, forte, gentil e claramente audível que dizia: ‘Vá à missa! Vá à missa!’”<sup>310</sup> Sua rendição, entretanto, não significou a entrega total de suas emoções. Ainda eram presentes alguns receios em se expor a esse universo que se desenhava à sua frente na *Rockefeller Church*. Suas lembranças das igrejas da Itália e França tornaram-se vivas:

[...] a riqueza e a plenitude da atmosfera do catolicismo, cuja impressão e amor não fui capaz de evitar enquanto criança e jovem, voltaram agora com força total: só que agora eu iria mergulhar fundo pela primeira vez. Até agora só havia conhecido a superfície externa.<sup>311</sup>

Descreveu esse encontro mais profundo com a religião cristã como uma revelação. Fez-se atenta sua percepção quanto às pessoas reunidas, simplesmente voltadas para Deus naquele domingo, “o primeiro domingo que eu passava realmente sóbrio em Nova York”, dizia Merton<sup>312</sup>. Sua concepção formada pelo sermão que escutou sobre Jesus o levou a identificar naquela doutrina sólida reverberação, embora ainda não houvesse perdido totalmente o medo. A mensagem que apreendeu dizia

[...] que Cristo era o Filho de Deus. Que nele, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, Deus havia assumido uma natureza humana, um corpo humano e uma alma, que se havia feito carne e habitado entre nós, cheio de graça e de

<sup>308</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 188.

<sup>309</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp** p. 91-92

<sup>310</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 188.

<sup>311</sup> Idem.

<sup>312</sup> Ibid.

verdade. E que este homem, que foi chamado Cristo, era Deus. [...] E suas obras eram obras de Deus; seus atos eram atos de Deus. Ele nos amava; era Deus e andava entre nós; era Deus e havia morrido por nós na cruz; Deus de Deus. Luz da luz, Deus verdadeiro do Deus verdadeiro<sup>313</sup>.

Após o sermão, o silêncio e a atenção dos presentes voltada para o altar fez com que Merton se retirasse do local assustado e apressadamente. Algo parecia lhe dizer que ali ainda não era seu “lugar para a celebração dos mistérios em si”<sup>314</sup>. Caminhando pelas ruas, não conseguia apreender o porquê de tamanha felicidade e contentamento que o invadiram há momentos atrás. Segundo Conn, a forma como Merton descreveu sua emoção ao deixar a igreja “indica que este momento era certamente extraordinário em seu processo de transformação espiritual”<sup>315</sup>.

Em sua análise, enquanto monge, perguntava-se:

[...] o que teria acontecido em minha vida se tivesse recebido esta graça nos dias em que quase descobri a divindade de Cristo nos antigos mosaicos das igrejas de Roma? Quantos pecados que me matavam pessoalmente e que matavam a Cristo podiam ter sido evitados – toda a imundície que joguei sobre sua imagem em minha alma durante os últimos cinco anos em que estive flagelando e crucificando Deus dentro de mim?<sup>316</sup>

As mudanças de metas e objetivos de Merton, assim como na vida do ser humano em geral, na visão do psicanalista William James refletem características a constituírem grupos e sistemas internos<sup>317</sup> que, com o decorrer do tempo, sofrem mudanças no que tange aos interesses. Assim, partes que antes eram classificadas como centrais na vida do ser humano, em outro momento, podem tornar-se periféricas, e vice-versa. Nesse sentido, no viés psicológico, a conversão ocorre quando ideias de cunho religioso, que antes pertenciam à posição periférica, assumem, em função de uma transformação que se estabelece de forma permanente, um lugar central na vida do ser<sup>318</sup>. Nesse sentido, a experiência religiosa de Merton, em Roma, assumia ainda posição secundária em sua vida.

Para James, a psicologia não é capaz de definir plenamente a forma com que se opera essa mudança, “nem o observador de fora nem o sujeito que sofre o processo pode explicar a contento como experiências particulares mudam o centro de energia da pessoa de maneira tão

<sup>313</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 190.

<sup>314</sup> Idem, p. 191.

<sup>315</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p.170.

<sup>316</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 191. Possível referência à noite tenebrosa de Cambridge trabalhada no 1º. Capítulo. SHANNON, William H. **Silent lamp** ... Op. cit., p. 92.

<sup>317</sup> Cf. o tema da Associação dentro da Psicologia. LAPLANCHE, J; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da Psicanálise**. 6.ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, s/d.

<sup>318</sup> JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa...** Op. cit., p. 129-130.



decisiva, ou por que são tantas vezes obrigadas a aguardar a sua oportunidade para fazê-lo”<sup>319</sup>. Nesse sentido, pensa-se ser oportuna a colocação de Merton em um período posterior, ao que ele alude:

[...] quando olhando interiormente examinamos a nossa consciência psicológica, esta visão termina em nós mesmos. Percebemos os nossos sentimentos, a nossa atividade interna, os nossos pensamentos, juízos e desejos. Não é sadio estar por demais continuamente atento a todas essas coisas. A constante introspecção dá a movimentos que deviam ficar instintivos e despercebidos uma atenção em extremo ansiosa. Quando prestamos demasiada atenção ao que vai em nós mesmos, torna-se restrita e estouvada a nossa atividade. São tantos os obstáculos que nos levantamos, que ficamos logo paralisados e incapazes de agir como normais seres humanos<sup>320</sup>.

De acordo com James, situações emocionais, em destaque as violentas, seriam ocasiões propícias para levar o ser a esses rearranjos mentais. James, defendendo o pensamento do psicólogo americano William Starbuck, demonstra a existência de dois pontos-chave na mente da pessoa que aspira à conversão: primeiramente, o anseio por livrar-se do “pecado”; em segundo lugar, o novo rumo que o ser busca dar à sua trajetória existencial<sup>321</sup>.

Merton demonstrava ser possível perceber a graça no cotidiano em diversos momentos, na tentativa de despertar os homens para os valores da existência. Relatou que a salvação do indivíduo tem seu início em meio às coisas comuns e que a ação da graça se manifesta através de livros, amigos, cidades, lugares, filosofias, artes. O ser humano carente dessa perspectiva não enxergaria dessa maneira em função de ausência da fé, pois “quando você não tem fé, não vê os milagres”<sup>322</sup>. Merton acreditava que podia existir algo de valor no que circunda o ser humano, propiciando às pessoas encontrarem elementos que enriquecem a alma, mesmo afirmando que, muitas das vezes, não sabia aproveitar, nem mesmo perceber, as oportunidades que lhe eram apresentadas. De qualquer forma, como assinala Boff, “por tudo o que pensamos e fazemos, experimentamos, implicitamente, Deus e sua graça. Mas, nem sempre temos consciência disso”<sup>323</sup>.

<sup>319</sup> Cf. JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa**. Op. cit., p. 130.

<sup>320</sup> MERTON, Thomas. **HI**. Op. cit., p. 48.

<sup>321</sup> JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa**. Op. cit., p. 137.

<sup>322</sup> **O penitente**, p. 10. *O penitente*, de Isaac Bashevis Singer, relata a história de um judeu que, em função de ataques nazistas, em 1939, foge da Polônia para a Rússia passando por diversos percalços, inclusive a fome. No ano de 1945 se instala nos Estados Unidos onde, juntamente ao seu enriquecimento, veria sua vida ser invadida pela decadência moral advinda de vícios, amores vãos e do materialismo que, ao mesmo tempo em que abre as portas para uma crise existencial, lhe desperta o desejo de resgatar sua origem religiosa e seus valores. SINGER, Isaac Bashevis. **O penitente**. Porto Alegre: LP&M Pocket, 1998.

<sup>323</sup> BOFF, Leonardo. **A graça libertadora no mundo**. Op. cit, p. 113.

Em meio à suas experiências, principalmente no que tange às pessoas, mais do que em qualquer outro âmbito, Moot assinala que “todo o processo de conversão de Merton ao Catolicismo fornece uma exceção importante. Ele não solicitou o conselho de ninguém antes de se tornar Católico”. Anos depois, muitas das pessoas às quais Merton teria dirigido perguntas, acreditaram ter traçado o destino desse jovem a partir de suas respostas. Entretanto, seus diários apontam claramente que estavam enganadas<sup>324</sup>.

Ainda a 25 de março de 1967, em carta ao acadêmico, Mario Falsina, Merton respondeu às indagações pertinentes aos motivos que o levaram à conversão. Eis sua resposta:

As razões para minha conversão, além da graça de Deus. Primeiro de tudo a descoberta de um sentido metafísico do Ser, e uma intuição de Deus como um *ens se*, puro verdadeiramente. Em seguida, as idéias místicas de William Blake, a poesia religiosa de Gerard Manley Hopkins, e outras literaturas católicas as quais trouxeram, para dentro de mim, a profunda realidade da fé cristã e do vazio da minha própria vida, no contexto de um materialismo e racionalismo rasos em que eu não poderia realmente estar interessado: daí uma sensação de vazio e superficialidade de uma existência não cristã<sup>325</sup>.

Emerge a compreensão da postura de Merton quanto à influência da graça: era uma realidade que permeou não só todo seu processo de conversão, a partir da leitura de Gilson, mas sua vida, de modo geral. Corrobora para essa reflexão o que apontou a respeito de seu contato com a família Privats:

Tudo o que digo é questão de hipótese, mas, conhecendo sua caridade, é para mim caso de certeza moral de que devo muitas graças às suas orações e talvez também minha conversão e até mesmo a vocação religiosa. Quem saberá?<sup>326</sup>

Em sua obra *A graça libertadora no mundo*, Boff perpassa por vários horizontes da graça. Logo ao início de seu trabalho aponta ser ela “a presença de Deus no mundo e no homem”.<sup>327</sup> No entanto, a abertura que se percebe no pensamento desse teólogo não se faz somente na relação do divino para com o homem, mas também pela ligação do homem com Deus, quando este se reconcilia com o Infinito no tempo, ou seja, quando aceita o amor de Deus – personificado na figura de Jesus –, pois “a ação de Cristo não se restringe tão-somente ao sobrenatural; ele quis salvar o homem todo e todo o homem, atingindo e abraçando a sua dimensão de natureza, de graça, e pecado [...]”<sup>328</sup>.

<sup>324</sup> MOOT, Michael. **The seven mountains of Thomas Merton**. Op. cit., p. 123.

<sup>325</sup> MERTON, Thomas. **RJ**. Op. cit., p. 348.

<sup>326</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 58.

<sup>327</sup> BOFF, Leonardo. **A graça libertadora no mundo**. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 15.

<sup>328</sup> BOFF, Leonardo. **A graça libertadora no mundo**. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 59.

Encarando a graça sob um ponto de vista diverso, Boff, considera que ela pode ser retratada como crise. Tal termo descende do sânscrito *Kri* ou *Kir*, cujo significado é limpar, purificar. Segundo ele, a graça (amor de Deus) age sobre o homem como força purificadora, impelindo-o para um processo de purificação. Assim, o termo crise se apresenta como fator positivo, “fazendo o homem passar de pecador para justo. Esta passagem é crítica e não se faz sem crise”<sup>329</sup>. Elencando outra dimensão da graça nesse viés, esse mesmo autor faz referência a outro significado, a ruptura, podendo ser ou não dolorosa, onde o homem troca de paradigma eliminando o homem velho e fazendo surgir o homem novo. Volta-se a atenção para o fato da escolha cabendo ao homem, assumir esse novo projeto de existência.

As crises presentes na trajetória de Merton, portanto, expressam uma manifestação da graça, pois, como aponta Boff, “a graça aparece como crise, enquanto ela urge uma conversão, uma tomada de posição diante do amor de Deus, que envolverá todo o destino da pessoa”<sup>330</sup>.

Várias passagens do próprio Merton, em abordagens reflexivas referentes a seu tempo de juventude, a partir de sua visão de monge, o levaram a expor seu pensamento quanto ao papel da graça na conversão:

É pena que esta *metanoia* seja tão rara, muitas vezes completamente desconhecida na vida das pessoas. É verdade que nenhum poder natural, que nenhuma inventividade humana, que nenhum auge de coragem e generosidade podem bastar em si para conseguir esta mudança de coração. Tem de ser feita por obra de Deus, por obra da graça. É um dom divino<sup>331</sup>.

Merton, através de sua nova postura - de certa forma humilde -, sensibilizado pela miséria, com um medo interior velado, como ele próprio assinalava, estendeu sua análise revelando-se estar em condição de maior receptividade para a boa semente.

É pelo sacramento do batismo que “o pecador recebe o dom da graça e em que Deus confere ao fiel o seu *Pneuma* santificador”<sup>332</sup>. Para Merton, tal experiência iria refletir um confronto doloroso consigo mesmo.

Estava prestes a desembocar na praia, ao sopé da alta montanha de sete patamares de um purgatório mais escarpado e árduo que eu poderia imaginar e não tinha a mínima ideia da subida que me restava fazer”<sup>333</sup>.

Dando continuidade a um ponto fundamental dessa trajetória, destaca-se a importância

---

<sup>329</sup> Idem, p. 180.

<sup>330</sup> Idem, p. 181.

<sup>331</sup> MERTON, Thomas. **O homem novo**. Rio de Janeiro: Agir, 1967a, p. 63. (Abreviado **HN**).

<sup>332</sup> **MYSTERIUM SALUTIS...** Op. cit., p. 25.

<sup>333</sup> Idem, p.201.

de seu processo de autodescobrimento a partir do descobrimento de Deus, sendo o batismo para ele o início de todo esse trabalho interior. Santa Teresa de Ávila, autora católica do século XVI, já apontava a importância de se conhecer a si mesmo<sup>334</sup>: “Não sei se falei bem claro. É tão importante este conhecimento de nós mesmas, que não quisera jamais descuido neste ponto, por elevadas que estejais nos céus”. E acrescenta:

Torno a dizer: é muito bom, é sumamente bom entrar primeiro no aposento do conhecimento próprio, antes de voar aos outros. É este o caminho. Se podemos ir por estrada segura e plana, porque desejar asas para voar? Tratemos, pelo contrário, de progredir no primeiro aposento, aprofundando o conhecimento de nós mesmas<sup>335</sup>.

Finalmente, o próprio monge, em análise do processo pelo qual foi construindo sua conversão, tornou nítido o papel da graça em sua caminhada: a forma como teria ela abrangido todos seus propósitos enquanto este buscava por um sentido de vida. Como define: “A única resposta ao problema é a graça, só a graça, a docilidade à graça. Eu ainda estava na precária posição de ser meu próprio intérprete da graça. É de admirar que tenha chegado ao porto”<sup>336</sup>.

### 3.4.2 Batismo

Eckart diz que, como uma pessoa a ser atingida por um raio se vira para ele, e como as folhas de uma árvore prestes a ser atingida também fazem isso, alguém em quem o Nascimento Divino está para ocorrer se vira, sem se dar conta, completamente para ele<sup>337</sup>.

---

<sup>334</sup> Teresa de Ávila (1515-1582) nasceu à época das grandes navegações e descobertas, mas o que interessava para essa “miserável atrevida”, como se auto intitulava, eram as grandes e profundas descobertas de seu próprio mundo interior. Um ponto de grande importância é sua postura ao afirmar que “Deus habita no mais íntimo da alma”, indo em direção contrária até mesmo à de seus confessores que defendiam que esta presença divina só ocorre em meio à graça e, portanto, é dada, vem de fora. JESUS, Santa Teresa. **Castelo interior ou moradas**. 3.ed. Rio de Janeiro: Edições Paulinas – Carmelo de Cotia, 1984, p. 8.

<sup>335</sup> Idem, p. 31.

<sup>336</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 187. À luz de Deus, quando se afirma que “tudo é graça”, expressão utilizada por Bernanos e tirada de Santa Teresinha do Menino Jesus, há de se precaver quanto ao seu uso, segundo Boff, e usar da percepção de que não se trata da dimensão histórica, pois nessa encontra-se também a desgraça. Já no viés ontológico, tal expressão é validada, pois o bem e o mal, assim como a graça e a desgraça, são gerados e sustentados pelo Mistério. Assim, o mal provém do homem, mas o *poder* de liberdade que o homem tem de praticá-lo vem de Deus. Por isso convém advertir: porque Deus é o fundamento tanto da graça quanto da desgraça, é possível ao homem fazer da des-graça motivo de ascender a Deus”. BOFF, Leonardo. *A graça libertadora*. Op. cit.

<sup>337</sup> MERTON, Thomas. **MI**. Op. cit., p. 56.

Pensar que Nosso Senhor tenha perdoado e esquecido nossos pecados não é alívio para esta dor. Antes aumenta o pesar à vista de tanta bondade e de tão grandes mercês a quem só merecia o inferno<sup>338</sup>.

Aquele 16 de novembro de 1938 “era um daqueles dias de outono cheio de vida e triunfo, feito para grandes empreendimentos” e que jamais saiu da memória de Merton. Na Igreja de Corpus Christi, Manhattan, aquele jovem se viu renascer pelas águas do batismo<sup>339</sup>, “lugar concreto em que o pecador recebe o dom da graça [...]”<sup>340</sup>.

Shannon retratou esse acontecimento como um avanço na jornada interior de Merton. Entretanto, viu-se na posição de tratar a conversão mertoniana não como um fato isolado, mas como resultado de um conjunto de experiências que fizeram com que o terreno estivesse propício para essa ação da graça. Ele reafirma a importante influência das vivências desse jovem solitário na França e Inglaterra:

[...] toda uma enxurrada de conversões parciais e hesitantes passos (alguns para a frente, outros para trás) fluíram para esta conversão irrevogável que, para mudar a metáfora, floresceu naquele dia na igreja de Corpus Christi<sup>341</sup>.

Merton fez pouca referência ao aspecto teológico do batismo, ainda que explanasse questões concernentes a esse sacramento em sua autobiografia<sup>342</sup>. Relembrando seus últimos dias antecedentes à cerimônia, exprimiu seus sentimentos de fraqueza e desamparo, não muito intensos, mas capazes de lhe dizer um pouco, segundo ele, sobre a condição de pobreza e miserabilidade em que se encontrava.

À véspera de seu “renascimento”, narrou sobre sua preocupação de não poder cumprir o jejum eucarístico, abstendo-se de qualquer líquido ou alimento, ação esta que se apresentou a seus olhos como uma tarefa requerente de forças que, naquele momento, imaginava não possuir. Dizia tratar-se de armadilhas criadas pela própria natureza humana, o que, àquele tempo, sua consciência já o permitia entender. Apesar de certa felicidade, seu entusiasmo não era tão intenso, pois inseguranças teimavam por invadir-lhe a alma: “apreensões vagas, meio

<sup>338</sup> JESUS, Santa Teresa. **Castelo interior ou moradas**. Op. cit., p. 186.

<sup>339</sup> O batismo, dentro da perspectiva do catolicismo, “é um sacramento instituído por Jesus Cristo, cujo rito essencial consiste numa ablução acompanhada de uma inovação sacramental às três pessoas da Santíssima Trindade: ‘Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo’. [...] O batismo apaga o pecado original, as faltas cometidas antes de sua admissão e os castigos ligados às mesmas. É administrado pelos ministros do culto, mas, em caso de perigo de morte, qualquer pessoa, mesmo não batizada, pode e deve batizar”. PORTO, Humberto; SCHLESINGER, Hugo. **DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DAS RELIGIÕES**. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 344.

<sup>340</sup> **MYSTERIUM SALUTIS**. Op. cit., p. 25.

<sup>341</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp** ... Op. cit, p. 94.

<sup>342</sup> SHANNON, William *et al.* **The Thomas Merton encyclopedia**. Op. cit., p. 23.

animais, sobre as exterioridades que teriam lugar na igreja – estaria minha boca tão seca a ponto de não poder engolir a hóstia?”<sup>343</sup>.

Dois momentos se destacam no sacramento batismal de Merton: primeiro, a cerimônia do exorcismo, a qual ele dizia mais temer. Lembrava quando o sacerdote soprando em seu rosto, dizia: “– *Exi ab eo, spiritus immunde*: Sai dele, espírito impuro, e dá lugar ao Espírito Santo, o Paráclito”<sup>344</sup>. E concluiu: “Eu não os vi sair, mas devem ter sido mais de sete”<sup>345</sup>. Outro momento foi junto ao confessionário onde, ajoelhado, deu início à sua primeira confissão. Avistando o padre com o qual iria se confessar, dizia ter pensado: “Pobre homem”. Interrogando-se quanto à possibilidade desse sacerdote compreender as coisas que ele haveria de contar-lhe:

[...] um por um, isto é, espécie por espécie, da melhor forma possível, fui arrancando pela raiz como dentes aqueles pecados todos. Alguns eram mais penosos, mas eu fiz tudo rapidamente e do melhor modo para chegar ao número aproximado de vezes em que haviam acontecido – não havia como chegar a um número exato; eram estimativas<sup>346</sup>.

Tal experiência o deixara zozzo, mas a partir daquele dia dizia ter desenvolvido o gosto por confessionários.

O batismo foi para Merton apenas o começo da caminhada e acima de tudo um ato generoso de Deus, expressando seu desejo de então: “espero que sua misericórdia tenha tragado nas águas da pia batismal toda a culpa e punição temporal de meus vinte e três anos de vida pecaminosa e me tenha permitido um novo começo”<sup>347</sup>. O sacramento do batismo apenas iniciou todo o processo de libertação que deveria ocorrer de forma progressiva e contínua até o momento da morte<sup>348</sup>.

A questão do pecado ganhou destaque na história do Cristianismo. Conforme Jean Delumeau, em sua obra *O pecado e o medo: a culpabilização do ocidente*, coube ao Cristianismo colocar “o pecado no centro de sua teologia, coisa que não tinham feito as religiões as filosofias da antiguidade greco-romana”<sup>349</sup>.

Como assinala o historiador francês, o pecado, para o Cristianismo, seria qualquer

<sup>343</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 202.

<sup>344</sup> Idem, p. 203.

<sup>345</sup> Ibid.

<sup>346</sup> Ibid.

<sup>347</sup> Ibid., p. 201.

<sup>348</sup> BOFF, Leonardo. **A graça libertadora no mundo**. Op. cit., p. 192.

<sup>349</sup> DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo: a culpabilização do ocidente (séculos XIII-XVIII)**. Trad. Álvaro Lorencini. Bauru: EDUSC, 2003, v.2, p. 357.

oposição do homem através de ações ou até mesmo por pensamentos e sentimentos, aos desígnios divinos (no decorrer do tempo, os conceitos sobre o pecado passariam por transformações). No que se refere ao Antigo Testamento, o pecado - voluntário - de Adão, em não obedecer à vontade de Deus, originou uma ruptura<sup>350</sup> pela qual o mundo veio a conhecer o pecado. Mas foi justamente por causa de tal ação, contrária ao preceito Maior, que no Novo Testamento é possível enxergar a ação redentora de Jesus Cristo, de vir ao mundo para redimir o homem de seus pecados pela fé e pelo batismo, pois “onde o pecado foi abundante, a graça foi superabundante”<sup>351</sup>.

A graça do batismo fez do ano de 1938, um marco na trajetória de Merton. Como salienta Moot:

[...] este importante ano terminou com celebração. Rapidamente ele percebeu que este não era o fim da conversão, mas o começo de uma nova vida de conversão. Também não era o fim da inquietação. Mas a velha, inconstante, frenética falta de objetivo havia ficado para trás. Ele estava firme, primeiro em relação à suas amizades, e depois à sua fé<sup>352</sup>.

No pensamento cristão, todos os homens são, por conseguinte, irmãos, de modo que tal sacramento do batismo ganha uma profunda dimensão social. A ligação que se estabelece com Cristo no momento do batismo reflete a conexão existente entre as pessoas que estão unidas “potencialmente com Cristo”. Nas palavras do poeta Jhon Donne, a Igreja é católica, universal, e assim são os seus atos; tudo o que faz pertence a todos. Dessa forma, “quando ela batiza uma criança, tal ato me diz respeito; pois aquela criança, dessa forma, se une àquele corpo do qual sou membro”<sup>353</sup>. É fato que Merton não fora batizado na Igreja Católica em sua infância, o que de forma alguma elimina sua integração nessa nova perspectiva, a de uma coexistência cristã firmada pelo sacramento do batismo. Tempos depois, o próprio converso teceu elucidações a

---

<sup>350</sup> Para maior elucidação quanto à expressão, elencam-se as reflexões tardias do próprio Merton, enquanto monge: “O pecado de Adão foi um movimento em sentido duplo, de introversão e extroversão. Afastou-se de Deus, fechando-se em si mesmo e, então, incapaz de permanecer centrado em si mesmo, caiu abaixo de si, na multiplicidade e confusão das coisas exteriores [...]. Adão virou às avessas a natureza humana e legou-a nessa condição a todos os seus descendentes. Cada um de nós tem a tarefa de virar o lado certo da coisa para si, e a tarefa não é fácil. Adão começou com seu espírito centrado em Deus, com tudo ordenado para esta união suprema. O primeiro afastou-se espiritualmente de Deus [...], referindo tudo a si, em vez de Deus. A consequência prática disso foi que o decaído Adão vivia como se não houvesse bem no mundo. Seu conhecimento existencial do mal voltou-o numa reorientação completa de todo o seu ser para um bem particular [...]. Não sendo mais ‘espiritual’, o corpo dominou seu espírito”. MERTON, Thomas. **O homem novo**. Rio de Janeiro: Agir, 1967, p.57-58.

<sup>351</sup> DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo...** Op. cit., p. 360.

<sup>352</sup> MOOT, Michael. **The seven mountains of Thomas Merton**. Op. cit., p. 121.

<sup>353</sup> DONNE, John. **O poeta do amor e da morte**. São Paulo: J.C. Ismael Editor, 1985, p. 59.

esse respeito: “Cada homem é um pouco de mim mesmo, porque faço parte da humanidade. Cada cristão é uma parte do meu próprio corpo, porque somos membros de Cristo”<sup>354</sup>.

---

<sup>354</sup> MERTON, Thomas. **HI**. Op. cit., p. 21.



## 4 DEPOIS DO SALTO DA FÉ

### 4.1 CONSCIÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

#### 4.1.1 A conversão no âmbito das ideias

Mas porque ainda é fraco o meu amor e imperfeita a minha virtude, preciso ser por Vós fortalecido e consolado; visitai-me, pois, Senhor, mais vezes e ensinai-me a vossa santa doutrina<sup>355</sup>.

A iluminação sacramental do batismo acendeu a lâmpada de nosso ser, o *pneuma*. Mas nossa vida é ainda uma vida de espera na escuridão. [...] A noite “desse mundo” é a confusão, a rotina, a mediocridade e a inércia da vida cotidiana com suas distrações<sup>356</sup>.

A conversão de Merton não foi uma mudança de perspectiva repentina; segundo ele, permaneceu, inicialmente, em nível intelectual. Foi de maneira progressiva que Merton apreendeu os novos valores cristãos:

A realidade é que, após ter recebido a imensa graça do batismo, após todas as lutas da persuasão e da conversão, após o longo caminho que percorri através de muita terra de ninguém que se estende em volta dos confins do inferno, em vez de tornar-me um católico firme, ardente e generoso, eu simplesmente resvalei para dentro das fileiras de milhões de católicos mornos, apáticos, indolentes e indiferentes que levam a vida ainda meio animal e que raras vezes fazem algum esforço para manter vivo em suas almas o sopro da graça<sup>357</sup>.

Merton apontou ter sido um de seus principais equívocos, em seu primeiro ano de converso, sua falta de fé à Nossa Senhora<sup>358</sup>. Ao mesmo tempo em que era verdadeira sua crença

<sup>355</sup> **IMITAÇÃO DE CRISTO**. Trad. Pe. Leonel Franca, SJ. 8.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1970, p. 90. Cap, V.

<sup>356</sup> MERTON, Thomas. **HN**. Op. cit., p. 109.

<sup>357</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op.cit., p. 208.

<sup>358</sup> Maria vem se tornar Nossa Senhora no século XII, tornando-se a figura religiosa de maior poder no Ocidente. Eis a retratação do tema da Santíssima Virgem, sob os estudos de Sylvie Barnay: “Posta a serviço da ideologia da soberania, definida como realeza sagrada desde o século VIII, Maria tornou-se então rainha do Céu. A vacância do poder real que sucede ao desmoronamento do império carolíngio, no século X, contribuiu para a sua eleição como rainha da Terra. [...] Vê-se então a “senhora das senhoras” reinar absoluta sobre os mosteiros apresentados como terras “virgens”, desimpedidas do pecado e povoadas por homens espirituais, os monges, que se creem semelhantes aos anjos para conduzir os homens carnais à salvação”. CORBIN, Alain (Org.). **História do Cristianismo**. Op. cit., p. 234.

na Igreja, afirmou ver a Mãe de Deus ainda um pouco além de um mito. Em sua autobiografia, expressou o poderoso papel que Maria deveria representar na vida dos homens. Seria ela a intercessora de todas as graças divinas recebidas. Porém, à sua época de jovem converso, não havia ainda desenvolvido “este senso de dependência ou de seu poder. [...] Devia descobri-lo por experiência própria”<sup>359</sup>. Ao referir-se à época em que partiria da Europa para os Estados Unidos, o monge descreveu a influência de Maria em sua vida àquela fase, como assinalou, em que “vosso amor me acompanhou, ainda que eu não pudesse sabê-lo nem dele tomar consciência”<sup>360</sup>. A partir do momento em que Merton se abriu para a influência de Maria em sua caminhada, jamais a deixara, podendo o leitor perceber em seu diário, a 2 de julho de 1947, uma de suas reverências à Santa:

Santa Mãe de Deus, Você me visitou hoje. Você tem feito seu trabalho, e fez com que tenha entrado um pouco de saúde, um pouco de luz, em minha vida. Por isso lhe devo o momento de clareza e de força e convicção que tive hoje<sup>361</sup>.

O ano que se seguiu ao batismo veio demonstrar o arrefecimento das forças propulsoras que direcionaram Merton para uma vida autenticamente cristã. Afirmou que continuava a viver como o homem-velho: para si próprio. Em seu pensamento, haveria de ser o bastante dar prosseguimento a seu antigo modo de vida, tendo apenas que realizar uma exceção, a do pecado mortal<sup>362</sup>. Se foi salvo, foi em razão de sua ignorância, afirmou. É certo que, a princípio, Merton não visualizou sua condição. Sua crença em Deus, bem como nos ensinamentos pregados pela Igreja, e a conversão significativa em nível intelectual lhe proporcionaram a sensação de uma conversão plena. Mesmo assistindo às missas – às vezes mais de uma vez por semana –, recebendo os sacramentos, confessando e comungando, dedicando-se a leituras de cunho espiritual, não se poderia dizer que havia uma apreensão moral e religiosa de suas experiências. Foi necessário certo tempo para o recém-converso perceber essa realidade<sup>363</sup>.

<sup>359</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 208.

<sup>360</sup> Idem, p. 119.

<sup>361</sup> MERTON, Thomas. **Entering the silence: becoming a monk and writer. The journals of Thomas Merton. Volume two 1941-1952.** New York: Harper Collins, 1997, p. 88. (Abreviado **ES**).

<sup>362</sup> Para se distinguir o pecado e sua natureza, trabalhava-se sobre uma distinção dupla, ou seja, a distinção clássica. Percebe-se, porém, de certo tempo para cá, uma tripla distinção, onde o venial não sofreria qualquer tipo de modificação; entretanto, para os defensores dessa nova terminologia, haveria diversas significações entre o pecado mortal e o grave. Nesse sentido, “seria mortal a opção última e definitiva no momento da morte, sem nenhuma possibilidade, portanto, de uma volta atrás ou conversão; a que nasce de uma atitude maligna e perversa; a que tem uma dimensão pública e comunitária. A que destrói a opção fundamental, implica uma ruptura prolongada com Deus ou versa sobre uma matéria importante e livremente aceita”. AZPITARTE, Eduardo López. **Culpa e pecado: responsabilidade e conversão.** Petrópolis: Vozes, 2005, p. 120.

<sup>363</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 172.

Nesse sentido, como definiu Chardin<sup>364</sup>, a fé

[...] não é só, evidentemente, a adesão intelectual aos dogmas cristãos. Ela é, num sentido muito mais rico, a crença em Deus impregnada de tudo o que o conhecimento deste Ser adorável pode suscitar em nós de confiança na sua força benfeitora<sup>365</sup>.

Merton quis apontar o perigo pelo qual passa o homem que entrega seu espírito a si mesmo, governando-se com suas próprias leis. Lentamente, foi descobrindo que, na realidade, ainda estava sendo governado por suas paixões. Desenvolveu a consciência de que somente uma transformação mental de acreditar no bem não era o bastante. Era preciso detectar o mal e manifestar o desejo de fazer o bem. Iniciou-se então seu processo de desejar a paz e de dedicar sua vida a Deus, o que só poderia acontecer mediante a graça.

Apesar de se demonstrar desejoso de uma nova vivência, onde se afirmava pronto a dedicar sua vida a serviço de Deus, ele mesmo chamou atenção para seu engano. Não que fossem falsos seus intuitos de se transformar intimamente, porém, reconheceu o estágio que ainda ocupava de homem doente, imerso em fraquezas e incapaz de enxergar a autenticidade de seu movimento ainda impulsionado somente em nível intelectual pelas suas leituras, sem o exercício da prática. Gandhi já afirmava não bastar somente as boas intenções. É necessário assumir a postura de homem convertido<sup>366</sup>. Característico de sua própria natureza, “a realidade da conversão cristã nunca é completa”, mas sim, “sempre se movendo em direção ao horizonte aberto que é o futuro absoluto”<sup>367</sup>.

Para Conn, “não se poderia pedir por um melhor exemplo da impotência moral: a impossibilidade radical de sustentar o desenvolvimento” da nova rede de valores mertoniana. Segundo esse autor, faltava a Merton “tornar-se um ser-no-amor”<sup>368</sup>, ou seja, trabalhar para fazer de sua conversão uma obra amorosa direcionada ao outro.

Mas se Merton “subdividiu” sua conversão, teve um intuito. A fé não é “um processo que se dá numa seção parcial da pessoa [...]”<sup>369</sup>. Como exprimiu Paul Tilich, ela manifesta-se no centro do homem, abarcando-o em sua totalidade. Nesse sentido, Merton, ao conceituar sua conversão num presente momento como uma “conversão intelectual”, permite analisar tal postura como forma de assimilação do movimento da fé em sua vida.

<sup>364</sup> CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O meio divino**: ensaio de vida interior. Trad. Manuel Versos de Figueiredo, Lisboa: S. J. Editorial Presença Ltda, S/data, p. 155. Título Original: *Le milieu Divin*.

<sup>365</sup> Idem, p. 155.

<sup>366</sup> GANDHI, Mahatma. **A roca e o calmo pensar**. 3.ed. São Paulo: Palas Athena, 2001, p. 228.

<sup>367</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 205.

<sup>368</sup> Idem, p. 172.

<sup>369</sup> TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1974, p. 7.

Para maiores explicações, retorna-se à obra *O penitente*, onde o personagem Joseph Shapiro elenca a ideia da dificuldade de se abraçar a fé em sua plenitude: “A fé não é uma coisa fácil de conquistar. Bem depois que me tornei um judeu com barba e madeixas, ainda necessitava de fé. Mas a fé, gradualmente, cresceu dentro de mim. As ações devem vir primeiro”<sup>370</sup>.

Fazendo-se uma relação entre o pensamento de Tillich e o personagem Joseph Shapiro, entende-se a necessidade daquele que realizou o salto da fé, em desenvolver sua capacidade de assimilação desta, o que abarca outro campo: o da prática do amor ao outro. As ações a que o personagem judeu referencia podem ser facilmente comparadas à prática do cristão em doar-se, fortalecendo sua postura de *homem novo*.

Para Conn, na conversão cristã autêntica, as “pessoas não se transformam, totalmente, mesmo no mais intenso momento”<sup>371</sup>. Trabalhando o pensamento de James, Conn demonstrou que o lado fundamental da conversão, seja ela “súbita” ou gradual, não está em julgar a primeira como mais sobrenatural que a segunda, mas sim, retratar a conversão pelos frutos originários dessa mudança de paradigma do ser<sup>372</sup>. Nesse sentido, pôde-se perceber no Merton converso, apesar dos primeiros momentos dessa transformação terem sido envolvidos por certa desorientação, uma rica, profunda e contínua fruição de valores e ações transformadoras que o levariam mais tarde à real percepção do outro.

Ao mesmo tempo em que o sujeito põe em prática sua necessidade ontológica<sup>373</sup>, a de produzir uma realidade que lhe dê sentido, esbarra na difícil tarefa de manter seu campo de significação. Nesse contexto, Peter Berger<sup>374</sup> identificou a conversão como uma realidade cujas dificuldades se apresentam em menor proporção quando comparadas aos desdobramentos necessários para sua manutenção. Assim, “ter uma experiência de conversão não é nada demais. A coisa importante é ser capaz de conservá-la, levando-a a sério, mantendo o sentimento de sua

<sup>370</sup> SINGER, Isaac Bashevis. **O penitente**. Op. cit, p. 153.

<sup>371</sup> CONN, Water E. **Christian conversion**... Op. cit., p. 205.

<sup>372</sup> Idem, p.187.

<sup>373</sup> Berger aponta esse processo dialético em três instâncias: externalização, objetivação e internalização. No primeiro momento, o homem se manifesta no mundo, sendo esta uma necessidade antropológica; em um segundo momento tem-se a objetivação, fase onde a produção humana ganha “autonomia” atendendo ou não aos desejos de seu criador; e por fim, a internalização, estágio onde o indivíduo apreende a objetivação como se esta fizesse parte de seu mundo subjetivo, ao mesmo tempo em que a percebe como algo exterior. Para aprofundamento da questão vide: Cf. BERGER, Peter. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 15-41.

<sup>374</sup> Peter Berger nasceu em Viena no ano de 1929. Sua extensa obra no âmbito da sociologia da religião e da natureza da realidade social faz desse autor contemporâneo um dos maiores clássicos nesse âmbito de pesquisa. Suas principais obras, seguindo esse viés, são *A construção social da realidade* (1966 – escrito também por Thomas Luckman), *O dossel sagrado* (1969) e *Rumor de Anjos* (1969).

plausibilidade”<sup>375</sup>. Daí a importância da religião para esse sociólogo; “um dos sistemas de símbolos fundamentais dos seres humanos”<sup>376</sup>, como observou Teixeira, visando proporcionar ao crente uma rede de valores que lhe dê ou restitua o sentido de sua existência.

Um mundo habitável ao ser humano torna-se possível, segundo Berger, em função da percepção do sujeito quanto à realidade objetiva da sociedade em que se vive. Daí a análise de Teixeira quanto à importância do processo de socialização, no qual o sucesso “depende do potencial de simetria que se consegue estabelecer entre o mundo objetivado da sociedade e o mundo subjetivo”<sup>377</sup>. A comunidade religiosa exerce seu papel utilizando-se de um dos mais importantes mecanismos para garantir à conversão o seu êxito: a conversação. Embora a linguagem não possa ser apreendida como o sustentáculo do mundo, é mister compreender a função que lhe é peculiar, não ignorando sua contribuição nessa empreitada<sup>378</sup>.

A palavra, como arguiu Teixeira, “traduz apenas um aceno ou alusão da força que habita a experiência”<sup>379</sup>. Para complementar o raciocínio de Teixeira, podemos nos valer do que Conn pondera em *Christian conversion*: “conversões são pessoais, mas não individualistas; elas precisam do ambiente enriquecedor de uma comunidade vital dotada de símbolos e linguagem transformadores”<sup>380</sup>.

#### 4.1.2 Efeitos morais e espirituais da guerra

Queria dedicar-me à causa da paz e da justiça no mundo. Queria fazer algo de positivo para interromper e conciliar os desentendimentos que estavam arrastando o mundo para nova guerra<sup>381</sup>.  
O mal nunca deixa de ser motivo de experimentar Deus. A des-graça, por mais aviltante que seja, nunca deixa de ser também, apesar de ser des-graça, uma convocação para a experiência da graça<sup>382</sup>.

Um dos pontos fundamentais que marcaram esse processo de sua adaptação cristã foram as influências da guerra na vida de Merton. Acontecimentos pertinentes a essa atmosfera

<sup>375</sup> BERGER, Peter I.; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado e sociologia do conhecimento. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 209.

<sup>376</sup> TEIXEIRA, Faustino Luiz C. (Org.) **Sociologia da religião**: enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2003.

<sup>377</sup> Idem, p. 224.

<sup>378</sup> ALVES, Rubem. **Religião e repressão**. São Paulo: Loyola, 2005, p. 30.

<sup>379</sup> TEIXEIRA, Faustino Luiz C. “O mistério e a palavra”. In: **Poesia sempre**: mística e poesia. N.31. Ano 16, 2009, p. 9.

<sup>380</sup> CONN, Water E. **Christian conversion**... Op. cit., p. 163.

<sup>381</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 125.

<sup>382</sup> BOFF, Leonardo. **A graça libertadora no mundo**. Op. cit., p. 79.

contribuíram significativamente para essa transição ao Merton renascido.

É sabido que a existência de Merton foi marcada pela guerra desde seu nascimento. Mas, foi naquele verão do mês de novembro de 1934, após deixar a Europa, que ele assumiu, pela primeira vez, seu temor por essa violência prestes a eclodir: “Foi a primeira vez que senti o frio aço do medo da guerra em meus órgãos vitais”<sup>383</sup>. No entanto, demonstrou ser maior a falta dos amigos que deixou para trás, do que sua preocupação com o quadro político presente a seus olhos, embora não pudesse deixar passar despercebida a situação crítica que vivia.

Se houve um lado positivo da guerra e das destabilizações que não tardariam a vir, foi, mais uma vez, o recurso da graça. A gama de emoções como os medos, as preocupações, a perplexidade, enfim, as exaltações da alma humana frente a um colapso de ideais foram instrumentos a despertar o jovem universitário de Columbia para suas misérias. Em *Novas sementes de contemplação* (1961), atento às suas reflexões enquanto monge, externou ser “fácil identificar o pecador com o pecado quando ele é ‘o outro’ e não nós. Em se tratando de nós, dá-se o contrário; vemos o pecado, mas temos grande dificuldade em assumir sua responsabilidade”<sup>384</sup>. Nos tempos de sua leitura de Huxley, já era possuidor de tal percepção:

Meu ódio pela guerra, minha própria miséria pessoal em minha situação particular e a crise geral do mundo fizeram com que aceitasse de todo coração esta revelação da necessidade de uma vida espiritual, de uma vida interior, incluindo algum tipo de mortificação. Estava satisfeito em aceitar a última verdade como pura teoria ou, ao menos, aplicá-la mais ostensivamente a uma das paixões que não era muito forte em mim e que não precisava ser mortificada: a raiva, o ódio, enquanto deixava de lado aquelas que deviam ser realmente fiscalizadas como a gula e a luxúria<sup>385</sup>.

À época de sua leitura de Hopkins, em que a guerra se fazia iminente – a Checoslováquia já havia sido invadida pelos alemães –, Merton desfez qualquer possível interesse pela política, sentindo-se desesperançado e até mesmo deprimido. A essa altura só tinha conhecimento de um sentimento, que “provavelmente odiava a guerra, odiava todas as razões que levavam à guerra e que estavam por trás da guerra”<sup>386</sup>, mesmo percebendo a ineficácia de seus sentimentos perante a situação vigente. Era necessário mais do que seu pensamento, isolado e revestido de desolação e contrariedade. Merton “era apenas um indivíduo, e o indivíduo não contava nada”<sup>387</sup>.

No fim de 1939, após um ano de sua conversão fundamental, quando uma rede de

<sup>383</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 118.

<sup>384</sup> MERTON, Thomas. **Novas sementes de contemplação**. Rio de Janeiro: Fisis, 1999, p. 115.

<sup>385</sup> Idem, p. 170-171.

<sup>386</sup> Ibid., p. 195.

<sup>387</sup> Ibid.

acontecimentos abriu cada vez mais suas portas para essa batalha, Merton sentiu-se pessoalmente tocado, resultado de todo um processo de modificações em seu ser, levando-o a assumir a seguinte postura: “Eu sou responsável por isto. Meus pecados fizeram isto. Hitler não é o único que começou esta guerra. Eu tenho minha parte nisto também...”<sup>388</sup>. Em *My argument with gestapo* (1969), Merton desenvolveu uma reflexão sobre a guerra e quem, na verdade, seriam os vencedores dessa batalha. Uma coisa era certa: a de que a guerra haveria começado pelas mãos dos alemães, mas a culpa total não caberia somente a eles. Merton se considerava tão culpado quanto a Alemanha. Tornou-se descrente do termo Nação, uma vez que, segundo ele, Nações são compostas de pessoas capazes de se responsabilizarem por suas ações, quadro bem diferente ao qual se pintava a sua frente. Assim, se cabia a Hitler maior responsabilidade por tais acontecimentos, de sua parte, esclareceu Merton, ele também era responsável por isso<sup>389</sup>.

No prefácio da mesma obra, Merton abordou uma experiência que teria vivido em 1932, época de eleição em que Hitler não havia ainda assumido o poder. Caminhando sossegado pelo *Rhine Valley* (Vale do Reno), foi quase atropelado por um carro em alta velocidade com muitas pessoas em seu interior. Eram nazistas. Após esse rápido acontecimento, redarguiu que, apesar da tranquilidade que voltava àquele lugar após o breve incidente, dali em diante tudo seria diferente. Dessa experiência com os nazistas, a mais próxima que então teve, desencadeou em sua mente significativa reflexão interior: a das condições em que o mundo se apresentava e no qual ele próprio estava integrado. A essa época, os campos de concentração ainda não estavam na ativa, o que não tardou a acontecer. O desfecho dessa reflexão levou-o a escrever a seguinte ideia: “O que permanece atual sobre isto obviamente é isto: a consciência que, escapando ou não dos nazistas, não há saída da crise humana universal da qual eles eram apenas um sintoma parcial”<sup>390</sup>.

Os frutos gerados pela guerra transformaram a concepção de sua existência. Reconheceu sua culpa e sua responsabilidade pelos funestos acontecimentos nos quais o mundo estava mergulhando. À medida que sua religiosidade ia ganhando espaço no campo de sua percepção, aumentava também sua consciência quanto a seus equívocos e as razões de sua infelicidade. Seu caminhar ansiava por via mais certa, segura, começando por se envolver no destino de um converso nas bases cristãs: perder-se para achar-se no amor de Deus e retribuir essa graça na forma de amor aos outros.

---

<sup>388</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 173.

<sup>389</sup> MERTON, Thomas. **MAG.** Op. cit., p. 76-77.

<sup>390</sup> Idem, Prefácio.

Houve um momento em que Merton desejou servir na guerra: em outubro de 1940, influenciado por um filme sobre o bombardeio de Londres e pela presença de certo patriotismo. Outro motivo foi sua curiosidade e “fascinação” pelo quadro de perigo e de matança a marcar aqueles dias. Relembrou seu estado de choque ao ver a loja onde havia comprado um terno na idade de seus quinze, talvez dezesseis anos, atingida por uma bomba em seus três andares superiores. O cinema onde assistia aos filmes de René Clair, assim como outros locais que diziam algo sobre sua história, foram atingidos. Porém, o fato mais marcante

[...] foi ver a fila de gente descendo para o abrigo antiaéreo na escuridão. E em seguida ver as ruas vazias e depois um sentinela que andava lentamente de mãos nas costas em meio à súbita explosão de uma bomba: e depois ouvir o som do alarme de ataque. Isso, pela primeira vez, me fez querer combater<sup>391</sup>.

Em seus momentos de crise, percebeu a necessidade de reconhecer e adorar a Deus, necessidade esta, segundo ele, já impressa na natureza humana. Para reencontrar a paz, analisaria tempos mais tarde, “temos de odiar a guerra por motivos superiores que não o de perder as nossas casas, [...] nossas pernas, nossas vidas. [...] Pois parece que é só isso que desejamos: tudo que possa evitar a dor”<sup>392</sup>. A ideia do ser humano em experimentar somente as boas sensações esquivando-se da problemática existencial que atinge toda a humanidade foi, para Merton, o ponto fundamental de todo o sofrimento.

Enquanto ministrava suas aulas de literatura inglesa em S. Boaventura<sup>393</sup>, cidades eram destroçadas pelas bombas. Merton, outros professores e alguns alunos davam seus nomes para o alistamento militar. Mesmo não passando num primeiro exame físico em função de seus problemas dentários, foi um momento em que este jovem professor começou a se indagar sobre importantes questões morais referentes à participação na guerra. Se outrora assumiu posição contrária a esse conflito, afirmava tê-lo feito, basicamente, em nível da emoção. Agora, passados oito anos, dizia ter desenvolvido a consciência da importância e necessidade de tratar tal assunto como uma questão de responsabilidade moral. Na realidade, como dizia:

Deus estava exigindo de mim, pela luz e graça que me concedera, que exprimisse minha posição quanto às ações do governo, exércitos e Estados [...]. Estava pedindo que eu fizesse uma escolha que significasse um ato de amor por sua verdade, sua bondade, sua caridade e seu evangelho [...]<sup>394</sup>.

<sup>391</sup> MERTON, Thomas. **MI**. Op. cit., p. 22.

<sup>392</sup> MERTON, Thomas. **Diálogos com o silêncio**: orações e desenhos. Rio de Janeiro: Fissus, 2003, p. 115.

<sup>393</sup> O tema será tratado no item 4.2.2.

<sup>394</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 282.



Duas dúvidas permeavam seu parecer quanto à guerra: a primeira, reconhecimento quanto a sua necessidade ou não, que, dentro de sua percepção a essa época, não era uma resposta fácil de ser dada, nem mesmo pelos frades de S. Boaventura. A segunda, e mais problemática, tratava da moralidade quanto aos meios utilizados nas guerras, como as atrocidades dos ataques com bombas contra as cidades e o extermínio de civis. Na concepção de Merton, “havia pouca dúvida sobre a imoralidade dos métodos da guerra moderna”<sup>395</sup>.

Pouco mais de duas décadas depois, em *Sementes de destruição* (1964), obra sobre a relação entre guerra, conversão e os primitivos cristãos, o monge atentou para o pacifismo destes que se recusavam às práticas do serviço militar quando assim requeridos. Havia poucos cristãos lutando pelo exército. A maioria se convertia quando ainda eram soldados, fato apreciado pelas Igrejas. De qualquer forma, segundo ele, um cristão não deveria ter participação na vida militar. Muitos soldados que abraçaram o catolicismo foram martirizados em decorrência de suas recusas às batalhas e seus sacrifícios. São Maximiliano é um dos exemplos de homem convertido que sofreu martírio por, simplesmente, não aderir ao exército<sup>396</sup>.

Conforme Conn, a semente de seu desafio, anos mais tarde, à guerra justa<sup>397</sup>, já estava sendo plantada naquele ano de 1941. Seu posicionamento quanto a lutar na guerra, na forma de não combatente, já demonstrava sua preocupação quanto a estar envolvido numa rede de assassinatos. Se tivesse que servir, seria como voluntário no corpo médico carregando macas, servindo aos hospitais, mas de forma alguma lançaria bombas ou atiraria em quem quer que fosse. Para Moot, é fato que Merton, a essa altura, se comprometeu fielmente com os valores cristãos<sup>398</sup>. Independente da resposta se seria ou não solicitado para ser um combatente, um ponto já estava bem claro para Merton: “ele poderia servir, mas não iria matar”<sup>399</sup>.

Além de todos os efeitos da guerra sentidos por Merton, um acontecimento, em particular o sensibilizou de maneira profunda: a morte de seu irmão John Paul, a 17 de abril de 1943 (já na trapa). Este havia se alistado como aviador voluntário na Força Aérea. Um dia antes, juntamente com alguns companheiros, havia levantado voo com o destino de bombardear Mannheim, cidade da Alemanha. O avião em que estavam fora derrubado, se quebrando em pedaços. Gravemente ferido, John Paul ainda conseguiu se firmar numa boia, segurando o piloto

---

<sup>395</sup> Ibid., p. 283.

<sup>396</sup> MERTON, Thomas. **SeD**. Op. cit., p. 133-134.

<sup>397</sup> Em uma segunda fase de sua conversão, como colocada por Getúlio Bertelli, agora do mosteiro ao mundo, Merton dedicou-se à questão da guerra justa. Para maiores esclarecimentos, consultar sua obra: MERTON, Thomas. **Paz na era Pós-Cristã**. Aparecida: Santuário, 2007.

<sup>398</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 182-183.

<sup>399</sup> MOOT, Michael. **The seven mountains of Thomas Merton**. Op. cit., p. 200.

já morto. Levado pelos colegas para um barco inflável, sentindo intensa sede, seu sofrimento durou cerca de três horas, quando veio a falecer. Seus companheiros levaram cinco dias para serem resgatados. No quarto dia, naquelas águas, sepultaram John Paul. Eis o poema que Merton redigiu em homenagem ao irmão:

Querido irmão, se eu não dormir  
 Meus olhos são flores para tua sepultura;  
 E se eu não puder comer o meu pão,  
 Meus jejuns viverão quais salgueiros no lugar onde morreste.  
 Se no calor eu não encontrar água para a minha sede,  
 Que minha sede se transforme em fontes para ti, pobre viajante.

Onde, em que desolado e enfumaçado  
 país Jaz teu pobre corpo, perdido e  
 morto?  
 E em que paisagem de desastre  
 Teu infeliz espírito perdeu seu caminho?

Vem achar no meu trabalho um lugar de  
 repouso E reclina tua cabeça em minha aflição  
 Ou, então, toma minha vida e  
 sangue E compra para ti um leito  
 melhor –  
 Ou toma meu sopro, toma minha  
 morte E compra para ti um descanso  
 melhor.  
 Quando todos os homens de guerra tiverem sido  
 fuzilados E as bandeiras tiverem caído no pó,  
 Tua cruz e a minha ainda dirão aos homens  
 Que Cristo morreu sobre as duas, por nós  
 dois.

Pois nos destroços de teu abril, Cristo jaz morto,  
 E Cristo chora sobre as ruínas de minha  
 primavera: O dinheiro daquelas lágrimas cairá  
 Em tua mão fraca e desamparada,

E compra-te de volta para tua pátria:  
 O silêncio daquelas lágrimas cairá  
 Como sinos sobre tua sepultura no  
 estrangeiro. Ouve-os e vem: eles te chamam  
 para casa<sup>400</sup>.

As formas com as quais se deram as experiências de Merton com a guerra também demonstraram características de sua personalidade envoltas a um senso de responsabilidade para com o outro. Mesmo nos momentos em que tais discernimentos ainda ocorriam timidamente, como seu contato com o comunismo em Columbia, foi crescente seu despertar

<sup>400</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 366. Tradução aproximada.

para a condição injusta e arbitrária das ações da guerra, conforme seu pensamento, e seus atentados quanto à vida.

De certa forma, o desenvolver de suas atitudes, cada vez mais maduras, tiveram suas sementes plantadas em algum passado, ora mais distante, ora mais recente. Não se percebem, porém, mudanças de condutas radicais por parte de Merton. Se a guerra foi uma pauta em sua existência presente desde o início da década de trinta, outras experiências se desenrolaram em um menor espaço de tempo, mas, que da mesma forma, não eliminariam suas marcas, como sua história com o universo Franciscano.

Segundo Pascual, os movimentos da guerra repercutiram sensivelmente na personalidade de Merton e, de forma alguma, sua escolha pela vida monacal foi um isentar-se dessa realidade. Ao aderir à vida trapista, estava consciente de que poderia fazer muito mais pela paz do que estando nos campos de batalha<sup>401</sup>.

#### 4.1.3 Influências Franciscanas

Um dos fatos mais marcantes na fase que antecede a vida monástica de Merton foi justamente sua escolha por se tornar um franciscano. Seguindo o conselho de Walsh, em Outubro de 1939, Merton solicitou seu ingresso na Ordem Franciscana, no Convento de São Francisco de Assis, Nova York. Em contato com um de seus frades e amigo de Walsh, Frei Edmund, Merton apontou ter sido recepcionado de forma acolhedora. Sob um sentimento de empatia, Merton sofreu interrogações por parte do frade quanto à sua vocação, há quanto tempo havia sido batizado, o porquê de sua atração pelos franciscanos e quais eram suas atividades em Columbia. O resultado de tal conversa abriria as portas para a recepção de Merton ao noviciado nessa Ordem, o que aconteceria em agosto de 1940.

Merton, envolto em sentimentos de felicidade e de paz, demonstrou a transformação sentida em sua vida apontando: “Agora, ao menos, Deus havia se tornado o centro de minha existência”<sup>402</sup>. Nessa fase, Merton vinha se confessando continuamente, chegando ao tempo de comungar diariamente, o que o levou a revelar que a comunhão vinha transformando sua vida de forma paulatina, não que ele percebesse tal fato imediatamente. Nesse ínterim, através de um encontro ao acaso com Van Doren, este percebeu o estado de espírito de Merton, o que o levou a perguntar para onde Merton estava indo. Passado algum tempo, Van Doren perguntou

---

<sup>401</sup> PASCUAL, Francisco R. de. **Escritos esenciales**. Op. cit., p. 34.

<sup>402</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 241.

o porquê de tamanha felicidade naquele dia em que ambos se encontraram, ao que Merton aludiu algum tempo depois:

Foi isso que o impressionou e foi por isso que me perguntou aonde estava indo. Não era o lugar para onde estava indo, mas donde viera que me deixara tão feliz. Como já disse, isso me surpreendeu também porque não me dera conta de que estava tão feliz. E realmente estava<sup>403</sup>.

Os meses que se seguiram foram marcados por um desejo sincero de transformação, chegando a se dedicar uma hora por dia, ao longo de um mês, aos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio, por escolha própria.

Nesse ínterim, Merton passou por uma cirurgia de apêndice. A princípio tudo caminhava de forma positiva, tanto o seu restabelecimento físico quanto o seguimento da ação da graça em sua vida, imersa nas perspectivas franciscanas, como definiu Merton:

A vida da graça tornara-se, a meu ver, constante e permanente. Fraco e sem forças como era, estava trilhando, porém, um caminho de liberdade e vida. Eu tinha encontrado minha liberdade espiritual. [...]. Pois agora, pela primeira vez na vida, eu tinha sido, não por dias ou semanas, mas por meses, um estranho ao pecado<sup>404</sup>.

Em junho de 1940 sua ansiedade era intensa. Merton descreveu os dois últimos meses que abririam as portas para seu noviciado franciscano como uma eternidade. Sob as leituras do *Paraíso* de Dante e do *Prefácio à Metafísica*, de Maritain, apontava se sentir fortificado pelo alimento espiritual do qual vinha sendo nutrido. No entanto, faltando poucas semanas para atingir seu intento, algo aconteceria que mudaria a direção dos ventos. Sem considerar como algo premonitório, Merton relatou a forte impressão e até mesmo certa desorientação que obteve ao ler uma passagem do Livro de Jó. Eis o trecho:

Então Jó tomou a palavra e disse: “Sei que as coisas são assim. Pode alguém justificar-se diante de Deus? Se quisesse disputar com ele, de mil palavras, a nenhuma responde. Qual o sábio de coração e poderoso em força que o enfrentou e ficou ileso?... Sacode a terra de seu lugar e abala os seus pilares. À sua ordem o sol nem se levanta; ele guarda lacradas as estrelas<sup>405</sup>.”

Prosseguindo em sua leitura, ao se deparar com a frase “*Qui facit Arcturum et*

---

<sup>403</sup> Idem, p. 242.

<sup>404</sup> Ibid., p. 251.

<sup>405</sup> **A BÍBLIA SAGRADA.** Trad. Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Livro nono do Livro de Jó.

*Oriona...*”<sup>406</sup>, revelou ser invadido por forte sentimento capaz de o desconsertar. Consciente de uma possível interferência do lado poético da questão, afirmou sentir algo de cunho pessoal, mesmo que de forma encoberta. Sendo ainda desconhecedor da arte da leitura a nível mais profundo, apontou, como ele mesmo expressou, que “aquelas palavras tinham dentro delas um fogo negro pelo qual me senti abrasado e cauterizado”<sup>407</sup>. Na sequência de suas emoções revelou vislumbrar naquelas palavras um tom ameaçador de toda a paz que vinha experimentando. Parecia-lhe um alerta fora do alcance de sua capacidade de compreensão.

Se durante alguns meses Merton foi envolvido por paz e segurança tão tamanhas a ponto de esquecer seus pecados, sentiu vir à tona a incerteza quanto à sua vocação. Ele estava certo de que queria ser um franciscano, porém, uma força que passou a arrebatá-lo aniquilou toda a sua esperança de então.

Tomando consciência de que não revelava nada sobre seus tensos momentos do passado, quer a Dan Walsh, quer a Frei Edmund, viu nascer a necessidade de revelar ao frade essa outra nuance de seu espírito. O próprio Merton passou a se sabotar. Olhando para si próprio concluiu sua incapacidade de pertencer à Tradição franciscana. A seus olhos, ela não iria abrigar alguém com tantos pecados. De certa forma, Merton estava correto. Sua conversa com Frei Edmundo, que não veio a tardar, mesmo sendo recepcionado com cortesia e sensibilidade, colocou um ponto final em seu sonho franciscano. O argumento utilizado pelo frade, segundo Merton, foi o de que, sendo ele um converso recente, trazendo nas costas o peso de um passado equivocado, não poderia considerar essa vocação isenta de alguma insegurança comprometedora.

Face ao evento, é notável seu desapontamento e sua dor, levando-o ao confessionário da igreja dos capuchinhos<sup>408</sup>, onde, profundamente perturbado, não teria conseguido o controle emocional necessário em decorrência do recente acontecimento para se fazer compreendido pelo padre. Sua autobiografia revela traços de sua emoção:

A coisa chegou a tal ponto que não me contive e comecei a engasgar e soluçar, não podendo mais falar. O padre, então, julgando provavelmente que eu era uma pessoa emocional, instável e estúpida, começou a dizer-me em termos categóricos que eu certamente não dava para a vida do convento e muito menos para o sacerdócio<sup>409</sup>.

Narrou ter se retirado daquele confessionário em condições miseráveis, incapaz de

---

<sup>406</sup> “Ele fez a Ursa e o Órion, as Plêiades e as constelações austrais”. MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 265.

<sup>407</sup> Idem, p. 265.

<sup>408</sup> Estados Unidos.

<sup>409</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 270.

conter as lágrimas. A partir desse momento chegou a uma única conclusão: a de que não deveria mais pensar sua vida na atmosfera de algum claustro.

Sua fase franciscana foi retratada amplamente na biografia do autor, porém, algo que não se fez notório é que, se Merton não se tornou um membro da Ordem, na realidade, “se tornou um franciscano, não só em espírito, mas literalmente”<sup>410</sup>. Viveu os últimos dez meses antes de sua entrada na Trapa como membro da Terceira Ordem Franciscana<sup>411</sup>, o que ocorreu a 19 de fevereiro de 1941, significando muito para Merton no sentido espiritual. Refletindo uma forte transformação em sua vida de converso, demonstrou sua urgência em ultrapassar a atmosfera conceitual divina na qual estava mergulhado. O converso desejava mais, e essa experiência construiu uma ponte para sua vida de monge<sup>412</sup>.

Foi o Padre Filoteu Boehner quem acompanhou Merton quando este decidiu se entregar à leitura dos textos das primeiras fases dessa Ordem nos idos de 1940-1941. Merton, ao mesmo tempo em que seguiu metodicamente os estudos do *Itinerarium Mentis in Deum* de São Boaventura - parte significativa da teologia espiritual franciscana -, seguiu construindo seu novo caminho. Em maio de 1941, aprofundou-se numa série de sermões ligados aos dons do Espírito Santo, as *Collationes de Septem Donis Spiritus Sancti*. No entanto, é no *Itinerarium* que Merton aprofundou suas reflexões embasadas em uma série de citações específicas, demonstrando, conforme a *Enciclopedia de Thomas Merton* assinala, “seu ensinamento espiritual tardio”<sup>413</sup>. Em *Run to the mountain: the story of a vocation*, traçou o caminho a ser percorrido a partir do encontro com Deus “como refletido no mundo exterior para descobrir a divina imagem e semelhança no próprio interior, para a união contemplativa com Deus como Deus é em si”<sup>414</sup>. Eis a passagem em seu diário a 4 de dezembro de 1940:

---

<sup>410</sup> SHANNON, William *et al.* **The Thomas Merton encyclopedia**. Op. cit., p. 161.

<sup>411</sup> Ordem Terceira da Penitência. Grupos de leigos seguidores das ideias de São Francisco de Assis. A mais antiga regra compreende-se entre 1228 – época em que o papa Gregório IX passa a designá-la de Ordem Terceira de São Francisco – a 1234. A ordem terceira viria a ser aprovada pelo papa Nicolau IV somente em 1289. **Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil**. Curitiba: Nossa Cultura, 2013, p. 744; A ordem terceira é uma prova da importante influência que São Francisco exerceu em seus seguidores. A formação de grupos de leigos a viverem sob uma linha de pensamento norteadora por Ordens Religiosas data anteriormente ao século XIII. A Ordem Terceira Franciscana, desde o princípio, apresentava “um caráter de Ordem religiosa [...] com uma eficácia social mais profunda”. Homens e mulheres se apinhavam em torno a S. Francisco, atraídos pela sua palavra e pelo seu exemplo, participavam daquele surto de penitência e de ascese que se estendia pela Europa Medieval. GEMELLI, Agostinho (O.F.M.). **O Franciscanismo**. Petrópolis: Vozes, 1944, p. 100.

<sup>412</sup> Idem, p. 162.

<sup>413</sup> Idem., p. 161.

<sup>414</sup> Ibid.

De acordo com o estado da nossa condição, o próprio universo é uma espécie de escada para subir a Deus, e isso e entre as coisas, alguns são vestígios, outras imagens; alguns corporais, outros espirituais; alguns são temporais, outros eternos; alguns estão fora de nós, outros dentro; portanto, para que possamos chegar a uma consideração do primeiro princípio, que é mais espiritual e eterno e acima de nós, é necessário que atravessemos o vestígio que é corpóreo e temporal e fora de nós. Isto é o que significa ser conduzido pelo caminho de Deus. É necessário que entremos em nossa mente, que é a imagem de Deus, eterno, espiritual e dentro de nós, e isso é o que significa andar na verdade de Deus; é necessário transcender para o eterno, o mais espiritual e o que está acima de nós, olhando para o primeiro princípio, e isso é o que significa alegrar-se com o conhecimento de Deus e reverência por Sua Majestade<sup>415</sup>.

Outro ponto foi sua compreensão quanto ao fato do ser humano ter sido criado para a vida contemplativa “– a verdadeira vida paradisíaca [...] o pecado original implicou uma queda da unidade contemplativa para a ignorância e concupiscência”<sup>416</sup>.

No que se refere aos franciscanos, Merton elencou, em novembro de 1940, profunda reflexão sobre o sentido dos estigmas, direcionando-se no momento posterior à descida de São Francisco de Assis ao Monte Alverne. Ele assim descreveu:

*Ele não é mais uma figura dramática. Ele não é mais uma figura amável, colorida, não mais charmoso, romântico, não é mais o São Francisco que pregou aos pássaros, que tocou no violino com duas cordas e que fez músicas para o Senhor em francês. Pelo contrário, ele é um homem estranho, sem cor, pequeno e encurvado, silencioso, parecendo estar doente*<sup>417</sup>.

Tal concepção mertoniana reflete um amadurecimento quanto à sua noção espiritual a essa altura da vida. Dessa forma, “é impossível depois de ler uma passagem como esta assumir que Merton tinha uma noção ingênua e romântica do que a vida espiritual cristã proporciona quando ele entrou para o mosteiro”<sup>418</sup>.

Em 6 de setembro de 1941, Merton escreveu uma oração à “Santo Pai São Francisco”. Foi uma forma de expressar seus sentimentos de então, norteados pela obscuridade quanto à sua vocação. Fato é que Merton fez uma relação entre os sentimentos de simplicidade e humildade de São Francisco e a deficiência dos mesmos em sua conduta<sup>419</sup>. Merton então se expressou:

<sup>415</sup> MERTON, Thomas. **Run to the mountain**: the story of a vocation. New York: Harper Collins Paperback Editions, 1996, p. 270. (Abreviado **RM**).

<sup>416</sup> SHANNON, William *et al.* **The Thomas Merton encyclopedia**. Op. cit., p. 161.

<sup>417</sup> MERTON, Thomas. **RM**. Op. cit., p. 266.

<sup>418</sup> *Idem*, p. 162.

<sup>419</sup> SHANNON, William *et al.* **The Thomas Merton encyclopedia**. Op. cit., p. 162.

Piedoso Pai São Francisco reze por mim para que eu possa dar o máximo que eu puder para os pobres. E que em breve eu possa ser capaz de passar fome para que outra pessoa possa comer. E que em breve eu possa ser capaz de sofrer para que outra pessoa não sofra. E que eu possa rir e cantar quando me sentir desprezado pelo amor de Deus, e que eu possa dançar e brincar quando me sentir injuriado pelo amor de Deus, e possa ser chamado de louco, e tolo e um bandido<sup>420</sup>.

A análise contida em *The Thomas Merton Encyclopedia* de tais palavras revela como Merton chegou a perceber em São Francisco um modelo para sua própria existência. E mais que isso, expressa, porém, não de forma clara, sua luta por definir o passo que deveria dar: retornar permanentemente ou não à Instituição de caridade dedicada aos negros do Harlem<sup>421</sup>. O fato de o converso não ter escolhido o retorno revela que a influência franciscana não o abraçou totalmente<sup>422</sup>. Entretanto, em suas últimas palavras, refletia a possibilidade de abertura para outro caminho:

Apenas ore por mim, meu Pai São Francisco, para desistir de tudo para meu Senhor, para ser o menor dos seus filhos e o mais insignificante dos pobres por amor somente, e que em todas as coisas que eu possa ter graça para orar humildemente e pacientemente e feliz, e não na confusão do orgulho e da soberba que o orgulho põe em nossas cabeças e do medo que nos congela. Rezem por mim para ter a humildade suficiente para orar sempre por humildade, pobreza e lágrimas<sup>423</sup>.

A influência franciscana na vida de Merton não deve ser percebida como um saudosismo de uma experiência a qual fora impedido de viver, mas sim um comprometimento responsável, em que valorizou não só os estudos, mas também marcou sua entrega pessoal a essas ideias. A influência de tal tradição deixou suas marcas em Merton por toda sua vida. Merton tornou-se um cisterciense, mas “não deixou de ser um franciscano”<sup>424</sup>.

O Merton maduro falou muito dessa significativa influência franciscana, levando-o a afirmar no ano de 1966: “Eu [...] sempre vou sentir que ainda sou de alguma forma secreta um filho de São Francisco. Não há santo na Igreja a quem eu admire mais do que São Francisco”<sup>425</sup>.

<sup>420</sup> MERTON, Thomas. **RM**. Op. cit., p. 407.

<sup>421</sup> O assunto será tratado no item 4.2.3.

<sup>422</sup> SHANNON, William *et al.* **The Thomas Merton encyclopedia**. Op. cit., p. 162.

<sup>423</sup> MERTON, Thomas. **RM**. Op. cit., p. 407.

<sup>424</sup> SHANNON, William *et al.* **The Thomas Merton encyclopedia**. Op. cit., p. 163.

<sup>425</sup> MERTON, Thomas. **RJ**. Op. cit., p. 298.



## 4.2 ESPAÇOS PARA A TRANSCENDÊNCIA

### 4.2.1 Revelações nas igrejas de Cuba e o contato com o mistério de Deus

Lugares sempre tiveram importância para Merton, não importando se os tocassem de forma sobrenatural ou não. Cuba foi uma dessas paragens essenciais, revelando-lhe um pouco do mistério de Deus, na primavera de 1940. Merton definiu a razão de sua viagem a Cuba como uma peregrinação à Virgem da Caridade do Cobre, passando por Havana, Matanzas, Camaguey e Santiago.

No período que se sucedeu à sua conversão, Merton deixou transparecer em alguns momentos um ar muitas vezes irônico e sarcástico. Seu *Diário Secular* serviu também de referência para retratar momentos desse jovem que parecia desconhecer se o mundo era merecedor de “amor ou zombaria”<sup>426</sup>. Um exemplo dessa “irreverência brutal”<sup>427</sup> que Merton pareceu fazer do mundo pôde ser expressa em sua visita à Exposição de Arte na Feira Mundial, em outubro de 1939. Estando Merton a visitar os Fra Angélicos, ao mesmo tempo em que contemplava a “Tentação de Santo Antônio”, ouviu uma senhora dizer de maneira estridente: “Veja, ninguém ri nesses quadros. A gente daquele tempo deve ter sido muito infeliz”<sup>428</sup>. Em meio às suas sensações diante de vários comentários nesse estilo, Merton retrucou:

De que valeria virar-se a gente para a velhota e dizer-lhe: “Se o mundo estava morrendo então, que pensa a senhora está ele fazendo hoje em dia, nesta idade de hipocondríacos, assassinos e esterilizadores? Que dizer de *nossa* pintura? Estarão morrendo de alguma coisa ou podemos dizer que morrem, quando nem chegam a viver?”<sup>429</sup>

Entretanto, em Cuba, ele percebeu também o apuramento de sua sensibilidade voltada à luz das questões espirituais. Assim como em Roma, visitou muitas igrejas, novas e antigas. Apontou ser possível receber a comunhão, fosse durante ou depois da missa. A cada quinze minutos ou vinte iniciava-se uma missa em algum altar diverso nas igrejas de Ordem religiosas, como: “carmelitas, franciscanos, agostinianos, americanos de El Santo Cristo, ou padres da misericórdia”<sup>430</sup>. E, como retratou Merton, “para onde quer que me voltasse, havia um sacerdote pronto a nutrir-me com a infinita força de Cristo que me amava e que estava começando a

<sup>426</sup> NOUWEN, Henri J.M. **Oração pela vida**: o comprometimento contemplativo de Thomas Merton. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1979, p. 23.

<sup>427</sup> Ibid.

<sup>428</sup> MERTON, Thomas. **DSTM**. Op. cit., p. 30.

<sup>429</sup> Idem, p. 30-31.

<sup>430</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 253.

mostrar-me com imensa, gentil e generosa prodigalidade o quanto me amava”<sup>431</sup>.

Diferentemente de sua segunda viagem a Roma, seus passos dados em estâncias cubanas refletiram passos de um converso, agora, já mais familiarizados com os testemunhos de fé, o que o levou a dizer em sua autobiografia, baseando-se em suas lembranças desses tempos, ter vivido “como príncipe nesta ilha, como milionário espiritual”<sup>432</sup>. Nesse enlevo, demonstrou ter reconhecido a graça que o envolvera naquela viagem, “graças de tal ordem que mesmo uma pessoa sem profunda espiritualidade podia entendê-la como graças; e este tipo de pessoa”, prosseguiu, “eu era e ainda sou”<sup>433</sup>.

O novo converso abriu espaço em seu diário para comentar um pouco sobre o modo de vida daqueles habitantes, levando-o a dizer que Cuba, embora repleta de pessoas pobres inseridas num cenário de sujeira, era uma cidade mais real, mais rica e verdadeira do que a própria Nova York que ele tanto reverenciou. Aludiu aos valores humanos impressos nas atitudes dos cubanos, valores esses que tendiam a superar a superficialidade, segundo ele, da população nova-iorquina em geral. Atentou para o fato de que depois do latim, a língua espanhola seria a mais adequada para se rezar e para se referir a Deus. Apreciava ouvir os sermões nesse idioma. Nas horas de folga, quando se encontrava cansado de rezar, entretinha-se com as leituras de Maritain e Santa Teresa.

Chegou a fazer um discurso falando da fé e da moral para um grupo diversificado de homens e garotos, estudantes, intelectuais, dizendo sentir receptividade naqueles que prestavam atenção nas palavras de um estrangeiro. Em meio ao grupo que se formou, Merton ouviu pequena conversa entre duas pessoas que o deixou imensamente feliz e que não o deixou dormir aquela noite: “ – É católico esse americano? – Homem – respondeu o outro –, é católico e dos bons”<sup>434</sup>.

É notável a persistente mudança de seus valores ao retratar Cuba. Sua percepção voltou-se agora para uma subjetividade anteriormente não percebida. Se, ao retratar a cidade de Nova York já apontou amar “a cidade de arranha-céus”, em Havana, como ponderou, “não são os edifícios que importam, mas a vida que neles há”<sup>435</sup>. Apontando ser uma cidade alegre, abordou a sensibilidade de seu povo e, como exemplo, teceu comentários sobre a data comemorativa do dia das mães, o que diz muita coisa sobre sua personalidade a essa altura de sua vida. Da riqueza de sua América à pobreza dos cubanos, fez uma observação relativizando, na primeira, a

---

<sup>431</sup> Idem.

<sup>432</sup> Ibid.

<sup>433</sup> Ibid., p. 252.

<sup>434</sup> Idem, p. 254.

<sup>435</sup> MERTON, Thomas. **DSTM**. Op. cit., p. 59-60.

comemoração desse dia a nível comercial e, na segunda, na sua forma pura e um sentido real com o qual a data era referenciada. No dia das mães, como o próprio Merton descreveu:

[...] todos vão à Igreja e usam uma flor na lapela, uma rosa vermelha se tem a mãe viva, e branca se já faleceu, [...]. Vemos, assim, todos pelas ruas cheios de amor por suas mães, enquanto nos Estados Unidos a venda de doces e o número de conversas sobre o amor pelas mães estão em completa desproporção com o amor real que é partilhado entre mães e filhos<sup>436</sup>.

Merton foi a Cuba com o desejo de que Nossa Senhora do Cobre intercedesse por ele, concedendo-lhe algo que vinha crescendo cada vez mais em seu interior:

Aqui estais, Caridad Del Cobre! É a voz que vim ver; vós pedireis a Cristo que me faça seu sacerdote, e eu vos darei meu coração, Senhora. E se obtiverdes para mim este sacerdócio, vou lembrar-me de vós em minha primeira missa, de tal forma que a missa será para vós, oferecida por vossas mãos em gratidão à Santíssima Trindade que usou vosso amor para me conseguir tão grande graça<sup>437</sup>.

Assim, na Basílica de *La Caridad*, de joelhos, lhe endereçou seu pedido em forma de oração. Mas, interrompido por uma senhora à sua espreita e ansiosa por lhe vender algumas medalhas, retirou-se do local sem ter conseguido dizer tudo que gostaria àquela Santa e sem ouvir tudo o que desejava ter ouvido. Contudo, sua resposta não tardou a chegar. Estando no hotel em que se hospedou, em meio à refeição, Merton disse ter recebido uma mensagem da *Caridad del Cobre*, o que veio através de um poema, o primeiro poema verdadeiro de sua vida e expressando o que ambos tinham a dizer um ao outro, como assinalou. Eis o poema “*Song for Our Lary of Cobre*” (Canção para Nossa Senhora do Cobre):

As moças brancas erguem suas cabeças como  
árvores, As moças negras caminham  
Parecendo flamingos na estrada.

As moças brancas cantam estrondosas como  
águas, As moças negras falam serenas como  
argila.

As moças brancas abrem os braços como nuvens,  
As moças negras fecham os olhos como asas:  
Anjos se inclinam como sinos,  
Anjos levantam o olhar como brinquedos,

<sup>436</sup> *Idem*, p. 78.

<sup>437</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 255. Merton realizou sua 1ª. missa a 27 de maio de 1949, cumprindo com a promessa feita à Virgem del Cobre. Merton comparou suas três primeiras missas como as três maiores graças recebidas em sua vida. Cf. MERTON, Thomas. **SJ**. Op. cit., p. 222.

Porque as estrelas do  
céu Formam um  
círculo:  
E na terra todos os pedaços do mosaico,  
Erguem-se e voam para longe como  
pássaros<sup>438</sup>.

Em meio à suas observações quanto à cultura desse povo, a primeira igreja a ser visitada em Havana por Merton foi *La Reina*, que não o agradou muito. Escura e fria, segundo ele, retratava o estilo gótico, contendo símbolos da liturgia a escapar de sua compreensão, porém, que o impressionavam bastante, levando-o a relatar:

[...] essa impressão significa alguma coisa de muito importante. Choca profundamente a pessoa que com ela se defronta, esmaga-a enchendo-a de uma espécie de terror, de modo que, pelo menos o artista conseguiu comunicar uma impressão do Poder e da Majestade de Deus. [...] é qualquer coisa de profundo e inesquecível, porque essa igreja comunica um verdadeiro sentido da realidade do poder de Deus como qualquer coisa que atua com uma força profunda mais secreta da nossa personalidade mais íntima<sup>439</sup>.

Mais uma vez, percebe-se a fé sendo retratada através de um viés mais artístico. A arte fazendo uma retratação, à sua maneira, sobre o mistério, como aconteceu em Roma. Em Cuba, Merton também foi tocado por esse mistério. Foi na Igreja de São Francisco, na cidade de Havana, que ele passou por uma experiência marcante, segundo sua própria interpretação dos fatos.

Um grupo de crianças tomou as primeiras filas dessa igreja. A missa já havia começado quando as crianças se puseram a cantar. Cessado o canto, agora ao som da campainha que anunciava a Consagração, enquanto os presentes caíam de joelhos, segundo a impressão de Merton, logo à frente “o sacerdote parecia então levantar-se bem no centro do universo”<sup>440</sup>. O silêncio foi cortado por um frade que acompanhava as crianças dizendo: “*Creo en Diós!*” (Creio em Deus!), repetido por elas de forma veemente. E sob a fala fervorosa daquelas crianças, como expressão de fé, Merton descreveu a experiência que vivenciou:

[...] sem ver ou apreender qualquer coisa de extraordinário, através dos meus sentidos, (meus olhos se abriam exclusivamente para aquela igreja ali, diante de mim), – eu compreendi, com a mais absoluta e indiscutível certeza, que perante mim, entre mim e o altar, em qualquer lugar, no centro da igreja, no próprio espaço acima, (ou em qualquer outro lugar, precisamente por não estar em parte alguma), mas diretamente perante os meus olhos, ou diretamente presente a uma ou outra forma da minha apreensão que transcendia todos os

<sup>438</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 256-7. Tradução aproximada.

<sup>439</sup> MERTON, Thomas. **DSTM**. Op. cit., p. 68.

<sup>440</sup> *Ibid*, p. 75.

sentidos, – ali estavam, ao mesmo tempo, Deus, em toda a Sua essência, todo o Seu poder, toda a Sua glória, Deus em Si mesmo, e Deus rodeado por todas as faces radiosas dos incontáveis milheiros e milheiros de santos contemplando a Sua glória e louvando seu Santo nome. Foi assim, com uma certeza inabalável, que fui sacudido, como por um raio, pela revelação clara e imediata de que tinha o céu justo em minha frente. Esse raio de luz me atravessou de lado a lado e como que me arrebatou da terra.

Não foi, porém, a apreensão de uma realidade, de uma verdade. Foi, ao mesmo tempo, e por igual, um forte movimento de gozo, de um grande gozo, como um vasto grito de alegria. Foi, em outras palavras, tanto uma experiência de amor como de conhecimento de alguma coisa<sup>441</sup>.

Merton não definiu essa experiência como algo místico e grandioso, mas sim, uma forte experiência por ele vivida e jamais esquecida, deixando nele uma “alegria irrespirável”. Conforme seu pensamento, essa foi uma das formas de que a graça pode se utilizar para manifestar-se a todos, sem exceção. E quando acontece de uma alma ser profundamente balançada por uma graça, pode-se sentir claramente o peso dos pecados os quais os homens carregam, pois “contemplando-lhe a pureza, vemos nossa sujeira”<sup>442</sup>.

Sua experiência em Cuba fez parte de seu processo de subida a Deus, movimento esse, como demonstra Costa, inerente ao homem. Se a conversão representa a escolha decisiva do ser que opta por fundar sua vida na infinitude sendo, ao mesmo tempo, continuação desse movimento ascendente rumo ao mistério, a fase que antecede a conversão mertoniana, “mesmo que classificada como pecaminosa, poderá ser encarada como parte de contínuo [...] exercício ascensional rumo aos Céus”<sup>443</sup>.

Apesar da graça experimentada em Havana, Merton foi categórico ao revelar que sua oração ainda era, em maior parte, vocal. Talvez no lugar da oração fosse mais correto dizer, segundo ele, que se tratava de desejos e da esperança de se tornar um noviço na Ordem dos franciscanos “e muita imaginação do que isto iria ser, de modo que muitas vezes não estava rezando, mas sonhando acordado”<sup>444</sup>.

---

<sup>441</sup> MERTON, Thomas. **DSTM**. Op. cit., p. 75-76. Simone Weil (1909 – 1943), pensadora e mística, nasceu em Paris. De família judaica, cresce sem se ver vinculada a algum credo particular chegando, entretanto, a ser marcada por sua “sede de absoluto”. Passou por uma experiência análoga à de Merton em uma viagem que fizera a Portugal acompanhada dos pais. Lá viveria sua primeira experiência mística, revelando uma extrema sensibilidade. Weil é tocada por um canto triste vindo das mulheres dos pescadores, em meio a uma procissão marítima da festa de Nossa Senhora das Sete Dores, onde adquire uma nova consciência em relação ao Cristianismo. Cf. WEIL, Simone. **Attente de Dieu**. Paris: Fayaerd, 1966 (a edição original data do ano de 1950). **Lettre a un religieux**. Paris: Gallimard, 1951. TEIXEIRA, Faustino. **Buscadores do diálogo...**, Op. cit., p. 111. Cf. WEIL, **Attente de Dieu**, p. 42-43. PERRIN, **Mon dialogue avec Simone Weil**, p. 41-42.

<sup>442</sup> JESUS, Santa Teresa. **Castelo interior ou moradas**. Op. cit., p. 31.

<sup>443</sup> COSTA, Marcelo Timotheo da. **Sublimes experiências (meta) históricas...** Op. cit., p. 142.

<sup>444</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 258.

## 4.2.2 Vivências em São Boaventura

Deus me mantivera fora do claustro; isso era com ele. Mas também me havia dado a vocação de levar um tipo de vida semelhante ao das pessoas no claustro. Se não podia ser um religioso, um sacerdote, isso era assunto de Deus<sup>445</sup>.

Na Universidade de São Boaventura, Merton experimentou intensa paz. Vinha nutrindo, desde seu batismo, o desejo pelo sacerdócio. Mas, tendo lhe sido negada a entrada na Ordem dos Franciscanos, Merton assumiu a postura de viver como monge no mundo, de alguma forma, acabando por ingressar numa Ordem Terceira. Àquela época não sabia o que essa representava em plena América Moderna. Assumindo ser impossível voltar à vida que vivera antes, seguiu na tentativa de levar uma existência que se aproximasse da vida de um religioso e buscou um emprego de professor numa escola católica. Sem hesitar, deu início à arquitetura de uma nova vida. O que Merton sabia “era que queria graça, que necessitava de oração, que estava desamparado sem Deus e que desejava fazer tudo o que outras pessoas faziam”<sup>446</sup> para que ele se sentisse perto Dele. Como ele mesmo se expressou:

[...] o que me ocupava agora era o imediato problema prático de subir minha colina com o peso terrível que carregava às costas, passo após passo, pedindo a Deus que me arrastasse para cima e me livrasse de meus inimigos e daqueles que tentavam destruir-me<sup>447</sup>.

Em setembro de 1940, Merton conseguiu emprego como professor de literatura inglesa na Universidade de São Boaventura em Olean, Allegany. Começou, nessa Instituição, a tomar atitudes e a experimentar transformações num sentido mais estreito com a essência da vida cristã, indicando-a como o lugar em que mais se sentira em casa desde a morte de seu pai.

Foi dentro dessa atmosfera que se viu livre do vício da nicotina, de filmes e livros que, segundo ele, não retratavam mais sua condição atual, de visão e coração mais limpos. Mas, a melhor coisa, assinalou Merton, “era que minha vontade estava em ordem, minha alma estava em harmonia com ela mesma e com Deus, embora com luta e com algum custo”<sup>448</sup>.

Nessa época, Merton havia comprado os breviários, chegando a afirmar que fora uma das melhores realizações de sua vida. Como apontou, “[...] não tinha ideia de que o breviário – o ofício canônico – era a oração mais poderosa e eficaz que eu podia ter escolhido, uma vez

---

<sup>445</sup> Idem, p. 272.

<sup>446</sup> Ibid., p. 273.

<sup>447</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 273.

<sup>448</sup> Idem, p. 276.

que é a oração de toda a Igreja [...]”<sup>449</sup>. No entanto, a inspiração estava presente, afirmou, levando-o à necessidade de rezá-los diariamente, não sem experimentar dificuldades no início. Através de toda essa experiência, como definiu:

[...] Deus começou a encher minha alma de graças que brotavam do mais profundo dentro de mim, sem eu saber como e donde. Mas depois de alguns meses fui capaz de perceber o que havia nessa paz e fortaleza que cresciam no meu interior pela constante imersão nesse ciclo formidável e interminável de oração, sempre renovando sua vitalidade, sua inexaustão, doces energias, de hora em hora, de estação em estação, num constante vir a ser<sup>450</sup>.

Para Conn, a fase vivida por Merton em S. Boaventura teria sido a época mais fecunda de sua vida até aquele momento<sup>451</sup>. Porém, o converso necessitava de algo a mais. Desejava vivenciar uma situação na qual pudesse se doar mais para Deus, afirmando não perceber nessa instituição o lugar de sua vocação. Andava sempre à procura de algo. A época em que “eu estava na areia movediça de minha própria inquietação exagerada, pensava que esse chão firme fosse tudo de que alguém precisava para ter paz. Há muito dessa felicidade natural, dessa uniformidade de vida, em Saint Boaventure”<sup>452</sup>, considerou Merton. Expondo a condição de paz e serenidade que o vinha envolvendo, assumiu, no entanto, se tratar de uma ilusão, pois essa paz era “apenas ausência de preocupação. Não a paz da pobreza e do sacrifício”, e finalizava: “esta paz já não me basta”<sup>453</sup>.

Em seus últimos tempos em São Boaventura, a paz sentida deu lugar à profunda angústia, sem a certeza dos passos que deveriam ser tomados. Merton postou-se várias vezes em oração à Santa Teresa do Menino Jesus. O desejo de se tornar sacerdote não o abandonava, nem sua insegurança quanto à recusa da nova Ordem. Decidindo-se por fazer um retiro<sup>454</sup> na Abadia de Getsêmani, viu sua alma ser marcada profundamente, fortificando nele a ideia de se tornar um trapista.

---

<sup>449</sup> Ibid., p. 273.

<sup>450</sup> Ibid., p. 274.

<sup>451</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 175.

<sup>452</sup> MERTON, Thomas. **MI**. Op. cit., p. 145.

<sup>453</sup> MERTON, Thomas. **DSTM**. Op. cit., p. 238. “[...] quando o cristão imagina que ‘salvar sua alma’ consiste simplesmente em manter a unidade interior, evitando os pecados que causam a desintegração dessa unidade interior pelo sentimento de vergonha e mantendo-se inteiriço por meio da auto aprovação. Como se salvar minha alma nada mais fosse do que aprender a viver em paz comigo! Por que é isto desastroso? Porque o mal, mesmo o pior, pode muito bem não ter nenhum efeito desintegrador sobre a nossa psique. Poder-se-á cometê-lo e viver em perfeita paz. A sociedade pode oferecer bastante ajuda para tranquilizar a consciência de alguém e assegurar plena proteção contra a desintegração interior! Grande parte da psicoterapia consiste precisamente nisso e nada mais”. MERTON, Thomas. **REC**. Op. cit., p. 243-244.

<sup>454</sup> Seu retiro será tratado no item 4.2.2.1.

Voltando do retiro, envolto em seus conflitos de então, decidiu-se por abrir a Bíblia a esmo, em busca de orientação. A página em que abriu lhe rendeu grande espanto pelas palavras ali contidas: “*Ecce eris tacens*” (Eis que ficarás mudo). Apesar das dificuldades e dúvidas em tomar essa escrita pela resposta que tanto ansiava, “bem no fundo, debaixo de todas as perplexidades”, seguiu Merton, “eu tinha uma espécie de convicção de que isto fora uma resposta autêntica [...]”<sup>455</sup>.

Agostinho também narrou análoga experiência. Em seu livro *Confissões*<sup>456</sup>, no qual narrou as etapas de sua transformação de espírito, tratou de suas últimas lutas precedentes à sua conversão. Agostinho relatou que, em meio à profunda análise de sua miséria interior vinda à tona juntamente em um mar de lágrimas, dizia ter ouvido uma voz cantando e repetindo várias vezes: “Toma e lê; toma e lê”<sup>457</sup>. Tomando tal fato por uma mensagem de Deus, abriu o códice<sup>458</sup> ao acaso, predispondo-se a ler o capítulo que se lhe apresentasse aos olhos: “Não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites”<sup>459</sup>; o padre encerrou o trecho considerando não ser necessário ler mais nada, pois havia apreendido a mensagem.

Na concepção de Merton, era essa uma fase em que sua alma jamais sentiu tanta angústia. Passava a maior parte do tempo rezando. Certa vez, dirigiu suas orações à Pequena Flor, rogando à Santa que lhe mostrasse o que fazer. Após sua oração, passou por uma experiência subjetiva, fazendo com que suas apreensões perdessem totalmente o lugar para a certeza de querer se tornar um trapista:

De repente, [...] tomei consciência do bosque, das árvores, das colinas escuras, do vento úmido da noite e, então, mais claramente do que qualquer uma dessas realidades óbvias, comecei a ouvir, em minha imaginação, o grande sino de Getsêmani tocando de noite [...] como se estivesse logo ali atrás da primeira colina. A impressão me deixou sem fôlego, e tive de pensar duas vezes para perceber que era só na minha imaginação que eu estava escutando o sino da abadia trapista tocar no escuro. Mas, conforme calculei mais tarde, era exatamente por volta desse horário que o sino tocava toda noite o *Salve Regina*, ao final das Completas<sup>460</sup>.

Retornando ao pensamento de William James, na análise de Conn, a conversão ou a

<sup>455</sup> MERTON, Thomas. *MSP*. Op. cit., p. 303.

<sup>456</sup> Cf. AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Op. cit. Onde Agostinho narra a trajetória de sua conversão.

<sup>457</sup> Idem, p. 186.

<sup>458</sup> **A BÍBLIA SAGRADA**. Op. cit. Referente ao livro das Epístolas de S. Paulo.

<sup>459</sup> Idem, Rm 13, 13.

<sup>460</sup> MERTON, Thomas. *MSP*. Op. cit., p. 330.



mudança de centro pode ser retratada de duas formas: uma conversão em nível consciente e de forma espontânea, e em nível inconsciente e involuntário de uma autoentrega. Mediante sua explicação:

[...] a conversão voluntária consiste de uma construção gradual de um novo conjunto de hábitos morais e espirituais, mesmo que haja também pontos críticos de crescimento especialmente rápido. E mesmo no processo de regeneração mais voluntário e gradual chega um ponto quando a vontade pessoal deve ser abandonada, quando a auto-rendição torna-se indispensável<sup>461</sup>.

Dando continuidade à reflexão dos pensamentos psicanalísticos de James, Conn apontou o acontecimento experienciado por Merton em sua oração à santa no pátio de São Boaventura, como uma autoentrega, uma vez que:

[...] a vontade pessoal permanece centrada no ser imperfeito e atual, que, embora lutando contra o pecado sentido intensamente, apenas vagamente imagina o ideal positivo. Rendição da vontade pessoal abre espaço para o ser ideal emergir da incubação do subconsciente e se tornar o centro da consciência, da vida de cada um. O caráter da auto-rendição da conversão pode ser tão forte, de fato, que o convertido tem a experiência de ser um espectador passivo, passando por um processo milagroso realizado por uma instância mais elevada, muitas vezes acompanhado de vozes, luzes, visões<sup>462</sup>.

Nesse sentido, a voz “ouvida” por Merton à época de sua leitura de Hopkins, a experiência em Cuba na Consagração, e o “ouvir” dos sinos da Abadia de Getsêmani são exemplos dessa autoentrega.

Merton criou coragem e foi ter com padre Philotheus, dessa vez conseguindo chegar até ele, pois já havia se dirigido duas vezes às proximidades do quarto deste, sem, entretanto, ter coragem de avançar. Depois de mais orações, buscou mais uma vez por ele. Agora, com o coração disparado, mas determinado, referenciou-lhe seu desejo: “– Frei, eu quero dar tudo a Deus”<sup>463</sup>. Após ouvir os argumentos de Merton, não criou empecilhos, mas o aconselhou a ter cuidado quanto à sua escolha, sendo um dos motivos o destino de sua vocação de escritor.

Nos três anos que se seguiram após sua conversão, apesar de seu sincero senso cristão, faltaram-lhe instruções. Recordava-se de que, em vez de procurar uma orientação espiritual buscava esclarecer simples dúvidas, como o significado de um escapulário ou o que diferenciava um breviário de um missal, por exemplo.

Merton tinha pressa para dar início à sua nova vida e, antes de sua partida, havia

<sup>461</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 186.

<sup>462</sup> Ibid.

<sup>463</sup> MERTON, Thomas. **MSP.** Op. cit., p. 331.

destruído muitos de seus manuscritos. Não se sabe, entretanto, sobre o material que Merton doou, contendo mais do que anotações de suas leituras. Ao Padre Richard Fitzgerald, naquele dezembro de 1941, teria doado quatro páginas de *The Straits of Dover*, trinta e cinco páginas de *The Man in the Sycamore Tree*, esboços de cartas e desenhos. Existe a possibilidade de outras pessoas terem recebido partes complementares dos romances, nesse mesmo tempo, bem como da sobrevivência de cópias destes, enviadas para os editores. Quando Merton solicitou seus diários, a cópia do esboço do romance *The Labyrinth* (O Labirinto) não havia chegado às suas mãos.

Merton começou a rezar incessantemente, apreendendo, nesse momento, a transformação que vinha sofrendo, agora de uma forma mais profunda em relação a todos os momentos vividos até então. Mas, não seria possível aludir à atmosfera trapista e aos seus primeiros anos na Ordem Cisterciense sem antes abordar a importante fase de seu retiro dentro desse mesmo claustro, a sua época de professor em São Boaventura. No próximo item, analisaremos um pouco essa época de sua vida.

#### 4.2.2.1 Retiro em Getsêmani

Ó meu Deus, com que poder decidis às vezes ensinar à alma humana vossas imensas lições! Aqui, mesmo através de canais tão somente comuns, vieram a mim graças que me esmagaram como ondas de maré alta, verdades que me afogaram com a força de seu impacto e tudo através dos meios singelos e normais da liturgia empregada [...] por pessoas acostumadas ao sacrifício<sup>464</sup>.

Antes de adentrar em definitivo na trapa, em 1941, Merton decidiu por fazer lá um retiro no período da Semana Santa. Aliás, esse foi o pedido em suas orações naqueles momentos antecedentes à eclosão da guerra. Se acaso tivesse que servir, pediu a oportunidade de estar, primeiramente, junto aos monges da Abadia de Getsêmani. Ficou conhecendo a existência desse mosteiro através de Dan Walsh. Essa experiência foi capaz de refletir as sensíveis transformações operadas em seu íntimo nesse tempo.

Algumas semanas antes da sua visita ao mosteiro trapista, Merton pesquisou um verbete sobre tal Ordem no volume da *Catholic Encyclopedia*, tomando, a partir de então, o conhecimento de que eram cistercienses, além de ficar conhecendo um pouco sobre os

---

<sup>464</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 293.

cartuxos<sup>465</sup>. O que apreendeu naquelas linhas “transpassou meu coração como uma faca”, disse Merton<sup>466</sup>. Ficou surpreso em saber que havia no mundo um lugar de tamanha felicidade, aquém das perturbações, dos apetites e desajustes mundanos. Homens que encontraram no silêncio e na solidão a paz, que, destituindo-se do que possuíam, ganharam tudo. Viviam através dos próprios recursos, pelo suor de seu trabalho. Pessoas que, vivendo dessa maneira, deixaram suas almas serem invadidas e guiadas pela força do amor de Cristo<sup>467</sup>. Se tamanho encanto já havia lhe invadido somente pelo que leu, suas emoções, ao adentrar aquele claustro, arrebataram sua alma.

Sua recepção no mosteiro foi surpreendente graças a uma pergunta da parte do monge que vinha a seu encontro: “– Veio pra ficar?”<sup>468</sup>. Merton diz ter ficado apavorado com a indagação. Era como se aquela pergunta tivesse sido formulada por ele próprio, nos recônditos de seu ser. Sua resposta foi negativa, no entanto, sua reação traz à tona o persistente desejo de se tornar um sacerdote. A recusa a qual Merton sofreu por parte dos Franciscanos, negando-lhe a entrada nessa Ordem, foi uma grande decepção em sua vida. Seu desejo ainda estava presente, mas junto com ele um medo profundo de ser novamente rejeitado o impedia de se atrever a novas paragens sacerdotais.

Instalando-se no quarto que o abrigou por alguns dias, apontou ter sido envolvido naquele silêncio pelos sentimentos de amor e segurança:

O silêncio era um abraço! Eu acabara de entrar na solidão de uma fortaleza inexpugnável. E o silêncio que me envolvia também me falava, e falava mais alto e mais eloquentemente do que outra voz qualquer. No meio desse quarto quieto, [...] compreendi então verdadeiramente de quem era aquela casa, ó gloriosa Mãe de Deus!<sup>469</sup>

Visitando a Igreja, após sua primeira noite no mosteiro, foi invadido por forte emoção. Enquanto dois seculares se postavam ajoelhados próximos a um altar onde um sacerdote dava continuidade à missa, Merton deixou se levar por sentimentos inexplicáveis reparando aquele amplo ambiente envolto pela luz suave das velas a iluminar timidamente as capelas ao redor, onde acontecia, ao mesmo tempo, missa em cada um dos altares:

O que senti nesta hora? É um mistério para mim. O silêncio, a solenidade, a dignidade dessas missas e da igreja, a atmosfera cheia de orações tão

---

<sup>465</sup> Os termos Cistercienses e Cartuxos serão trabalhados nos itens 4.3.1 e 4.3.2 do presente texto.

<sup>466</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 286.

<sup>467</sup> Idem, p. 286.

<sup>468</sup> Ibid., p. 290.

<sup>469</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 291.

fervorosas que eram quase palpáveis, tudo isso me sufocou com tanto amor e reverência que me tirou a força de respirar. Só tomava fôlego em arfadas<sup>470</sup>.

A intensidade de suas emoções ainda se intensificaram no momento da comunhão, o que o levou a dizer que seu “coração iria explodir”<sup>471</sup>. Em meio às sensíveis experiências que lhe tocavam profundamente a alma, percebe-se sua desolação quanto à “negativa” de um dia poder se alimentar de todos aqueles alimentos de ordem espiritual que, por agora, lhe davam imenso acalanto. Havia uma luta em seu interior: de um lado, o desejo ainda vívido de ingressar numa Ordem Religiosa e lá dedicar sua vida a Deus; de outro, a sensação de incapacidade moral, espiritual, a impedir tal vivência. Quanto mais desenvolvia sua postura de cristão, mais ia se dando conta de seu lado inferior, considerando-se indigno de beber das águas daquelas fontes de paz e de amor, perguntando-se:

Que direito tenho eu de estar aqui? Sinto-me como um ladrão e um assassino que foi lançado à prisão e condenado pelos roubos e assassinatos cometidos durante toda a minha vida, [...]. Fugi da prisão onde jazia condenado, com justiça, e corri para o próprio palácio do Rei [...]<sup>472</sup>.

Em seu *Diário Secular*, Merton descreveu particularidades da Trapa, demonstrando as transformações já operadas em seu íntimo. Sua sensibilidade se fez percebida através de suas observações do mosteiro. Já em suas primeiras linhas do item pertinente ao tema, descreveu: “Eu vivia querendo saber o que mantinha unido este país, o que impedia o universo de estalar e partir-se em pedaços?! São lugares como este Mosteiro”<sup>473</sup>.

Essa primeira visita se enquadra em seu campo de paradoxos, agora tratado pela relação paraíso/purgatório. Para Merton, eram as Abadias, ao mesmo tempo, paraísos de ordem material e também celeste, pois é nesse ambiente que o monge retirou seus pecados, principalmente, através do trabalho. Por conseguinte, “uma Abadia é um paraíso terrestre por ser um purgatório terrestre”<sup>474</sup>.

Ao se interrogar quanto ao conceito de purgatório, retratou sensivelmente sobre essa condição. O fogo que queima as almas no inferno seria o mesmo a queimá-las no purgatório. A diferença era que, na segunda situação, as almas estariam fazendo das chamas um modo de purificação embasado no amor. Amam, porém, não os sofrimentos lá existentes, mas a equidade destes, que por amor a Deus se regeneram e se veem recolocadas em Seu encaixo.

---

<sup>470</sup> Idem, p. 293.

<sup>471</sup> Ibid., p. 294.

<sup>472</sup> MERTON, Thomas. **DSTM**. Op. cit., p. 170.

<sup>473</sup> Idem, p. 169.

<sup>474</sup> Ibid., p. 172.

Nesse sentido, a Abadia é um lugar onde se pode expurgar o mal. A questão está em saber como se utilizar das ferramentas para que se edifique a salvação, cabendo a necessidade de conhecer os limites desse paraíso material. Assim, se a cama em que se dorme:

[...] é de estrado de madeira e o colchão de palha encaroçada, não estamos usando a madeira e a palha para salvar a nossa alma, mas apenas para dormir. Mas se usamos isso por sacrifício, então é o sacrifício que usamos para salvar a nossa alma e não o colchão de palha. É por isso que nem todos os que dormem em colchão de palha necessariamente salvam as suas almas<sup>475</sup>.

Foi com muita tristeza que Merton dizia ter deixado Getsêmani, mas não sem antes fazer a Via-Sacra, ávido por ser atendido em seu anseio, o de viver naquele claustro. Nesses poucos dias de retiro, desenvolveu sua compreensão quanto à humildade, a caridade e o amor com fim em si mesmo. E, se havia um desejo, era o de amar e seguir a Deus, bem como entender, em seu íntimo, o verdadeiro significado dessa ação, pois chegava o momento em que “os vitrais e os hinos não nos podem satisfazer eternamente”<sup>476</sup>.

#### 4.2.3 A “Casa da Amizade”

Não existe nenhum amor a Deus que já não seja em si mesmo amor ao próximo e que, através do exercício do amor ao próximo, não alcance o seu fim<sup>477</sup>.

Conn assinalou ser a conversão cristã, na perspectiva de Karl Rahner<sup>478</sup>, uma questão de amor ao próximo<sup>479</sup>. Se em Boaventura já não era suficiente sua sensação de paz, foi através de sua interação com a “Casa da Amizade”, Instituição dedicada a acolher negros menos favorecidos financeiramente, que Merton seguiu o que seu coração ditava<sup>480</sup>, buscando fundamentar ponto tão marcante dentro da conversão cristã, o da relação de amor com o outro.

A “*Friendship House*” (“Casa da Amizade”) foi fundada em 1938, no Harlem, Nova

<sup>475</sup> Ibid., p. 173.

<sup>476</sup> Idem, p.175.

<sup>477</sup> RAHNER, Karl. **Quem é teu irmão**. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 10. Título original: *Wer ist dein Bruder?*

<sup>478</sup> Karl Rahner (1904 – 1984) foi um dos grandes teólogos contemporâneos. Esse alemão fez-se conhecido no âmbito católico brasileiro a partir do Concílio Vaticano II. Uma das marcas de sua teologia foi atenção destinada à linha existencialista, tendo sido influenciado pela filosofia de Martin Heidegger. Seus escritos teológicos ultrapassam os mil títulos, sendo difícil encontrar algum tema, dentro da teologia, que não tenha sido por ele trabalhado de forma profunda, o que pode tornar muitas vezes de difícil acesso o alcance de seu pensamento. RAHNER, Karl. **Teologia e Antropologia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1969, p. 5-12.

<sup>479</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 200.

<sup>480</sup> Idem, p. 203.

York, por Catarina Hueck Doherty (1896-1985). De origem aristocrática, deixou seu país, Rússia, ao término da revolução soviética fugindo ainda criança, em 1917, ano em que os Vermelhos tomaram o poder. A “baronesa”, como era então conhecida, ou ainda por “B”, para os mais próximos, foi mais do que uma grande influência para Merton, foi também grande amiga. Ambos se conheceram no ano de 1941. Merton a identificou como uma das pessoas mais simples, generosas, enérgicas e de uma fé intensa que chegou a conhecer na vida, que “decidiu fazer da pobreza sua vocação, com vigor e uma retidão, de caráter nitidamente franciscano”<sup>481</sup>. Como ressaltou Pereira, o contato de Merton com a pobreza presente no Harlem foi a base, mais tarde, para seus projetos sociais e políticos de caráter contemplativo<sup>482</sup>.

Nesse viés, a atenção pela causa dos negros do Harlem foi uma das primeiras formas com que Merton deixou transparecer sua resposta a Deus. No âmbito da antropologia católica, essa disposição interior que envolve o homem (*Gesinnung*), mesmo sendo diversa de sua ação (*Tat*), opera simultaneamente com a mesma, pois essa última é a concretização da primeira. Nesse contexto, “a disposição interior não pode dispensar a ação, mas também não se esgota numa obra exterior”<sup>483</sup>.

Certa noite, andando em meio à escuridão em S. Boaventura, nas proximidades do campo de futebol ali existente, aproximou-se do *Alumni Hall* (espaço para eventos). Estando esse todo iluminado e programado para receber a visita de um palestrante, David Goldstein, um judeu convertido, e uma voluntária da “Casa da Amizade”, seguiu hesitante em direção ao teatro onde ouviu uma voz de mulher com postura firme e convicta, vestida de forma simples naquele palco sem nenhuma iluminação especial e sem trejeitos que pudessem atrair a atenção dos presentes. Ao adentrar no recinto, Merton dizia ter sentido a energia que emanava de suas palavras e que influenciou a todos de tal forma que, por pouco, Merton não se viu cair por aquelas mesmas escadas que levaram ao andar superior.

Descrevendo a primeira impressão que teve da Baronesa de Hueck, apontou sua “voz forte, convicções fortes e coisas fortes para dizer”<sup>484</sup> sobre a obrigação dos católicos de pôr em prática os ensinamentos de Cristo, de viver imbuídos de amor pelo próximo e de lutar por uma justiça que atendessem aos pobres. Dessa forma, o comunismo jamais conseguiria fazer algo contra a Igreja, até mesmo eliminá-la, objetivo de sua revolução. Suas duras críticas ao papel dos cristãos persistiam:

---

<sup>481</sup> MERTON, Thomas. **DSTM**. Op. cit., p. 7.

<sup>482</sup> PEREIRA, Sibélius Cefas. **Thomas Merton...** Op. cit, p. 288.

<sup>483</sup> RAHNER, Karl. **Quem é teu irmão**. Op. cit., p. 12.

<sup>484</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 308.

Se os católicos [...], fossem capazes de ver o Harlem como deveriam vê-lo, isto é, com os olhos da fé, como um desafio de seu amor a Cristo, como um teste de seu cristianismo, os comunistas não conseguiriam fazer nada lá. Mas, ao contrário, no Harlem os comunistas eram fortes. Tinham fatalmente que ser fortes, pois estavam fazendo algumas coisas, executando algumas obras de misericórdia que se esperava que os cristãos fizessem. Se um negro perdesse o emprego e estivesse na iminência de passar fome, os comunistas estavam lá para dividir sua comida com ele e tomar a defesa de seu caso. [...]  
 – Agora perguntamos a vocês: os católicos praticam essas coisas?<sup>485</sup>

A influência dessa mulher que presenciou o fuzilamento de metade de sua família quando menina e o assassinato de padres pelas balas da Revolução Russa agiu como tiro certo no coração de Merton. Chegou em Nova York sem as mínimas condições financeiras para sobrevivência, conseguindo trabalho numa lavanderia. Toda a amarga experiência que passou não destruiu sua fé católica, na qual foi educada.

Merton relatou em sua autobiografia que certo dia, na Rua 14, almoçando com suas colegas de trabalho, começou a se descortinar para “B” uma vocação à qual se entregaria fielmente por toda sua vida. Entre suas companheiras, aquelas que quisessem segui-la, “haveriam de viver e trabalhar nos bairros miseráveis, misturar-se na massa imensa de anônimos, esquecidos e abandonados com a única intenção de viver completa e integralmente a vida cristã neste ambiente, [...]”. Assim teve início a “Casa da Amizade” que, de um primeiro quarto alugado a baixo custo, ampliou-se para um local que tomaria, aproximadamente, cinco armazéns em ambos os lados da Rua 35. Merton identificou a voluntária do Harlem como pertencente à Ordem Terceira, dona do “puro ideal franciscano”.

A partir desse contato, Merton se ofereceu para realizar algum trabalho voluntário no Harlem, o que foi muito bem aceito pela Baronesa. Passou a visitar o projeto todas as noites, durante algumas semanas, jantando com a comunidade e lendo as Completas, afirmando se sentir muito bem. Dedicava algumas horas à assistência daqueles meninos e meninas. Bastou algumas visitas à Instituição para Merton aumentar seu campo de visão e dar-se conta da realidade que se apresentava à sua frente: a da real pobreza, como jamais vira<sup>486</sup>. Harlem poderia representar uma vocação, afinal, lá, Merton poderia viver mais do que um apostolado negro, mas também o da pobreza, da escrita e da dedicação a obras de caridade<sup>487</sup>.

Merton foi convidado pela Baronesa a se instalar definitivamente no Harlem, passando a fazer parte de seu grupo de trabalhadores. Indeciso, ele chegou a confirmar sua ida, porém,

---

<sup>485</sup> Idem, p. 308-309.

<sup>486</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p. 176.

<sup>487</sup> MERTON, Thomas. **MI.** Op. cit., p. 43.

mais tarde, arrependeu-se. Merton sentiu que a “resposta” que estava esperando para aplacar sua indecisão lhe dizia não ser o Harlem o caminho a ser seguido.

Moot apontou que Merton já estava consciente desse fato antes do equívoco de sua decisão, percebendo-se estar ligado a um compromisso que jamais deveria ter firmado. No momento em que alegou necessitar de tempo para escrever, teria sido essa a forma de eximir-se de seu “acordo” com a Baronesa<sup>488</sup>. Não foi uma decisão fácil para Merton não atender a esse convite. A realidade do Harlem, de certa forma, influenciou-o, demonstrando-lhe uma forma de ser mais útil à realidade cristã de um converso.

A experiência de Merton na “Casa da Amizade” talvez tenha dado seguimento ao seu passado “comunista”, como abordou Conn. Voltando a seu período em Columbia, sua “conversão moral” àquela época já seria, para esse autor, uma amostra de sua “inspiração para fazer algo desde o início”<sup>489</sup>.

Após ver sua indecisão resolvida, prestes a adentrar na Trapa, Merton traduziu um pouco de sua emoção tecendo comentários sobre não ter optado por dedicar-se aos negros do Harlem em carta a Robert Lax. Eis o seguinte trecho:

Desde que eu possa estar no lugar onde pertença inteiramente a Deus e a ninguém menos que Ele, como algum escritor tendo meu nome legal, suponho que problemas sobre a escrita e tudo mais não serão mais grandes problemas. O Harlem não é para mim. Nem nenhuma faculdade. Nem Nova York<sup>490</sup>.

*O Diário Secular de Thomas Merton*, resultado selecionado de seu diário, ainda quando o mesmo era leigo, recém-converso ao Catolicismo, e publicado somente vinte anos depois, teve seu manuscrito doado por Merton à Baronesa com a intenção de ajudar a instituição.

### 4.3 REFLEXÕES DE UM FUTURO CONTEMPLADOR ATIVO

#### 4.3.1 Ordem dos Cistercienses da Estrita Observância

A obra *Águas de Siloé* (1949) retratou a história dos Cistercienses e sua origem a partir do monaquismo de São Bento. Dom Basílio Penido, autor do prefácio, demonstra uma maior preocupação de Merton, nessa obra, em transmitir a história da Ordem dos Cistercienses de Estrita Observância (Trapistas), sendo que a verdadeira intenção era descrever o monaquismo

<sup>488</sup> MOOT, Michael. **The seven mountains of Thomas Merton**. Op. cit., p. 197.

<sup>489</sup> CONN, Water E. **Christian conversion...** Op. cit., p.177-78.

<sup>490</sup> MERTON, Thomas. **RJ**, p. 163.



beneditino, sua formação e desenvolvimento. Em *A vida silenciosa* (1957), bem menor em tamanho, Dom Basílio sugeriu uma linha de pensamento a refletir maior equilíbrio e completude. Ali, a ênfase gira em torno de outros Mosteiros como o de *Solesmes* e *La Pierre-qui-Vire* e suas influências de caráter universal.

Falar da história dos Cistercienses da Estrita Observância implica tecer comentários sobre suas raízes, ou seja, falar dos padres do deserto. Foram eles quem fundamentaram o monaquismo cristão, exercido no século VI, pela Regra de São Bento.

Esses padres viveram nos desertos do Egito, da Palestina, da Arábia e da Pérsia no século IV d.C. Eram homens que se retiraram das cidades, indo viver sozinhos em busca da “salvação”. Essa forma de retirada não implicou em manifestações de superioridade em relação à sociedade da qual faziam parte, mesmo que não concordassem com seus valores vigentes. Eles desejavam acima de tudo “encontrar a si mesmos em Cristo”<sup>491</sup>.

Sobreviviam de seus trabalhos manuais, confeccionando cestos e esteiras, utilizando folhas de palmeiras e juncos, vendendo-os nas cidades. Mas, espiritualmente falando, era da oração que retiravam seu alimento. Humildes e com grande sensibilidade, eram dotados da capacidade de amplo entendimento da natureza íntima dos homens. Quanto ao seu conhecimento de Deus, esse era o necessário para reconhecer Sua superioridade, daí a ausência de extensos discursos sobre a natureza divina, “porque sabiam que, quando alguém chegava a algum ponto próximo à Sua morada, o silêncio era muito mais significativo que um monte de palavras”<sup>492</sup>.

São Bento nasceu em Núrsia, Itália, por volta de 490. É considerado o pai do monaquismo do Ocidente. Escolheu viver em solidão numa gruta localizada nas proximidades de Subiaco. Fundou doze pequenos mosteiros que abriram suas portas para os filhos de aristocráticos de Roma. Aproximadamente no ano de 530, dirigiu-se ao monte Cassino, onde morreu em torno do ano de 560.

Para manter a ordem de monte Cassino, Bento buscou edificar uma regra simples, baseada na renúncia, obediência, humildade, e na imitação dos apóstolos, desatando os laços dos relacionamentos afetivos envolvendo amigos, parentes, matrimônio, para se entregarem à convivência de ordem espiritual. Trabalhos manuais como o cultivo da terra, de onde eram retirados os alimentos, eram características marcantes dessa comunidade. Outro objetivo da regra foi demonstrar aos irmãos os degraus constituintes da perfeição que levam até ao céu. O

---

<sup>491</sup> MERTON, Thomas. **A sabedoria do deserto**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a, p. 6.

<sup>492</sup> Idem, p. 15.

dia dividia-se “entre o trabalho (cerca de seis horas); a prece, solitária ou coletiva no âmbito do ofício divino – recitação dos salmos e leituras em horas fixas, das Vigílias às Completas –; e a prática da *lectio divina* (leitura e meditação da Bíblia)”<sup>493</sup>.

A Regra de São Bento visava estabelecer a harmonia entre a vida contemplativa ativa e passiva, cabendo a ela também ser realizada em Cluny, fundada em 910. Através da Reforma monástica de Cluny – cuja característica maior era a de renovar a austeridade beneditina – a Ordem de *Citeaux* veio a ser fundada a 21 de março de 1098. Os responsáveis seriam então monges que teriam desfeito os elos com as regras monásticas que até então haviam sido estabelecidas pela Regra Beneditina. Entre eles, Robert de Molesmes e mais vinte e um monges partiram de Cluny, fundando um mosteiro em *Citeaux*, onde era condição fundamental uma vida embasada na pobreza e simplicidade.<sup>494</sup>

O termo *Cister* provém da evocação dos “juncos” (cistos) presentes nos charcos da planície do Saône, França. Em 1115, Cister, demonstrando seu êxito, deu origem a quatro “filhas”: *La Ferté*; *Pontigny*, *Morimond* e *Clairvaux*, sendo esta última fundada por irmãos encaminhados por Bernardo de Claraval<sup>495</sup>. São os Santos Robert, Alberic e Stephen Harding e, posteriormente, São Bernardo, da Abadia de *Claraval*, que irão liderar e ser responsáveis pelo desenvolvimento dos cistercienses. Pelos idos de 1153, já existiam mais de trezentas casas cistercienses, incluindo as de homens e mulheres.

Em 1250, percebeu-se a expansão desse conjunto da cristandade latina, contando com mais de seiscentas e quarenta abadias, inclusive com mosteiros femininos. Se por um lado a pobreza revelou-se através das roupas de lã sem tingimento (daí a expressão “monges brancos”), por outro lado destacou-se a sustentação da Ordem pela aristocracia, uma vez que tais estabelecimentos acolhiam filhos e filhas de famílias desse segmento.

O poder advindo do crescimento haveria de ferir as bases de origem de *Citeaux*. Na França, a Ordem da Estrita Observância foi fundada em 1623. Armand-Jean de Rancé, então abade de *La Trappe* (A Trapa), instituiu na regra séria disciplina e um forte ascetismo, o que, para Merton, deixou por desejar na esfera contemplativa<sup>496</sup>.

<sup>493</sup> CORBIN, Alain (Org.). **História do cristianismo**. Op. cit., p. 146.

<sup>494</sup> SHANNON, William *et al.* **The Thomas Merton encyclopedia**. Op. cit., p. 59.

<sup>495</sup> Bernardo de Claraval (1090 – 1153), cisterciense de segunda geração. Nasceu em Fontaine-lès-Dijon, Borgonha. Recebe sua educação numa escola de cônegos e, aos vinte e dois anos de idade, opta por unir-se aos frades do “Novo Mosteiro” e, posteriormente, de *Clairvaux*. Reclama pela volta dos monges a uma vida à pobreza, característica da regra de São Bento. Visa impor uma vida de renúncias aos irmãos no que tange à vida comunitária, salientando a importância do ascetismo como da sobriedade buscando também promover o magistério dos monges. CORBIN, Alain. (organizador). **Histórias do Cristianismo**. Op. cit., p. 174.

<sup>496</sup> SHANNON, William *et al.* **The Thomas Merton encyclopedia**. Op. cit., p. 59.

A vida e a contemplação, como assinalou Merton, têm como base a penitência e oração:

[...] a vida penitencial do Monge Branco não consiste numa série de proezas atléticas de resistência ou de flagelações sistemáticas, ou mesmo de humilhações públicas deliberadamente encenadas. Os cistercienses estavam baseando sua vida no Evangelho: e a “austeridade” da vida que foi vivida e pregada por Jesus Cristo é a larga, fundamental e penetrante austeridade do trabalho e da pobreza. A penitência dos cistercienses é essencialmente a comum penitência de toda a raça humana: “comer o seu pão com o suor do seu rosto” e “carregar a carga alheia”. Haveria fartura de frio, de fome e de insegurança. Noite após noite, o monge iria para sua simples cama de palha, sob a abóbada de pedra de seu dormitório sem aquecimento, para dar repouso a seus músculos doloridos por umas poucas horas. Teria de levantar-se no meio da noite e rezar e trabalhar bastante tempo antes de ter alguma coisa para botar em estômago vazio. Conheceria o calor do sol. Suas mãos torna-se-iam duras e ásperas pelo trabalho da lavoura, pela construção ou pelo exercício dum ofício<sup>497</sup>.

A Idade de Ouro da Cister duraria até metade do século XIII, entretanto, para Merton, a crise já havia se instalado entre os cistercienses desde o século XII, momento em que a Ordem ainda apresentava de maneira intensa seu viés contemplativo. A partir do século XIII, o crescimento do poder de ordem material e expansão do mesmo começaram por ferir a essência da Regra. Se por um lado todas as características básicas da Ordem ainda prevaleciam, como os jejuns, a pobreza, os trabalhos manuais – e haveriam de persistir durante mais de dois séculos –, por outro, os próprios mosteiros começaram por quebrar uma das principais regras da Ordem, a de enriquecerem.

O século XII não havia chegado ao fim e já se podia notar a aceitação, por parte das abadias de meios de se obter renda, o que era de total proibição conforme as regras de origem da Ordem. Com seu grande conjunto de granjas e propriedades, as abadias e o sucesso da produção de seus trabalhos fizeram da Ordem uma das mais fortes economias da Idade Média. Nesse sentido:

[...] o espírito contemplativo cedia sob a pressão de tantos interesses materiais e ativos e os cistercienses tendiam a abandonar-se inteiramente ao lado ativo de suas vidas. Fiéis ainda às suas obrigações litúrgicas e a seus jejuns, distribuíam também os excedentes de suas riquezas, em grande abundância, com os pobres e os doentes, [...]. Continuaram a fazer grande quantidade de bem à sociedade de seus tempos, mas o *unum necessarium*, o espírito contemplativo, se fora.

E quando uma ordem contemplativa cessa de produzir contemplativos, sua utilidade está no fim. Não tem mais razão de existir<sup>498</sup>.

<sup>497</sup> MERTON, Thomas. **Águas de Siloé**. (Trad. Oscar Mendes). Belo Horizonte: Itatiaia, 1957, p. 49-50. (Abreviado AS).

<sup>498</sup> Idem, p. 63.

Em função da Revolução Francesa, houve uma dispersão dos cistercienses, que foram se instalar na Suíça. Foi no ano de 1803 que os Estados Unidos receberam seu primeiro grupo, sendo que somente em 1848 se instalaram, permanentemente, os monges trapistas da então Abadia de Getsêmani, vindos da Abadia de *Melleray*, com origem em *Citeaux*.

O mosteiro cisterciense, abraçando o isolamento peculiar dos eremitas, organizava-se por uma austera estrutura social dividida entre os monges do coro, grande parte aristocrática, e pelos conversos, homens leigos provindos, em sua maior parte, dos campesinatos, cabendo-lhes os trabalhos de exploração da terra, entre outras atividades refletidas nos mercados, a partir de suas produções excedentes como lã, vinho, carne etc.

Bernardo de Claraval, abade francês da Idade Média, em sua *Apologia de Guillaume de Saint-Thierry* (1125), elencou a carta pertinente ao despojamento cisterciense, retratando a preocupação de se manter a sobriedade, a preservação dos bens mantenedores dos pobres, a proibição de decorações no interior das igrejas como forma de não desviar a atenção das meditações das Escrituras, indo contra a característica “anagógica” do exercício místico de decoração que visava, através de imagens, estimular a sensibilidade e o desejo para uma busca de Deus. Nesse contexto, “no mosteiro cisterciense, não se procura chegar a Deus, mas habitar com aquele que, segundo Bernardo de Claraval é ‘altura, largura, comprimento e profundidade’”<sup>499</sup>.

Merton, ao adentrar na Trapa, descreveu particularidades de sua vida como monge em seus diários. Desde o início dessa nova caminhada percebeu-se a presença de antiga companhia, a de um buscador, só que agora de forma mais madura e espirituosa. Sua busca pelo mistério o guiou, mesmo quando não sabia que direção tomar.

#### 4.3.2 Vida de monge

Senhor, meu Deus, não sei para onde vou. Não vejo o caminho diante de mim. Não posso saber com certeza onde terminará. Nem sequer, em realidade, me conheço, e o fato de pensar que estou seguindo tua vontade não significa que, em verdade, o esteja fazendo. Mas creio que o desejo de te agradar te agrada realmente. E espero ter esse desejo em tudo que faça. Espero que jamais farei algo contrário a esse desejo. E sei que se assim o fizer, tu me hás de conduzir pelo caminho certo, embora eu nada saiba a respeito. Portanto, sempre hei de confiar em ti, ainda que me pareça estar perdido e nas sombras da

---

<sup>499</sup> CORBIN, Alain. **História do cristianismo...** Op. cit., p. 176.

morte. Não hei de temer, pois estás sempre comigo e nunca me abandonarás, para que eu enfrente sozinho os perigos que me cercam<sup>500</sup>.

A entrada de Merton na Abadia de Getsêmani foi um marco em sua conversão. Não haveria melhor forma de iniciar essas primeiras linhas senão, por sua oração que se segue, escrita pouco tempo depois de enveredar na vida silenciosa, tendo muito a dizer de seu renascimento:

Senhor! Você deixou o verdadeiro começo de minha conversão para este momento! Há quanto tempo tenho rezado para servir a Ti, somente desejar a Ti, somente pertencer a Ti, sem saber o que isto significava! Agora, Tu fizeste-me rezar o dia inteiro, o dia inteiro, com grande sede, repetindo de novo e de novo, deixe-me somente pertencer a Ti, dar tudo a Ti – Quando não estou rezando estou estúpido e doente. Quando estou rezando, oh, às vezes Você me dá a mais clara, serena paz: Eu não posso parar! Nunca parar de rezar! Dói parar de rezar – dói ir comer, mas isto também é encantador se eu somente digo “Eu apenas comerei um pouquinho, pelo Amor de meu Deus!” Então a refeição é muito doce - um pouco de pão, alguns legumes, do modo que é sempre em Getsêmani!<sup>501</sup>

Apesar de sua profunda transformação e regozijo, sua conversão não colocou fim a seus conflitos e às inquietudes de sua personalidade, mesmo dentro do mosteiro. Conforme Pascual assinalou, a experiência monacal de Merton foi incapaz de solucionar tais questões<sup>502</sup>. Entretanto, seu “afastamento” do mundo secular e seus homens implicou numa “forma especial de amor para com eles”<sup>503</sup>, diria Merton, tempos à frente. Como inferiu Maritain:

[...] os cartuxos, os trapistas, os carmelitas, todas as grandes ordens religiosas contemplativas que, por melhor pertencerem a Deus, adotaram um modo de vida essencialmente *separado do mundo*, serão sempre consideradas pela Igreja como colunas necessárias do seu templo ou como centro de alimento espiritual profundamente escondido, dos quais o mundo não pode se abster<sup>504</sup>.

Merton ingressou na Ordem Cisterciense, não para buscar felicidade e paz, mas sim para encontrar seu lugar no mundo<sup>505</sup>. É certo, no entanto, que por trás dessa vida monástica, desejada por Merton, encontrava-se uma gama de desilusões incapaz de ter lhe assegurado um sentido em sua existência. Sua entrada na Trapa a 10 de dezembro de 1941 marcou não um ponto de chegada, mas um ponto de partida para uma vida espiritual que começou a ser

<sup>500</sup> MERTON, Thomas. **LS**. Op. cit., p. 66.

<sup>501</sup> MOTT, Michael. **The seven mountains of Thomas Merton**. Op. cit, p. 200.

<sup>502</sup> PASCUAL, Francisco R, de. **Escritos Esenciales...**, p. 36.

<sup>503</sup> MERTON, Thomas. **QA**. Op. cit., p. 215.

<sup>504</sup> MARITAIN, Jacques. **Por um humanismo cristão**. Op. cit. p. 150.

<sup>505</sup> PASCUAL. Francisco R. de. **Escritos Esenciales**, p. 37.

desenhada à sua frente<sup>506</sup>.

Mas, se Merton “esperava uma grande recepção por parte de Cristo e de seus anjos”, continua, “eu não a recebi, ao menos no plano sensível. [...] Contudo, não me importei”<sup>507</sup>. Em meio aos trabalhos que lhe foram destinados, como o de lavar os pratos e encerar o chão, Merton dedicava-se ao estudo do *Diretório Espiritual* que Frei Joaquim, mestre dos hóspedes, lhe deu. Contudo, antes, Merton precisava ser aceito no noviciado.

Menos de duas semanas nessa Abadia foi o período que Merton precisava para escrever uma de suas mais lindas orações, antecedendo a Missa de meia-noite, no Natal de 1941: “Tu não és como O tenho imaginado”.

Senhor, é quase meia-noite e estou te esperando na escuridão e no grande silêncio. Lamento todos os meus pecados. Não me deixe pedir mais do que ficar sentado na escuridão, sem acender alguma luz por conta própria, nem me abarrotar com os próprios pensamentos para preencher o vazio da noite na qual espero por Ti.

Deixa-me virar nada para a luz pálida e fraca dos sentidos, a fim de permanecer na doce escuridão da Fé pura. Quanto ao mundo, deixa-me tornar-me para ele totalmente obscuro para sempre. Que eu possa, deste modo, por esta escuridão, chegar enfim à Tua claridade. Que eu possa, depois de ter me tornado insignificante para o mundo, estender-me em direção aos sentidos infinitos, contidos em Tua paz e Tua glória.

Tua claridade é minha escuridão. Eu não conheço nada de Ti e por mim mesmo nem posso imaginar como fazer para Te conhecer. Se eu te imaginar, estarei errado. Se Te compreender, estarei enganado. Se ficar consciente e certo que Te conheço, serei louco. A escuridão me basta<sup>508</sup>.

Ao invés de se ater às normas que os postulantes deviam seguir, enquanto hóspedes, Merton se colocou na busca de alguma informação que lhe revelasse mais sobre a vocação cisterciense. De suas leituras, aprendia que “a santa missa, o Ofício divino, a oração e a leitura piedosa, que constituem os exercícios da vida contemplativa<sup>509</sup>, ocupavam a maior parte de seus dias”<sup>510</sup>. Afirmava, entretanto, que a linguagem utilizada, “leitura piedosa”, lhe soava de forma obscura, e que se sentia, de certa maneira, deprimido em contato com os “exercícios” presentes na vida contemplativa. Apontou que, nessa época, era incapaz de compreender o que uma vida em contemplação implicava, mas acreditava ser mais do que “passar muitas horas do dia na igreja e tantas outras horas em outros lugares, sem a preocupação de pregar sermões, dar aulas,

<sup>506</sup> BERTELLI, *Mística e compaixão*. Op. cit., p. 44.

<sup>507</sup> MERTON, Thomas. *MSP*. Op. cit., p. 338.

<sup>508</sup> MERTON, Thomas. *DSTM*. Op. cit., p. 5.

<sup>509</sup> Sobre o aprofundamento do tema da contemplação, indica-se: PEREIRA, Sibelius Cefas. **Thomas Merton**: contemplação no tempo e na história. São Paulo: Paulus, 2014.

<sup>510</sup> MERTON, Thomas. *MSP*. Op. cit., p. 339.

escrever livros ou visitar doentes”<sup>511</sup>.

Encontrou no *Diretório* algo sobre a contemplação mística com a informação de que esta “não era exigida”, mas Deus, por vezes, a “concedia”. Esse termo “conceder” lhe “soava mais ou menos como se a graça viesse até a gente vestida de crinolina”<sup>512</sup>, ou seja, a contemplação infusa<sup>513</sup>, para Merton, seria acessível somente aos santos. O que importava para esse candidato ao noviciado trapista, nesse momento, era atender à vontade divina tornando-se um monge, se assim fosse vontade de Deus. A preocupação em revelar ao padre- mestre seu passado equivocado antes da conversão veio à tona novamente, relembrando sua rejeição por parte dos Franciscanos e sua ausência de certeza quanto à sua vocação sacerdotal, mas de forma sucinta falava o que, segundo ele, precisava ser dito, sem reverberações negativas por parte de seu superior.

Após ser aceito no noviciado pelo então Abade Dom Frederic<sup>514</sup>, recebeu o nome de Frei Louis, e refletiu que a partir de então, seus “atos, pensamentos, desejos e palavras tornaram-se insuficientes [...]”. E prossegue, “descansar em Deus, dormir – por assim dizer – em Seu silêncio, permanecer em Sua treva; eis como me nutri e me desenvolvi durante sete anos”<sup>515</sup>.

Merton desenvolveu especial afeição por Dom Frederic. Após sua morte, o converso relatou a sensação de proximidade do Abade em sua vida, o que deveria durar para sempre.

---

<sup>511</sup> Idem.

<sup>512</sup> Ibidem.

<sup>513</sup> No pensamento de São João da Cruz, a contemplação infusa remete ao matrimônio místico que se inicia pela noite passiva dos sentidos. O movimento que abrange a união com Deus no pensamento desse místico é alicerçado amplamente no passivo e ativo exercício da fé-caridade-esperança. A *Vida teologal* abarca essas funções que implicam na totalidade de uma vida cristã, além da vida espiritual e mística. É pela fé que o indivíduo inicia seu processo de transformação, onde o ponto a ser alcançado é a união de amor, e a graça só é adquirida à medida que o homem se dispõe a recebê-la exercitando em seu interior as virtudes teológicas. RUIZ, Federico. **Místico e mestre São João da Cruz**. Op. cit., p. 91-92. *A Noite Escura* de São João da Cruz abarca todo o processo de purificação da alma que se coloca então disposta à união com Deus e recebe a graça de ser escolhida por Ele. Essa união é resultado da experiência que retrata o encontro de Deus com o homem, o que se dá em Cristo, através das verdades teológicas. É período obscuro e penoso a solicitar do ser, primeiramente, ao que se denomina Noite dos Sentidos, a mortificação do desejo. Num segundo momento, sendo retratada pela atuação da fé, a alma adquire segurança para realizar a ruptura com a realidade externa, que é fictícia, mesmo que esta não possa ser totalmente esclarecida pela razão. Por fim, na terceira fase, a Noite do Espírito, onde se dá a pura contemplação. A divinização do homem só pode ocorrer por Deus, e assim Ele o faz “em etapas sucessivas de um projeto unitário: desmonte, saneamento no vazio, reconstrução”. RUIZ, Federico. **Místico e mestre São João da Cruz**. Op. cit., p. 256.

<sup>514</sup> Frederic Dunne nasceu no ano de 1874. Foi ele o quinto Abade de Getsêmani. Sua função como prior vai de 1935 a 1948, ano de sua morte. Fez jus à característica da regra monástica de estrita observância junto a seus monges chegando a estimular o desenvolvimento intelectual desses. Foi sob a orientação desse frei que Merton escreveu sua autobiografia. SHANNON, William *et al.* **The Thomas Merton encyclopedia**. Op. cit., p. 121- 122.

<sup>515</sup> MERTON, Thomas. **SJ**. Op. cit., p. 217.

Refletindo seu reconhecimento à pessoa tão significativa em seus primeiros anos de vida monástica, escreveu: “enquanto viveu, sua simpatia foi viva e real. Não sei de ninguém, que tenha sido mais bondoso para comigo”<sup>516</sup>.

Em sua autobiografia, declarando que o Merton de *A montanha dos sete patamares* estava morto, revelou também que era preciso se purificar dos autoenganos e que “a maneira mais eficaz de nos desprendermos de nós mesmos é fazer com que nos detestemos pelo que nos tornamos pelo pecado [...]”<sup>517</sup>. Nesse sentido, noutra resposta a Mario Falsina, quando este indagou a Frei Louis que conselho o monge poderia endereçar aos jovens, a resposta traz à tona a importância das experiências já vividas pelo ser humano. Atentando à sua rogativa, respondeu:

Não esqueçam o passado, porque uma mera “perda de memória” condenará vocês a repetir os mesmos erros que foram praticados antes, mas não se vinculem ao passado, aprendam a ir além dele<sup>518</sup>.

Esse estar morto indicou a aniquilação de um antigo projeto existencial fundante de acontecimentos tortuosos pois, “uma vez acontecidos, eles ganham foros de eternidade, não podem deixar de terem sido feitos um dia. O que é perdoado, desfeito e destruído é o projeto de vida que gerava continuamente atos maus”<sup>519</sup>.

Merton apontou ainda que S. Bernardo percebeu como uma forma de valoroso progresso espiritual a presença do “homem velho” junto daquele que optou pela vida monástica. Sua vaidade, orgulho, enfim, as enfermidades da alma, são ponte para o trabalho de burilamento do ser. Merton descreveu, a 4 de maio de 1947, sobre sua condição existencial dentro da Trapa:

Fizestes minha alma para a Vossa paz e Vosso silêncio; todavia, ela se encontra lacerada pelo rumor de minha atividade e de meus desejos. Minha mente passa o dia crucificada em sua própria fome de experiências, ideias, deleites. [...] alegre-me pensar que estas páginas me mostrarão como sou ruidoso, cheio de algazarra de minhas paixões e imperfeições e dos grandes ferimentos abertos com que meus pecados me marcaram. Cheio de meu próprio vazio. Todavia, por mais arruinada que ela esteja, ainda viveis em minha casa!<sup>520</sup>

No capítulo que encerra sua obra *Águas de Siloé*, Frei Louis trata das características essenciais de um verdadeiro monge. Já em sua primeira página aponta: “enquanto o mundo se embriaga com o grande cálice da Prostituta de Babilônia, que é a guerra, Deus leva os Seus

---

<sup>516</sup> Idem, p. 133.

<sup>517</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 337.

<sup>518</sup> MERTON, Thomas. **RJ**. Op. cit., p. 349-350.

<sup>519</sup> BOFF, Leonardo. **A graça libertadora no mundo**. Op. cit, p. 190.

<sup>520</sup> MERTON, Thomas. **SJ**. Op. cit., p. 59.



escolhidos, os Seus eleitos, a mosteiros escondidos para refrigerá-los com a paz nascida do amor de irmãos que vivem juntos em unidade”<sup>521</sup>.

Deus é o único bem que cabe a um monge “possuir”. Estar de acordo com essa afirmativa é ter a seus olhos o desvelar do segredo da vida austera e penitente do cisterciense. Portanto, sua existência baseia-se no amor, “pois Deus é amor”. Se O amamos, possuímos-LO<sup>522</sup>.

O período de dois anos é muito pouco para permitir que se conquiste a fé em nível profundo, bem como o espírito de uma “vida em comum”. Somente depois da profissão dos votos é que se tem início seu burilamento em sentido mais profundo, enquanto monge da regra. Ali, seu contato com o Abade era geralmente semanal; dirigia-se a seu confessor até duas vezes semanais. Aqueles que não se adéquam às peculiaridades do noviciado desenvolvem uma personalidade desequilibrada ou então se viram para a fuga do claustro. A maior dificuldade estaria em abandonar seus projetos de vida até então. Apartar-se das ilusões oferecidas pelo mundo seria uma das menores provações.

É necessário se fazer conhecedor da verdadeira solidão que envolve todo o mosteiro. Engano é percebê-la revestida de egoísmo, pois a solidão verdadeira é a que ocorre em nível interior. No enlevo de uma contemplação interior, quando mais se aprofunda sua relação com Deus, mais estreita se torna sua vivência com os homens. E à medida que intensifica seu amor a Ele, o contemplativo pode exaltar seu amor naqueles com quem compartilha a vida<sup>523</sup>.

Para Merton, a busca de uma vida contemplativa abarcava justamente o meio purificador das mazelas do ser que nos faz “lembrar o que somos e quem Deus é... de modo a ficarmos nauseados de nós mesmos e nos voltarmos para ele”<sup>524</sup>. No processo de autoconhecimento que se seguiu na vida desse monge, percebe-se que as inquietações marcaram sua personalidade, acompanhando-o até sua “retirada” à “solidão”, sem jamais desvanecerem-se de todo.

Faltando poucos dias para sua ordenação, dizia arder de desejo da paz, da estabilidade, do silêncio de Deus, assim como do poder de Sua ação direta a retirar de suas costas o peso que trazia consigo, pois andava se “arrastando no mundo como se pesasse uma tonelada”<sup>525</sup>. Somente em 1948 Merton apontou que realmente se percebia como monge, “um monge cisterciense, sob os votos solenes, a caminho de ser padre. É quase inacreditável!”<sup>526</sup> A 25 de

---

<sup>521</sup> MERTON, Thomas. **AS**. Op. cit., p. 346-347.

<sup>522</sup> Idem, p. 349.

<sup>523</sup> Ibid., p. 359.

<sup>524</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 337.

<sup>525</sup> MERTON, Thomas. **SJ**. Op. cit., p. 219.

<sup>526</sup> MERTON, Thomas. **MI**. Op. cit., p. 57.

maio de 1949, Merton foi ordenado sacerdote – não que fosse obrigatório – e revelou, atestando sua condição existencial: “A verdade é que estou longe de ser o monge ou o clérigo que devia ser. Minha vida está numa grande confusão de subterfúgios semiconscientes que buscam evitar a graça e o dever”<sup>527</sup>.

Adentrar na Trapa foi uma escolha que refletiu não apenas a opção de Merton por viver uma vida firmada nos pilares contemplativos da Ordem, mas representou também o início de uma nova caminhada que deveria perfazer. Percebeu-se em seus primeiros passos, dificuldades em se firmar em solo místico, fato natural, uma vez que ao se “retirar do mundo”, o mundo não foi retirado de sua atmosfera existencial. Características de sua personalidade ainda arraigadas ao mundo secular haveriam de incomodá-lo. No entanto, a apreensão de seu novo paradigma existencial a ser vivido dentro do Claustro de Getsêmani lhe colocou na posição de uma infância contemplativa. Seus próximos passos se firmariam no decorrer de seu amadurecimento espiritual alcançado por seu próprio esforço, como S. João da Cruz assinalou ao demonstrar a escalada daquele que realizou a escolha de atender ao chamado de Deus, tratando dos desapegos dos quais as almas devem dispor para triunfar espiritualmente:

Convém saber que a alma, quando determinadamente se converte a servir a Deus, de ordinário é criada e regalada pelo Senhor, com o mesmo procedimento que tem a mãe amorosa com a criança pequenina. Ao calor de seus peitos a acalenta; com leite saboroso e manjar delicado a vai nutrindo, e em seus braços a carrega e acaricia. À medida, porém, que a criança vai crescendo, a mãe lhe vai tirando o regalo; e, escondendo o terno amor que lhe tem, põe suco de aloés amargo no doce peito; desce o filhinho dos braços e o faz andar por seus próprios pés, para que, perdendo os modos de criança, se habitue a coisas maiores e mais substanciais<sup>528</sup>.

De acordo com Pascual, os primeiros anos de Merton enquanto monge foram os anos mais conflitivos de sua vida, justamente pela dificuldade de conciliar contemplação e ação<sup>529</sup>. A experiência do Merton monge desde sua entrada na Estrita Observância no ano de 1941 deixava transparecer a certeza de sua opção quanto à vida monástica. Longe de eliminar o caráter de “buscador” – que jamais deixou de acompanhá-lo – em seus primeiros anos de trapista, estaria ainda a se firmar em seus próprios pés no solo místico de Getsêmani.

<sup>527</sup> MERTON, Thomas. **SJ**. Op. cit., p. 221.

<sup>528</sup> CRUZ, São João da. **Obras completas**. Petrópolis: Vozes, 2008a, p. 17.

<sup>529</sup> PASCUAL. Francisco R. de. **Escritos esenciales**. Op. cit., p. 34.

### 4.3.3 No ventre do paradoxo

Sabe alguém que encontrou sua vocação, quando cessa de pensar em como viver e começa a viver<sup>530</sup>.

Na viagem da vida na qual Merton se aventurou, em cada porto pelo qual passou foi, ao mesmo tempo, chegada e partida. Assim, ao entrar para o mosteiro, Merton colocou um “fim” nas coisas do mundo e iniciou, de forma mais profunda, sua caminhada mística. No entanto, tal escolha, como apontou Costa, “não encerrou a tensão vivida por ele em dois dos domínios que constituem em espécie de *cantus firmus* em sua vida adulta: a fé (e a melhor forma de vivê-la) e a escrita”<sup>531</sup>. Se por um lado sua vida de monge lhe afagou a alma numa aventura divina, por outro lhe abriu as portas para viver seu maior paradoxo: “uma luta gigantesca quanto à sua vocação”<sup>532</sup>.

A partir das observações profícuas de Pascual, é possível refletir sobre o ventre do paradoxo ao qual Merton se viu viajando, e como ele apontou a questão fundamental mertoniana: a procura por sua identidade, busca essa despertada a partir da leitura de Étienne Gilson<sup>533</sup>.

Dentre os votos realizados pelos monges, um dos mais significativos é o voto de estabilidade, onde “o monge renuncia à vã esperança de sair pelo mundo à procura do ‘mosteiro perfeito’”<sup>534</sup>. Da mesma forma que *Jonas*<sup>535</sup>, Merton foi tentado a desviar seu caminho daquele que Deus vinha lhe ofertar. *O Signo de Jonas*, de autoria do monge, é um livro cativante, onde Merton descreveu particularidades da vida monástica, edificadas a partir de orações, do valor fundamental da humildade e da entrega à uma vida norтеada pelo mistério. No entanto, é possível perceber na escrita um Merton em crise, que esbarra numa dúvida agonizante embasada em um desejo mais antigo: a de se tornar um cartuxo<sup>536</sup>. Para Merton, o voto de

<sup>530</sup> MERTON, Thomas. **LS**. Op. cit., p. 69.

<sup>531</sup> COSTA, Marcelo Timotheo da. **Sublimes experiências (meta) históricas...** Op. cit., p. 126.

<sup>532</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp...** Op. cit., p. 152.

<sup>533</sup> PASCUAL, Francisco R. de. **Escritos esenciales**. Op. cit., p. 41.

<sup>534</sup> MERTON, Thomas. **SJ**. Op. cit., p. 18.

<sup>535</sup> **A BÍBLIA SAGRADA**. Op. cit., Livro de Jonas.

<sup>536</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp...** Op. cit., p. 151-152. A Cartuxa foi fundada por São Bruno, em 1084. Mesmo vivendo uma vida eremítica, o fazem *em comunidade*. Seu tempo divide-se em trabalhos manuais, leitura espiritual ou estudos e no canto do ofício. É na solidão de sua cela monacal, que na verdade são pequeninas casas, que o cartuxo passa a maior parte do dia. Preferem a solidão a tudo o mais, entretanto, uma vez a cada semana, pelo período de três horas, todos os monges devem participar de um passeio a se realizar nas proximidades do edifício da Ordem. O intuito é interromper a solidão extrema vivenciada pelos monges cartuxos. Para a tradição cristã, o veio mais qualificado para o êxito de uma vida contemplativa real seria a dos eremitas. MERTON, Thomas. **VS**. Op. cit., p. 126-129; 139.

estabilidade foi o ventre da baleia<sup>537</sup>. Desejoso de uma solidão perfeita, vislumbrava na cartuxa a possibilidade de viver essa experiência, o que esse monge via como uma “tentação”. Na mesma obra, passagens refletem, em certa parte, a luta travada por Merton com ele mesmo e as dificuldades, por conseguinte, geradas:

Graças a Deus, me foi fácil esquecer o mundo assim que o deixei. Nunca desejei voltar. Contudo, me perguntei frequentemente se não deveria ir para outro mosteiro. [...] E por causa disso me tornei um transtorno para meu diretor espiritual<sup>538</sup>.

Merton narrou uma de suas conversas com seu Abade, em que se queixava por não ver seu progresso na Trapa, dizendo não viver a contemplação e a solidão da forma como pensava e que com isso sua vocação estaria na Cartuxa ou vivendo como um simples eremita<sup>539</sup>. Fato é que Merton foi chamado para viver uma vida contemplativa e, tempos mais tarde, assimilou a ideia de que a solidão é oferecida por Deus conforme a necessidade de cada um. Porém, antes de chegar a essa conclusão, experimentou muitos conflitos, dentre eles o reconhecimento de sua inquietude, sem por que: “É realmente ilógico que eu sinta tentação de trocar de convento e de Ordem religiosa”<sup>540</sup>. Em meio à suas dúvidas, algo já era certo: “Deus me deu uma vocação *contemplativa*. Com isso, Ele já assinalou um certo caminho, um certo alvo para mim; eis o que devo ter sempre em mente [...]”<sup>541</sup>. Porém, em posteriores conversas com seu Abade, a dúvida persistia:

Estive outra vez falando com o Irmão Abade a respeito do problema de minha vocação e ele garantiu-me mais uma vez, pacientemente, que tudo ia muito bem e que esta era a Ordem a que eu era chamado. No fundo, sei muito bem que ele está certo e que eu sou um idiota. Contudo, na superfície, tudo me parece estar errado. Como sempre, estou criando muito rebulição acerca de tudo isso<sup>542</sup>.

De acordo com Shannon, um ponto deve ser levado em conta: o de que Merton era sabedor de que seu livro passaria por cuidadoso exame por parte dos censores da Ordem. E realmente, o *Signo de Jonas* passou por muitas complicações antes de ser aprovado<sup>543</sup>. Nesse sentido, não se pode atingir a veracidade da situação, se Merton, de alguma forma, deixou de expressar suas reais considerações por motivos particulares pertinentes à Ordem.

---

<sup>537</sup> MERTON, Thomas. **SJ**. Op. cit., p. 18.

<sup>538</sup> *Idem*, p. 23.

<sup>539</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>540</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>541</sup> *Ibid.*, p. 40.

<sup>542</sup> *Ibid.*, p. 37.

<sup>543</sup> SHANNON, William H. **Silent lamp**... Op. cit., p. 152.

Outro ponto pertinente a ser elencado é a narração da história mertoniana por meio de seus diários e cartas, veículos esses que podem às vezes não representar fidedignamente a realidade de suas emoções, e requerem o cuidado do leitor em sua apreensão dos relatos. Em janeiro de 1948, Merton dá provas desse fato:

Acabo de ler algumas anotações que fiz no diário há um ano atrás [...], e me pergunto: sobre o que eu pensava estar falando? O que logo me impressiona é que praticamente tudo que escrevi sobre mim mesmo e minhas provações era tolice, porque eu tentava expressar o que eu achava que *devia* pensar, e não por alguma razão especialmente boa, em vez daquilo que realmente pensava. Eu não podia saber muito bem o que queria dizer, pois mal podia saber o que queria<sup>544</sup>.

Em meio aos seus conflitos quanto à Ordem, um retiro realizado anualmente no mosteiro, Merton e seus companheiros ouviram o incidente que aconteceu aos monges de Nossa Senhora da Consolação<sup>545</sup>, gerando, segundo o converso, uma impressão terrível. Como a história havia sido relatada no refeitório, alguns monges não conseguiram comer, tamanha a impressão e sensação negativas. Quanto a Merton, essa experiência provocaria profunda mudança.

A análise que Frei Louis fez dessa história o levou a perceber que aqueles monges ultrajados, se retirando da vida como mártires, eram monges como ele próprio, com idênticos problemas e dificuldades, levando-o a se interrogar “como é possível deixarmos de ver sob nova luz nossa vocação e nossas obrigações [...]”<sup>546</sup>. O fato, como assinalou Merton, é que “no fim do retiro, perdi subitamente qualquer vontade de me fazer Cartuxo”<sup>547</sup>. Mesmo não entrando “para a cartuxa, em certa medida trouxe-a para dentro da Trapa”<sup>548</sup>.

No interior do paradoxo de sua vocação trapista encontra-se outra questão paradoxal: o Merton escritor dentro da Trapa. Não foi pequena a luta desse monge em resistir à escrita. O pensamento de servir a Deus parecia se afastar, ao mesmo tempo em que sua atenção, dentro do mosteiro, voltava-se para a literatura. Atentamos para uma análise de Teilhard de Chardin quanto ao assunto, em sua obra *O meio divino*:

Concedo-vos que há uma coisa terrivelmente decepcionante e é que muitos cristãos, muito conscientes das responsabilidades « divinas » da sua vida,

<sup>544</sup> HART, Patrick; MONTALDO, Jonathan **Merton na intimidade...** Op. cit., p. 32 p. 55.

<sup>545</sup> O mosteiro de Nossa Senhora da Consolação foi tomado pelos comunistas; sujeitando os monges chineses a humilhações de várias ordens, estes foram sucumbindo aos poucos. Os sobreviventes, que receberam liberdade, foram conduzidos a Pequim. Cf. MERTON, Thomas. **SJ**. Op. cit., p. 93.

<sup>546</sup> Idem, p. 94.

<sup>547</sup> Ibid., p. 94.

<sup>548</sup> PEREIRA, Sibélius Cefas. **Thomas Merton...** Op. cit., p. 87.

vivem como os outros homens, num esforço, sem conhecerem o aguilhão ou a embriaguez do Reino de Deus que se há de promover a partir de todos os níveis humanos. Mas aqui não critiqueis senão a nossa fraqueza. Em nome da nossa fé, nós temos o direito e o dever de nos apaixonarmos pelas coisas da Terra<sup>549</sup>.

Não se trata de questionar a figura mertoniana quanto à consciência de se saber cristão, uma vez que inúmeras provas já perfilaram em seus livros, diários, cartas e em diversos meios pelos quais essa figura singular se fez conhecer. A questão aqui exposta gira em torno de uma possível dificuldade desse monge em atender ao “chamado” divino, apreciando e utilizando-se de um mecanismo da escrita, coisa que, para ele, parecia o afastar da tão desejada solidão e da vida contemplativa. Através da própria escrita nos idos de 1948, exprimiu um pouco de seu estado de espírito quanto à questão, como podemos observar no excerto a seguir:

Mas agora havia esta sombra, este sócia, este escritor que me acompanhara para dentro do claustro.  
 Ele está nos meus calcanhares. Ele monta nos meus ombros, às vezes como o velho do mar. Não consigo me livrar dele. Usa ainda o nome de Thomas Merton. Será o nome de um inimigo?  
 Presume-se que esteja morto.  
 Mas está à espera e me encontra na entrada de todas as minhas orações, segue-me para dentro da igreja. Ajoelha-se comigo atrás da pilastra, o Judas, e fala-me o tempo todo ao ouvido.  
 É um empresário. Está cheio de ideias. Emite opiniões e traça novos esquemas. Ele gera livros no silêncio, que devem ser doces com a escuridão infinitamente produtiva da contemplação.  
 E o pior de tudo é que há superiores meus a favor dele. Não querem expulsá-lo. Não devo me livrar dele.  
 Talvez, no final de tudo, ele me mate e beberá o meu sangue. Ninguém parece entender que um de nós dois tem demorrer.  
 Às vezes fico mortalmente apavorado. Há dias em que parece que nada sobrou de minha vocação – de minha vocação contemplativa a não ser poucas cinzas. E todos me dizem com absoluta calma: “Tua vocação é escrever”<sup>550</sup>.

Já em 1949, em *Águas de Siloé*, Merton deu continuidade à manifestação de sua incompreensão quanto ao caminho tomado por ele nas trilhas literárias em Getsêmani. O trecho que se segue é uma forma de levar o leitor a tal percepção:

Em consequência, o pior infortúnio que pode acontecer a um monge cisterciense é adquirir coisas, reconquistar aquela posse e domínio de suas próprias faculdades a que se supõe haja renunciado e transferido para o completo poder de Deus<sup>551</sup>.

<sup>549</sup> CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O meio divino...** Op. cit., p. 69-70.

<sup>550</sup> MERTON, Thomas. **MSP.** Op. cit., p. 370.

<sup>551</sup> MERTON, Thomas. **AS.** Op. cit., p. 348.

A 16 de março de 1947, faltando três dias para realizar seus votos solenes, escreveu em seu diário sobre seu desejo de não mais escrever poemas, de evitar qualquer movimento que o afastasse da solidão e que o levasse para uma vida realmente contemplativa, o que lhe foi negado pelo Reverendo Abade. Era interessante para a Trapa que Merton não abandonasse seu lado escritor. Seus livros haviam se tornando *best-sellers*, por conseguinte, a condição financeira da Trapa sentiu sensível melhora<sup>552</sup>.

Se outrora os Trapistas se opunham fortemente à atividade intelectual de seus monges, Merton, apesar das dificuldades, rompeu mais uma barreira, fazendo jus ao título de figura polêmica do catolicismo do século XX. A Ordem Cisterciense vinha passando real transformação, refletindo novos pontos de vista, principalmente no que tange à literatura cisterciense.

Merton não esperava, como também não era de seu desejo, tornar-se conhecido. Explicando a crise que tivera em 1949 quando se sentiu incapaz de escrever, aludiu como umas das causas do problema a vergonha em ser famoso, pois “um monge Trapista é um ser que deixou o mundo atrás de si”<sup>553</sup> e a não conquista de tal fato, para Merton, revestia-se de derrota. Pereira atenta para o fato de que Merton, mesmo podendo se tornar um escritor famoso, não aderiu a uma “carreira” que provavelmente seria marcada pelo sucesso. E “se o encontro com a escrita aconteceu, até por incentivo da Ordem, não se pode esquecer o fato de que, num primeiro momento, ele esteve totalmente disposto a renunciá-la”<sup>554</sup>. Anos mais tarde diria: “Cada livro que escrevo é um espelho de meu próprio caráter e de minha consciência. Sempre volto a abri-lo, já impresso, com uma vaga esperança de achar minha imagem agradável; mas isto não acontece nunca”<sup>555</sup>.

Em seu diário, em 5 de maio de 1947, relatou que seu novo confessor chamando disse-lhe que deveria estar certo quanto à sua vocação trapista; que não seria viável sua mudança de Ordem para os cartuxos, fato esse que seria impedido não só pelo abade geral, mas também pelo superior da Ordem. O melhor a se fazer, dizia o confessor, era esquecer tal ideia e entregar-se a Deus<sup>556</sup>. No entanto, quase dois anos mais tarde, padre Anthony lhe diria de sua não oposição caso ele se decidisse pela cartuxa<sup>557</sup>.

A rede de conflitos que Merton vivenciou em seus primeiros anos de monge o levou a

<sup>552</sup> LIMA, Alceu Amoroso. **Memórias improvisadas**. Op. cit., p. 295.

<sup>553</sup> MERTON, Thomas. **SJ**. Op. cit., p. 146.

<sup>554</sup> PEREIRA, Sibélius Cefas. **Thomas Merton...** Op. cit., p. 107.

<sup>555</sup> MERTON, Thomas. **SJ**. Op. cit., p. 188.

<sup>556</sup> MERTON, Thomas. **MI**. Op. cit., p. 54.

<sup>557</sup> Idem, p. 60.

particular reflexão em seus “nove anos de idade”. Em 16 de novembro de 1947, relatou:

A primeira coisa que me ocorreu hoje é que minhas mãos ainda estão muito ocupadas com minha própria vida.

Meu Deus, não tenho vivido como um monge, como um contemplativo. A coisa básica, essencial, está faltando. Digo sempre que confio em Vós. Mas minhas ações provam que só confio em mim próprio [...]”<sup>558</sup>.

Costa apontou um Merton em conflito com suas vocações. Por um lado, seu amor à escrita e o desejo de não se abdicar dela, por outro, a apreensão de que seu laço estreito com as palavras lhe desvirtuasse quanto à sua postura enquanto monge e seus peculiares comprometimentos, como a humildade<sup>559</sup>. Apesar de seus conflitos nessa ordem, foi capaz de enxergar nessa vocação literária um meio de vivenciar mais intensamente sua vocação de monge. Ao tempo em que Merton se firmou como escritor, segundo ele, sob a forma de resignação, percebeu não haver empecilhos quanto a rezar, escrever e viver na solidão, ao mesmo tempo. Em setembro de 1949, escreveu em seu diário sobre sua nova postura perante a questão da escrita/mosteiro:

Às vezes eu sinto que gostaria de parar de escrever, precisamente como um gesto de desafio. Em qualquer caso, espero parar de publicar por um tempo, porque acredito que agora se tornou impossível para mim parar de escrever por completo. Talvez continue a escrever no meu leito de morte, e até mesmo ter algum papel de amianto comigo, a fim de continuar a escrever no purgatório. Só que espero que Nossa Senhora arranje alguma vitória milagrosa sobre meus pecados e assim tornará o purgatório desnecessário<sup>560</sup>.

Quanto à sinceridade do autor ao refletir sobre sua aceitação como um monge trapista, o belo poema que se segue tem muito a dizer sobre essa experiência:

Darei o que desejas. Eu te levarei para a solidão. Eu te levarei pelo caminho que talvez não compreendas, porque eu quero que seja o caminho mais rápido. Por isso todas as coisas ao teu redor se armarão contra ti para te negarem, te ferirem, te causarem sofrimento, e assim te reduzirem à solidão.

Por causa da inimizade delas, cedo ficarás sozinho. Vão expulsá-lo, abandoná-lo, rejeitá-lo, e estarás só.

Tudo quanto te tocar te queimará, e tu retirarás tua mão dolorida, até que hajas afastado de tudo. Então estarás realmente só.

Tudo o que pode ser desejado vai queimar-te, serás marcado como ferro em brasa, então fulgirás disso com dor e ficarás só. Toda alegria criada só chegará a ti como sofrimento, então morrerás para toda alegria e ficarás só.

Todas as boas coisas que as outras pessoas amam, desejam, e procuram só chegarão a ti como assassinos para cortar-te do mundo e de suas ocupações. Serás elogiado, mas a sensação será como se estivesses queimando na

<sup>558</sup> MERTON, Thomas. **SJ**. Op. cit., p. 91.

<sup>559</sup> COSTA, Marcelo Timotheo da. **Sublimes experiências (meta) históricas...** Op. cit., p. 126.

<sup>560</sup> MERTON, Thomas. **ES**. Op. cit., p. 365.



fogueira. Serás amado, mas isto matará teu coração e te levará para o deserto.

Terás dons, mas eles o quebrarão com seu peso. Terás prazeres na oração, mas eles te darão náuseas e fugirás deles.

E quando tiveres sido louvado um pouco e amado um pouco, eu tirarei todos os teus dons, todo o teu amor e todo o teu louvor; tu serás totalmente esquecido e abandonado, não serás mais nada, uma coisa morta, um refugio. Neste dia começarás a possuir a solidão que há tanto tempo desejas. E tua solidão produzirá abundante fruto nas almas das pessoas que nunca verás sobre a terra. Não perguntes quando será, onde será ou como será: numa montanha ou numa prisão, num deserto ou num campo de concentração, num hospital ou em Gethsemani. Não importa. Por isso não me perguntes, porque não te direi. Não saberás de nada, até que estejas lá dentro.

Mas provarás a verdadeira solidão da minha angústia e da minha pobreza, eu te levarei para os lugares altos de minha alegria, tu morrerás em mim e encontrarás em minha misericórdia que te criou para esta finalidade, trazendo-te de Prades para Bermuda, para Sto. Antonin, para Oakham, para Londres, para Cambridge, para Roma, para Nova York, para Columbia, para Corpus Christi, para St. Bonaventure e para a abadia cisterciense dos pobres homens que trabalham em Gethsemani:

Para que possas ser irmão de Deus e possas aprender a conhecer o Cristo das pessoas consumidas<sup>561</sup>.

Assim, como a solidão foi ponto crucial em sua vida na Trapa, importante é demonstrar que tal sentimento não se revestiu de egoísmo, ao contrário, através da solidão, buscando por uma vida contemplativa, uma vida tecida pelo amor a Deus, desenvolveu uma forma particular e espirituosa de amor ao próximo. Se “toda conversão, ao que parece, traz em si uma certa revelação do caráter ou da personalidade do convertido”,<sup>562</sup> a solidão inerente à personalidade de Merton desde a infância manifestou-se no mosteiro em sua mais bela forma. Merton foi ordenado a 25 de maio de 1949, tratando-se de mais uma etapa em sua trajetória de homem converso que persistiu por todos seus dias como monge.

<sup>561</sup> MERTON, Thomas. **MSP**. Op. cit., p. 380-381.

<sup>562</sup> GOUHIER, Henri, **Blaise Pascal**: conversão e apologética. São Paulo: Discurso editorial, 2006, p. 21.

## 5 CONCLUSÃO

É ao mesmo tempo perigoso e fácil detestar o homem tal como ele é porque não o é ‘o que deveria ser’. Se não respeitarmos em primeiro lugar o que ele é, jamais permitiremos que se torne o que deve ser. Em nossa impaciência, o eliminaremos totalmente<sup>563</sup>.

Mediante o extenso território de materiais sobre Thomas Merton abrangendo suas obras, bem como inúmeras pesquisas por parte de muitos estudiosos, é singela a contribuição presente nessas linhas. No entanto, intensa foi a busca por tentar trazer ao leitor tal parcela que visou contribuir no âmbito de entendimento sobre o monge converso.

Thomas Merton experienciou o processo de conversão deixando, como apontou em sua autobiografia *A montanha dos sete patamares*, sua condição de “ateu” para abraçar o cristianismo. Elucidou ter sido seu batismo em águas católicas o início de sua escalada moral e espiritual. Analisamos seu processo como uma expressão de sua intelectualidade como porta para adentrar na atmosfera que iria lhe conferir o nascimento do *homem novo*, sem, no entanto, deixar de qualificar toda sua experiência anterior àquela, na Universidade de Columbia.

Tratar do tema conversão de Merton significou acompanhá-lo, de certa forma, nos momentos de construção de sua espiritualidade arrebatada pelo mistério. Em sua vida, os fatos da existência não se manifestaram isolados do todo, embora a solidão tenha sido uma constante. Sua memória adulta, por sob as paredes do claustro, trouxe de volta a sensibilidade de sua infância, retratando o tempo em que se via sob os cuidados “severos” de sua mãe, e rodeado pelo cheiro das tintas frescas dos quadros pintados pelo pai e toda sua marcante influência; seu senso de religiosidade foi, artística e naturalmente, arquitetado pela figura paterna.

Nas escolas pelas quais passara deixou perceber, através de seu crescimento, a presença de intensa solidão, como nas colinas de Oakham, onde se perdia, ora a contemplar o movimento das nuvens no céu, ora nas reflexões de suas leituras. Seu espírito aventureiro o levou para diversas paragens, inclusive para esferas que se tornaram refúgios onde, de seus interiores, podia-se ouvir, mesmo que ao longe, o som reverberante da arte bizantina das Igrejas de Roma, ou até mesmo “ouvir a voz” de figura tão amada, que o deixara aos seus dezesseis anos; muitos foram os chamados ignorados por ele, no entanto, a seu tempo, atendeu ao convite divino.

Antes de sua ascensão, deveria ainda descer aos recônditos de suas ilusões. Chegando à

---

<sup>563</sup> MERTON. Thomas. REC. Op. cit., p. 168.

Cambridge, realizou sua inversa escalada, perdendo-se em paixões para depois começar a “subir ao fundo” de sua alma em Columbia. Nessa Universidade, Merton prosperou através de seus passos como universitário, não sem antes correr o risco de uma derrocada maior, despertando a tempo. O contato estabelecido com o comunismo lhe abriu as portas para seu senso humanitário. Do rico campo literário que o envolvera, aprendeu, a partir das leituras que realizou, a compreensão de um conceito válido de Deus e da fé católica; da possibilidade de um contato de ordem sobrenatural com o divino; do despertar de um pouco de fé e amor em seu espírito; e da fundamental presença de tais sentimentos a regerem questões sociais da existência, bem como a influência de um exemplo de conversão que o levou a experimentar seu salto da fé.

Se a influência literária foi uma forma operante e grandiosa da graça em sua vida, a graça da amizade a suplantou. Através de seu contato com seus amigos e suas respectivas experiências existenciais, foi enriquecido por conhecimentos, que muitas das vezes lhe chegavam como surpresas.

A visão de Merton à época em que escreveu sua autobiografia *A montanha dos sete patamares* refletiu, como ponto fundamental em seu processo de conversão, a graça. E à medida que sua sensibilidade para o mistério se desenvolvia, alcançava um maior vislumbre da ação do amor de Deus em sua vida, que cada vez mais, ia lhe revelando sua face, nas Igrejas de Cuba, na paz sentida em São Boaventura, na opção de se doar aos negros do Harlem, na tocante aspiração de servir a Deus, no envolvimento com a vida trapista naqueles particulares dias da última Semana Santa que viveria como homem secular.

Seus primeiros anos como monge enfatizaram características fundamentais da Ordem pela qual foi acolhido em meio a uma vida de oração e humildade. Seus passos iniciais de monge contemplativo vieram reafirmar o lugar que a solidão sempre tivera em sua existência, só que agora possibilitando início a uma solidão altruísta. Prosseguia a sua busca, envolto por uma sede aventureira, levando-o a viajar no “ventre do paradoxo”. Como assinalou Lima, Merton morreu sem que houvesse cessado a curiosidade, outro traço marcante de sua personalidade, curiosidade presente em seu desejo de experimentar outra forma de solidão, talvez mais intensa, na Ordem Cartuxa.

Ao afirmar que o Merton de *A Montanha dos sete patamares* estava morto, seu intento foi demonstrar uma forma singular de aniquilamento referente a seu passado, pois trazia consigo a consciência quanto à impossibilidade dos acontecimentos passados serem desfeitos. Por mais que Merton tenha colocado para si tal morte, deve-se ter na memória que toda sua travessia espiritual representou uma caminhada “paradigmática” composta de experiências que foram

construindo e lapidando sua personalidade. O “velho” Merton fez-se ponte para o Merton renascido e tão nobre dentro da mística cristã. Se hoje é possível ser tocado por tamanha sensibilidade e um rico panorama do Merton contemplativo, do buscador do diálogo, do ativista social, do poeta e do escritor, foi em função da estrada percorrida por esse homem em seus tempos primeiros, transpassando obstáculos que, em verdade, constituíram os patamares de sua ascensão.

O presente estudo buscou elencar a conversão de Merton como um processo que não acabaria naquele 16 de novembro de 1938, quando escolheu se tornar membro da Igreja Católica, nem mesmo quando optou por viver como um monge.

Em seu poema “The Biography” (A Biografia), Merton narrou, de forma espirituosa, sua trajetória. Através de suas palavras, poder-se-á imaginar a amplidão para onde seu *salto* o direcionou em um voo incessável, pois sua conversão nunca teve fim:

Oh leia os versos dos chicotes carregados,  
E o que está escrito em suas terríveis marcas:  
“O Sangue escorre pelos muros da cidade de  
Cambridge. Tão inúteis quanto as Águas do estreito  
rio-  
Enquanto bar e beco Apostam por Sua veste”.

Embora minha vida esteja escrita no Corpo de Cristo  
como um mapa,  
As unhas imprimiram naquelas mãos  
abertas Mais do que nomes abstratos de  
pecados, Mais do que os países e as  
cidades,  
Os nomes das cidades, os números das  
casas, O Registro dos dias e das noites,  
De quando eu O assassinei em cada praça e rua.

Lança e espinho, e chicote e unha  
Fizeram mais que tudo de Sua Carne minhas  
memórias. Minhas jornadas mais do que ferem Seus  
pés sangrando.

Cristo, do meu berço, eu O reconheci em todos os lugares,  
E apesar de ter pecado, eu caminhei em Vós, e  
sabia que Você era meu mundo:  
Você era minha França e Inglaterra,  
Meus mares e minha América:  
Você era minha vida e ar, e ainda assim Você não me pertencia.

Oh, quando O amei, mesmo quando Te odiei,  
 Amando e mesmo assim Te recusando em todas as glórias  
 de Seu universo

Foi a Sua Carne viva que eu rasguei e pisoteei,  
 não o Ar e terra:  
 Não que Você nos sinta, nas coisas criadas,  
 Mas conhecendo Você, nelas, fez cada pecado um  
 sacrilégio; E cada ato de cobiça se tornou uma profanação  
 Estragou e O desonrou como em Sua Eucaristia

E ainda assim com cada ferida Você me roubou de um  
 crime, E como cada golpe foi pago com Sangue,  
 Você também me pagou cada grande pecado com graças  
 maiores. Pois mesmo O tendo matado,  
 Você Se transformou em um ladrão maior do que qualquer outro em  
 Sua companhia,  
 Roubando meus pecados para Sua vida que morre,  
 Me roubando até mesmo de minha morte.

Onde, em qual cruz minha agonia  
 Virá Eu não pergunto a Você:  
 Pois é escrito e realizado aqui,  
 Em cada Crucifixo, em cada  
 altar.  
 É minha narrativa que se afoga e é  
 esquecida Em Seus Cinco Jordões abertos,  
 Sua voz que grita minha: "*Consummatun est*".

Se em Sua vida e morte de Jornada com a Cruz e a minha (vida) são uma  
 única,  
 O amor me ensina a ler, em Você, o resto de uma nova  
 história. Eu revivi meus dias de volta à outra infância,  
 Trocando, conforme eu vou,  
 Nova Iorque e Cuba por sua  
 Galileia, E Cambridge por Sua  
 Nazaré,  
 Até que retorno ao meu começo,  
 E encontro uma manjedoura, estrela e  
 palha, Um par de animais, alguns homens  
 simples, E só assim eu aprendo que eu  
 nasci,  
 Agora não na França, mas em Belém<sup>564</sup>.

---

<sup>564</sup> "BIOGRAPHY". In: The Collected Poems of Thomas Merton. New York: New Directions Publishing Corporation, 1977.

## REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Parte I – Canto XIV. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1979.

**A BÍBLIA SAGRADA**. Trad. português por Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. (Trad. J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina). 24ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ALVES, Rubem. **Religião e repressão**. São Paulo: Loyola, 2005, 24.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ARAÚJO, Luiz Gonzaga Sampaio de. **Kenósis e compaixão: perspectivas de diálogo inter-religioso entre cristianismo e budismo a partir da contribuição de Thomas Merton e Daisetz Teitaro Susuki**. (Dissertação de Mestrado). Juiz de Fora: UFJF, 1999.

AZPITARTE, Eduardo López. **Culpa e pecado: responsabilidade e conversão**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado e sociologia do conhecimento**. 13ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERTELLI, Getúlio Antonio. **Mística e compaixão**. (Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontífca Universidade Católica do Rio de Janeiro, 367p.). Rio de Janeiro, 2005.

BLAKE, William. **O matrimônio do céu e do inferno e O livro de Thel**. (pg.59-60) Edição Bilingue. Trad. José Antônio Arantes, Iluminuras, São Pulo, 1987.

\_\_\_\_\_. **Poesia e prosa selecionadas**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

\_\_\_\_\_. **Canções da inocência e da experiência**. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. **História da filosofia cristã**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo: ensaio sobre a vocação humana**. Petrópolis: Vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. **A graça libertadora no mundo**. Petrópolis: Vozes, 1976.

\_\_\_\_\_. **Mística e espiritualidade**. 4.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O meio divino**: ensaio de vida interior. Trad. Manuel Versos de Figueiredo, Lisboa: S. J. Editorial Presença Ltda., S/data. Título Original: *Le milieu Divin*.

CORBIN, Alain. (Org.) **História do cristianismo**: para compreender melhor o nosso tempo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CONN, Water E. **Christian conversion**: a developmental interpretation of autonomy and surrender. Eugene, Oregon: Wipf and stock Publishers, 1986.

COSTA, Marcelo Timotheo da. **Sublimes experiências (meta) históricas**: relatos de viagem de Thomas Merton. In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (org.). **Mística e literatura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

CRUZ, São João da. **Obras completas**. Petrópolis: Vozes, 1998b.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo**: a culpabilização do ocidente (séculos 13-18). Trad. Álvaro Lorencini. Bauru: EDUSC, 2003, v.2.

\_\_\_\_\_. **História do medo no Ocidente, 1300-1800**: uma cidade sitiada. Trad. Maria Lucia Machado. 6ed. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

DICK, André. **Quem foi Gerard Manley Hopkins**. Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2340&secao=282](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2340&secao=282)>. Acesso em: 08 mar. 2016.

DONNE, John. **O poeta do amor e da morte**. São Paulo: J.C. Ismael Editor, 1985.

FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 1993.

GANDHI, Mahatma. **A roca e o calmo pensar**. 3ed. São Paulo: Palas Athena, 2001.

GEMELLI, Agostinho (O.F.M.). **O franciscanismo**. Petrópolis: Vozes, 1944.

GILSON, Étienne. **O espírito da Filosofia Medieval**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006b.

GOUHIER, Henri. **Blaise Pascal**: conversão e apologética. São Paulo: Discurso editorial, 2006.

HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e Filosofia Antiga**. Coleção Filosofia Atual. São Paulo: É Realizações, 2014.

HUGON, Pe. Édouard Hugon. **Os princípios da Filosofia de São Tomás de Aquino**: as vinte e quatro teses fundamentais. Trad. Odilão Moura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. (Coleção Filosofia, n.77).

HUXLEY, Aldous. **A filosofia perene**. (Trad. Octavio Mendes Cajado). São Paulo: Círculo do livro, 1945.

**IMITAÇÃO DE CRISTO**. Trad. Pe. Leonel Franca, S.J. 8.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1970.

JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa**: um estudo sobre a natureza humana. (Trad. Octávio Mendes Cajado). São Paulo: Cultrix, 1995.

JESUS, Santa Teresa. **Castelo interior ou moradas**. 3.ed. Rio de Janeiro: Edições Paulinas – Carmelo de Cotia, 1984.

KELTY, Pe. Mathew. **Uma carta sobre a morte de Thomas Merton**. Disponível em: <<http://reflexoes-merton.blogspot.com.br/2008/12/uma-carta-sobre-morte-de-thomas-merton.html>>. Acesso em: 24 out. 2014.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. 6.ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, s/d.

LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. **Dicionário de teologia fundamental**. Petrópolis, Aparecida: Vozes, Santuário, 1994.

LEITE, Fábio Luiz de Almeida. **A reconversão de Alceu Amoroso Lima a partir da troca epistolar com Jackson de Figueiredo**. (Dissertação de Mestrado). Juiz de Fora: UFJF, 2014.

LEWIS, R.W.B. **Dante**. Coleção Breves Biografias. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LIBÂNIO, João Batista. **Introdução à vida intelectual**. 2ed. São Paulo: Loyola, 2001.

LIMA, Alceu A. **Memórias improvisadas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LUCCHESI, Marco. **Nove cartas sobre a Divina Comédia**: navegações pela obra clássica de Dante. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

MANNES, João (OFM). **O transcendente imanente**: a filosofia mística de São Boaventura. Petrópolis: Vozes e São Boa Ventura: Faculdade de Filosofia, 2002.

MARITAIN, Jacques. **Por um humanismo cristão**. São Paulo: Paulus, 1999. MERTON, Thomas. **O signo de Jonas**. São Paulo: Mérito, 1954.

\_\_\_\_\_. **Águas de Silóé**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1957.

\_\_\_\_\_. **Ascensão para a verdade**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1958.

\_\_\_\_\_. **Diário secular de Thomas Merton**. Petrópolis: Vozes, 1961.

\_\_\_\_\_. **Questões abertas**. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

\_\_\_\_\_. **Sementes de destruição**. Petrópolis: Vozes, 1966.



- \_\_\_\_\_. **O homem novo**. Rio de Janeiro: Agir, 1967a.
- \_\_\_\_\_. **Gandhi e a não violência**. Petrópolis: Vozes, 1967b.
- \_\_\_\_\_. **Reflexões de um espectador culpado**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- \_\_\_\_\_. **Poesia e contemplação**. Rio de Janeiro: Agir, 1972.
- \_\_\_\_\_. **My argument with Gestapo: a macaronic Journal**. New York: A New Direction Book, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Homem algum é uma ilha**. 6ed. Rio de Janeiro: Agir, 1976.
- \_\_\_\_\_. **The Collected Poems of Thomas Merton**. New York: New Directions Publishing Corporation, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Vow of conversation**. Editado por Naomi Stone. New York: Farrar; Straus and Giroux, 1988.
- \_\_\_\_\_. **The road to joy: letters to new and old friends**. (Selected and edited by Robert E. Daggy). New York: Farrar/Straus/Giroux, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Run to the mountain: the story of a vocation**. New York: Happer Collins Paperback Editions, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Entering the silence: becoming a monk and writer**. The journals of Thomas Merton. volume two 1941-1952. New York: HarperCollins, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Ascensão para a verdade**. (Trad. D. Timóteo Amoroso Anastácio, O.S.B.) Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Itatiaia, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Novas sementes de contemplação**. Rio de Janeiro: Fissus, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Merton na intimidade: sua vida em seus diários**. HART, Patrick; MONTALDO, Jonathan (eds). Rio de Janeiro: Fissus, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A vida silenciosa**. 4ed. Petrópolis: Vozes, 2002a.
- \_\_\_\_\_. **Na liberdade da solidão**. 3ed. Petrópolis: Vozes, 2002b.
- \_\_\_\_\_. **Diálogos com o silêncio: orações e desenhos**. Rio de Janeiro: Fissus, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A sabedoria do deserto**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.
- \_\_\_\_\_. **Amor e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.
- \_\_\_\_\_. **Cartas a escritores: coraje para la verdad**. Buenos Aires: Grupo Editorial Lumen, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Paz na era Pós-Cristã**. Aparecida: Santuário, 2007.

**MYSTERIUM SALUTIS.** Compêndio de dogmática Histórico-Salvífica. A Igreja 7ª Graça. IV 7. Petrópolis: Vozes, 1978.

MOTT, Michael. **The seven mountains of Thomas Merton.** Boston: Houghton Mifflin Company, 1984.

NAVA, Pedro. **O círio perfeito.** 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NOUWEN, Henri J.M. **Oração pela vida:** o comprometimento contemplativo de Thomas Merton. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

**PADRES APOSTÓLICOS.** (Trad. Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin). 4.ed. São Paulo: Paulus, 2008.

PASCUAL, Francisco R. de. **Thomas Merton:** escritos esenciales. Maliaño: Editorial Sal Terrae, 2006.

PEREIRA, Sibelius Cefas. **Thomas Merton:** contemplação no tempo e na história. São Paulo: Paulus, 2014.

RAHNER, Karl. **Quem é teu irmão.** Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1986. Título original: *Wer ist dein Bruder?*

\_\_\_\_\_. **Teologia e Antropologia.** São Paulo: Paulinas, 1969.

ROOS, Jonas. **Razão e fé no pensamento de Søren Kierkegaard:** o paradoxo e suas relações. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

RUIZ, Federico. **Místico e mestre São João da Cruz.** Trad. de Frei Patrício Sciadini, O.C.D. Petrópolis: Vozes, 1995.

SALOMÃO, Norma Ribeiro Nasser. **O outro lado da montanha:** Thomas Merton – uma perspectiva dialogal. (Dissertação de mestrado). Juiz de Fora: UFJF, 2008.

\_\_\_\_\_. **Thomas Merton e o zen budismo.** (Tese de doutorado) Juiz de Fora: UFJF, 2014.

SCHERER, Burkhard (org.). **As grandes religiões.** Petrópolis: Vozes, 2005.

SHANNON, William H. **Silent lamp:** the Thomas Merton Story. New York: Crossroad, 1992.

SHANNON, William *et al.* **The Thomas Merton encyclopedia.** Maryknoll: Orbis Books, 2002.

SILVA, Ir. Maria Emmanuel de Souza e. **Thomas Merton:** um homem feliz. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SINGER, Isaac Bashevis. **O penitente.** Porto Alegre: LP&M Pocket, 1998.

TEIXEIRA, Faustino Luiz C. (org.). **Sociologia da religião:** enfoques teóricos. Petrópolis:

Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **No limiar do mistério** – artigo: O método de Deus. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. “O mistério e a palavra”. In: **Poesia sempre**: mística e poesia. n.31, Ano 16, 2009.

\_\_\_\_\_. **Buscadores do diálogo**: itinerários inter-religiosos. São Paulo: Paulinas, 2012.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

TREVISAN, Armindo. **O rosto de Cristo**: a formação do imaginário e da arte cristã. 2ed. Porto Alegre: Age, 2003.

VIZIOLI, Paulo. **John Donne**: o poeta do amor e da morte. Antologia Bilingue. São Paulo: J.C. Ismael, 1985.